

DEISE BAGGENSTOSS

**POEMAS E NARRATIVAS CURTAS DA LITERATURA MATO-
GROSSENSE: PRODUÇÃO DE LEITURA E DE TEXTOS
MULTIMODAIS**

Sinop
2018

DEISE BAGGENSTOSS

**POEMAS E NARRATIVAS CURTAS DA LITERATURA MATO-
GROSSENSE: PRODUÇÃO DE LEITURA E DE TEXTOS
MULTIMODAIS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Profa. Dra. Marta Helena Cocco

Sinop

2018

CIP - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B144p BAGGENSTOSS, Deise .
Poemas e Narrativas Curtas da Literatura Mato-Grossense:
Produção de Leitura e de Textos Multimodais / Deise
Baggenstoss - Sinop, 2018.
183 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão Final - Curso de Pós-graduação
Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de
Educação e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do
Estado de Mato Grosso, 2018.
Orientador: Marta Helena Cocco

1. Letramento Literário. 2. Literatura Mato-Grossense. 3.
Produção de Leitura. 4. Formação de Leitores. I. Deise
Baggenstoss. II. Poemas e Narrativas Curtas da Literatura Mato-
Grossense: Produção de Leitura e de Textos Multimodais: .
CDU 82:37

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Walter Clayton de Oliveira CRB

DEISE BAGGENSTOSS

**POEMAS E NARRATIVAS CURTAS DA LITERATURA MATO-
GROSSENSE: PRODUÇÃO DE LEITURA E DE TEXTOS
MULTIMODAIS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras – Língua Portuguesa, julgado pela Banca composta dos membros.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marta Helena Cocco
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Tangará da Serra
(Presidente)

TITULARES

Profa. Dra. Rosana Rodrigues da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Tangará da Serra

SUPLENTES

Prof. Dr. Daniel Abrão
(UEMS/Campo Grande)

Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Aprovada em: 05 de fevereiro de 2018.

Local da defesa: Sala I4 – Câmpus Universitário de Sinop – Universidade do Estado de Mato Grosso

A meu pai Wilson Baggenstoss (*In memoriam*)
que sempre priorizou o melhor caminho: os estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus que sempre esteve comigo, fortalecendo-me e dando discernimento durante esta caminhada;

Aos meus familiares que ajudaram seja cuidando dos meus filhos, seja me apoiando ou torcendo por mim; minha sincera gratidão a todos.

Um agradecimento em especial à Heloísa, minha filha, que tinha apenas 17 dias quando iniciei as aulas do mestrado. Certamente, deixá-la para estudar doeu em mim, mas o sacrifício não foi em vão. Também agradeço ao Breno, meu primogênito, pois ao mesmo tempo que perdeu o título de filho único, também precisou dividir a minha atenção com os estudos;

À minha orientadora Dra. Marta Helena Cocco, obrigada pelos ensinamentos, observações e construção deste projeto. Apesar de ser um percurso desafiador, conseguiu transformá-lo em algo prazeroso, sou muito grata por tudo;

Aos professores que ministraram as disciplinas durante o curso, desde a professora Dra. Leandra Inês Seganfredo Santos que nos deu a primeira aula até o professor Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho finalizar a última aula. Obrigada pelos ensinamentos, pelas palavras acolhedoras e esclarecedoras, tão importantes nesses dois anos de estudos;

Aos meus colegas de turma que durante o curso compartilharam ideias, histórias e mostrando que dividindo experiências, somamos resultados. Um agradecimento especial para minhas novas amigas Lenir e Isaldete, pela cumplicidade, apoio, paciência, vocês são muito especiais.

À Escola Estadual João Olímpio Pissinati Guerra, em especial aos estudantes do 9º ano A que participaram da pesquisa, sem esquecer da equipe gestora, sempre disponível, meus sinceros agradecimentos;

Não posso deixar de fazer um agradecimento especial a professora Rosemeri H. Weber que fez a ponte entre mim e os estudantes. Obrigada pela ajuda, compreensão e principalmente por estar sempre disposta a dividir a sala com a aplicação deste projeto.

À CAPES pelo fomento à pesquisa.

Canteiro

Almas são flores
que colho
com os olhos.
Teço ramalhetes com a memória.
Almas são flores
que encontro no caminho
que é a vida,
cada flor com sua cor e aroma
que me encanta os sentidos.
Não me apraz arrancá-las
e sim acolhê-las em mim
no que têm de bonito.
Acredito no canteiro do existir,
ambiciono aprender o cultivo.
Vivo como quem sabe um jardim.

Luciene Carvalho

RESUMO

A leitura literária precisa se manter viva no contexto escolar. Sua presença nas escolas públicas é assegurada por meio da adoção de livros ficcionais e do livro didático que contém vários gêneros textuais literários, especialmente a crônica, o conto e o poema, além de fragmentos de romance. A produção de leitura desses textos é feita de diferentes formas, variando de autor para autor. Ao pesquisar quatro coleções de livros didáticos, verificamos a ausência ou parca presença de textos produzidos em Mato Grosso, o que caracteriza uma lacuna na formação dos estudantes desta região, uma vez que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) defendem a relevância da reflexão sobre os contextos de vivência e de formação identitária de cada ser. Diante disso, este trabalho dissertativo, de cunho interventivo e interpretativo quanto aos resultados, objetiva apresentar dois programas de leitura de textos literários, gerados e desenvolvidos com o intuito de contribuir para a redução dessa lacuna, evidenciada nos livros didáticos distribuídos às escolas públicas de Mato Grosso. Para tanto, a pesquisa envolveu 30 estudantes do 9º A do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual Olímpio João Pissinati Guerra em Sinop/MT. A proposta se encontra fundamentada nos aportes teóricos do letramento literário (PAULINO, COSSON, 2009; COSSON 2012, 2014; SOUZA, COSSON, 2011), da leitura literária (PERRONE-MOISÉS, 2000; COLOMER, 2007; PETIT, 2009; COMPAGNON, 2009), da leitura subjetiva (ROUXEL, 2012, 2013a, 2013b), dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), nas Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso – OCMT (MATO GROSSO, 2012), da relevância do ensino do texto regional (COCCO, 2009; LEITE, 2015). Cada programa proporcionou aos estudantes atividades de produção de leitura, estímulo à pesquisa e escrita criativa, culminando com a geração de um livro impresso de contos produzidos por eles. Os resultados mostram que os textos regionais, quando trabalhados na perspectiva do letramento literário, são tão relevantes quanto os textos já canonizados nacionalmente. O produto final desta pesquisa intervencionista, a elaboração de um material didático com textos literários mato-grossenses, demonstrou ser um instrumento válido de letramento literário, que ficará disponível no apêndice desta dissertação.

Palavras-chave: Letramento literário; literatura mato-grossense; produção de leitura; formação de leitores.

ABSTRACT

Literary reading must remain alive in the school context. Its presence in public schools is ensured through the adoption of fictional books and the textbook that contains several genres literary texts, especially the chronicle, the short story and the poem, besides romance fragments. The reading production of these texts is done in different ways, varying from author to author. When searching four collections of textbooks, we verified the absence or lack of presence of texts produced in Mato Grosso, which characterizes a gap in the students formation, since the National Curricular Parameter defend the relevance of reflection on the expiriences contexts and the identity formation of each person. In view of this, this dissertative text, of an intervention and interpretive nature regarding the results, aims to present two literary texts reading programs, generated and developed with the intention of contributing to the reduction of this gap, evidenced in the textbooks distributed to the public schools of Mato Grosso. For this, the research involved 30 students from the 9th grade of Elementary School II, from the Olímpio João Pissinati Guerra state school in Sinop / MT. The proposition is based on theoretical contributions of literary literacy (PAULINO, COSSON, 2009; COSSON 2012, 2014; SOUZA, COSSON, 2011), of literary reading (PERRONE-MOISÉS, 2000; COLOMER, 2007; PETIT, 2009; COMPAGNON, 2009), of subjective reading (ROUXEL, 2012, 2013a, 2013b), of the National Curricular Parameters - NCP (BRASIL, 1998), in the Curricular Guidelines of Mato Grosso State- CGMT (MATO GROSSO, 2012), of importance of the teaching of the regional text (COCCO, 2009; LEITE, 2015). Each program provided to the students reading, stimulating, and creative writing activities culminating in the generation of printed book of tales produced by them. The results show that the regional texts, when used in the perspective of literary literacy, are as relevant as the texts already canonized nationally. The final product of this interventionist research, the elaboration of didactic material with Mato Grosso literary texts, demonstrated to be a valid literary literacy instrument, which will be available in the appendix of this dissertation.

Key-words: Literary literacy; Mato Grosso literature; reading production; formation of readers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA ESCOLA E A INCLUSÃO DO TEXTO DA LITERATURA REGIONAL	15
2.1 Por que a literatura é importante no contexto escolar?	15
2.2 A literatura regional e sua importância no contexto escolar	19
2.3 A leitura literária na escola	24
2.4 Letramento literário: um caminho para a formação leitora literária.....	29
2.5 A presença do texto literário no livro didático: a proporção diante de outros gêneros	36
3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
3.1 Local de aplicação do programa	68
3.2 Público alvo.....	68
3.3 Programas de leitura do texto literário.....	71
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	77
4.1 Programa 1: namoros à moda antiga e atual	77
4.1.1 Análise da atividade de motivação.....	77
4.1.2 Análise do registro livre das primeiras impressões do texto 1.....	78
4.1.3 Análise da produção de leitura.....	79
4.1.4 Análise da atividade extraclasse	81
4.1.5 Análise do registro livre das primeiras impressões do texto 2.....	83
4.1.6 Análise da produção de leitura	85
4.1.7 Análise do registro importante.....	89
4.1.8 Análise da atividade de criação.....	91
4.2 Programa 2: mato grosso, terra de ouro!	96
4.2.1 Análise da atividade de motivação.....	97
4.2.2 Análise do registro livre das primeiras impressões texto 1.....	98
4.2.3 Análise da produção de leitura	99
4.2.4 Análise do registro livre das primeiras impressões do texto 2.....	102
4.2.5 Análise da produção de leitura	104
4.2.6 Análise do registro importante.....	109
4.2.7 Análise da atividade de criação.....	111
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	124

REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE	131
Apêndice A - programa 01	131
Apêndice B - programa 02	144
ANEXOS	155
O verde.....	158
A cidade perdida	164
O tesouro misterioso	168
O mistério do passado.....	173
Lenda do eldorado	176
A minha história.....	178
John e o amuleto sagrado	182

1 INTRODUÇÃO

Autores do contexto nacional e internacional afirmam a urgência e o cuidado de se trabalhar o texto literário desde os primeiros anos do ensino fundamental. Isto porque uma das funções da literatura é a humanização, pois “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CANDIDO, 2011, p. 182). Sabemos que a escola pode servir de iniciação como também de inspiração à leitura literária, embora muitas vezes o ensino da literatura fique restrito às práticas isoladas de alguns professores e/ou à abordagem do livro didático de língua portuguesa. Somado a isso, quando nos referimos, especificamente, aos textos da literatura produzida em Mato Grosso, ficam indagações como: estes textos estão contemplados nos livros didáticos? E de que forma eles são introduzidos no cotidiano do estudante, especialmente no Ensino Fundamental II?

Em busca de respostas, houve a necessidade de investigar como o livro didático aborda os textos literários e se neles há ou não a presença da literatura mato-grossense. Destarte, pesquisamos quatro coleções diferentes de livros didáticos utilizados pelos 8º e 9º anos. Em oito volumes analisados, só houve um poema do poeta Manoel de Barros, em mais de 1.400 textos disponíveis. Este dado mostrou-nos que ainda existem lacunas a serem preenchidas em materiais didáticos fornecidos pelo Governo Federal que são distribuídos às escolas públicas do Estado por intermédio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), sobretudo, relativamente à Literatura produzida em Mato Grosso. Assim, entendendo a importância em se trabalhar gêneros e formas literárias que retratem temáticas regionais, cotidianas, inerentes ao contexto dos estudantes, foram elaborados dois programas de leitura com o objetivo de divulgar a literatura mato-grossense no contexto escolar, na tentativa de contribuir com o trabalho pedagógico do professor de Língua Portuguesa que atua no âmbito da Educação Básica.

Esses dois programas tiveram o planejamento a partir dos pressupostos teóricos do letramento literário e da leitura literária, estipulados por pesquisadores como Cosson (2012) e Colomer (2007), que defendem uma imprescindível educação literária na escola. A elaboração dos mesmos foi idealizada por temáticas que favorecem uma conexão significativa entre o leitor e o texto. No primeiro, *Namoros: à*

moda antiga e atual, o tema selecionado refere-se a assuntos que perpassam as conversas de jovens estudantes, mesmo que ainda não estejam namorando, ou seja, um tema atrativo para a faixa etária. No segundo: *Mato Grosso: terra de ouro!*, foi priorizado o objetivo de mostrar alguns aspectos da história da fundação do Estado sob a ótica de cronistas e um poeta, além de propor uma reflexão sobre o passado e o presente, o que mudou e por que mudou.

Nessa perspectiva, organizamos o trabalho em quatro capítulos, priorizando fundamentar a importância do texto literário regional no contexto escolar, partindo da realidade vivenciada pelos estudantes no seu dia a dia. Diante disso, cumpre enfatizar que as atividades alvitradas buscaram despertar o prazer pela literatura, aliando teoria e prática, com enfoque também em atividades de criação, de modo a valorizar as apropriações de sentidos apreendidas pelos estudantes durante o processo de letramento literário desenvolvido neste trabalho.

O primeiro capítulo – *A importância da literatura na escola e a inclusão do texto da literatura regional* – busca fornecer embasamentos teóricos para a proposta de intervenção em sala de aula. Neste, fundamentamos a relevância da literatura na escola, sua função humanizadora, além de discorrermos sobre a importância das obras regionais frente ao cânone. Sucessivamente, explanamos acerca da leitura literária na escola, sua relevância e os motivos pelos quais não está mais sendo motivada no contexto educativo e, enfim, debruçamo-nos sobre o processo de letramento literário a ser promovido nas escolas, visto que autores como Souza e Cosson (2011) salientam a seriedade destas instituições para que realmente possa se concretizar o letramento de literatura, sendo o professor seu principal mediador. No subcapítulo – *A presença do texto literário no livro didático: a proporção diante de outros gêneros e a inclusão da literatura regional* – comparamos por meio de uma pesquisa bibliográfica, a abordagem do texto literário em quatro coleções de livros didáticos, fornecidas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Embasados nessa pesquisa, identificamos a ausência de textos literários de autores regionais.

Dando sequência, temos o segundo capítulo – *Metodologia: procedimentos e instrumentos metodológicos* – no qual apresentamos os dois programas que servem como alternativa para o preenchimento da lacuna de textos literários mato-grossenses nos livros didáticos. A proposta desenvolvida tem como finalidade o incentivo à leitura proficiente do texto literário mato-grossense, priorizando o papel do leitor, conforme alguns pressupostos da Estética da Recepção, defendida por Jauss (1994) e da leitura

subjetiva, seja cursiva ou analítica (ROUXEL, 2012, 2013). Os programas foram aplicados em uma turma do 9º da Escola Estadual Olímpio João Pissinati Guerra, seguindo os métodos da pesquisa-ação, desenvolvido por Thiollent (2011). É oportuno esclarecer que o material didático empregado durante a pesquisa de cunho intervencionista fará parte de um livro digital com textos literários mato-grossenses, organizado pela nossa orientadora.

No último capítulo – *Análise dos resultados* – avaliamos os resultados da aplicação dos programas em sala de aula. Nessa análise, optamos por sistematizar cada tópico separado, privilegiando cada atividade respondida/produzida pelos estudantes, por se tratar de um material didático. Além disso, sendo uma pesquisa-ação, precisamos fazer algumas alterações devido às dificuldades de interpretação e/ou sugestões dos estudantes.

Por fim, nas *Considerações finais* desta dissertação, fazemos uma reflexão geral sobre a trajetória e os resultados gerados a partir da aplicação dos dois programas de leitura do texto literário mato-grossense.

2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA ESCOLA E A INCLUSÃO DO TEXTO DA LITERATURA REGIONAL

2.1 Por que a literatura é importante no contexto escolar?

A literatura faz parte do cotidiano das pessoas. Beth Brait (2015), em seu livro *Literatura e outras linguagens*, relata depoimentos de diversos autores linguistas e/ou gramáticos sobre a experiência literária vivenciada por eles. Muitos descrevem suas vivências literárias recebidas na escola, reforçando o elo entre a escola e a literatura. Eis alguns fragmentos dos depoimentos: “pode-se afirmar que é impossível uma reflexão refinada sobre linguagem ignorando a literatura” (MAINGUENEAU, *in* BRAIT, 2015, p. 28). Carlos Alberto Faraco diz que a linguística “acabou por me mostrar o tamanho dos mistérios da linguagem. E, aí, a literatura, em especial a poesia, se tornou uma morada cada vez mais cálida e aconchegante.” (FARACO, *in* BRAIT, 2015, p. 33). Luiz Carlos Travaglia salienta “sempre achei fascinante o dizer, os modos de dizer e nisto os literatos são os mestres; por isso acredito ser a literatura a grande responsável de eu ser professor de Língua Portuguesa” (TRAVAGLIA, *in* BRAIT, 2015, p. 36). Ainda em seu depoimento, Travaglia compara a literatura como “espécie de magia, o que a alma sente, mas a boca ou a pena não dizem; o que a razão tenta esboçar, mas a que a ciência ainda não deu forma dizível” (TRAVAGLIA, *in* BRAIT, 2015, p.37).

Por esses depoimentos, vemos a importância que o texto literário desempenhou na formação profissional de muitos estudiosos da língua, constatamos que o seu estudo é indissolúvel ao da literatura, ambos caminham juntos, uma vez que as aulas de língua portuguesa não podem, nem devem perder o vínculo com a literatura:

[...] acredito que ser linguista ou gramático, ser professor de Língua Portuguesa tem mais brilho, mais sabor, mais verdade, mais possibilidade quando se acredita, mais ainda, quando se sabe que língua e literatura são uma só coisa e que a segunda é a primeira transformada em arte, que a literatura é o que há de mais livre, mais forte e, por que não dizer, de mais belo de tudo o que se pode fazer com a língua. (TRAVAGLIA *in* BRAIT, 2015, p.37)

Apesar da importância da literatura nas aulas de língua portuguesa, existe consenso de que a literatura está perdendo seu brilho no ambiente escolar. Cosson (2014) alerta sobre esse fato: “se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como *lócus* de conhecimento” (COSSON, 2014, p. 15). Zilberman e Rösing (2009) alertam sobre a dificuldade do ensino de literatura nas escolas públicas “a leitura de textos apresenta-se como prática inusitada, e a literatura, como um alienígena, em boa parte das escolas nacionais, sobretudo nas que atendem os segmentos populares” (ZILBERMAN, RÖSING, p. 14). Isso se deve a vários fatores, segundo Compagnon (2009, p. 21):

O espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa, que atravessa também ela uma crise, funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiolam; nos lares, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros. Tanto que a transição entre a leitura infantil – que não se porta mal, com uma literatura para a juventude mais atraente que antes – e a leitura adolescente, julgada entediante porque requer longos momentos de solidão imóvel, não mais está assegurada. (COMPAGNON, 2009, p.21)

Quando a literatura perde sua força, a sociedade também perde a oportunidade de vivenciar a fabulação das ideias, a identificação com seus próprios anseios/desejos, deixando, de certa forma, a oportunidade de passar por outras experiências. Diante das situações adversas experimentadas pelos professores de língua portuguesa, a literatura carece de justificativas para permanecer no contexto escolar, sua presença não serve mais de *status*¹ para os estudantes que reclamam dos textos difíceis, sem sentido, fora da sua realidade. A pergunta mais frequente realizada pelos estudantes é: por que preciso ler esses textos e/ou livros literários? Nessas circunstâncias, o compromisso e a consciência do professor de literatura são fundamentais, somados ao respaldo teórico. Candido entende que a literatura constitui um direito humano, tendo em vista que é uma necessidade básica, pois ela nos humaniza:

¹“Aprender a ler um texto literário no ensino médio, até os anos 1960, era aprender a admirar, tanto no plano estético quanto no moral.” (HOUDART-MÉROT, 2013, p. 103)

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2011, p. 182)

A literatura faz parte da cultura humana. Aliás, como não se comover diante da saga da família de Fabiano, personagem de Graciliano Ramos, na constante fuga de sua família da seca? Como não se enternecer com o drama dos *Capitães de areia* de Jorge Amado, adolescentes que, em vez de estarem na escola, já estão se deparando com os desafios da marginalidade, lutando pela sobrevivência? Como não se sensibilizar com o drama da protagonista de *O berro do cordeiro em Nova Iorque*, da mato-grossense Tereza Albuês, que narra também a trajetória do pai, escravo em fuga de uma fazenda da região do pantanal?

Tzvetan Todorov (2009, p. 23) no livro *A literatura em perigo*, reúne várias reflexões sobre a importância da literatura, inclusive sobre sua formação pessoal: “hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver”. Numa sociedade em que o ter é mais importante que o ser, em que o consumismo prevalece na mente dos jovens, o acesso à literatura torna-se uma ferramenta que mostra aos estudantes a importância de se colocar no lugar do outro, de ser menos egoísta, de aceitar as diferenças:

A literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 23)

Assim, a literatura é a reprodução do cotidiano das pessoas, pois está presente nas mais diversas situações, ela parte da realidade para o imagético, trabalha a palavra como uma verdadeira arte, é a arte da palavra, sonho, fabulação. Ao ler um

texto literário, o estudante é capaz, muitas vezes, de se sensibilizar ou ficar indignado com uma personagem, sentir-se inquieto. A permanência da literatura no ambiente escolar deve ser incentivada e apreciada por todos, promovendo, assim, seu fortalecimento: “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 2011, p. 174).

Antonie Compagnon, em seu livro intitulado *Literatura para quê?*, evidencia a importância da literatura, do porquê deve ser lida e estudada:

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (COMPAGNON, 2009, p.47)

As Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso também refletem sobre a importância do texto literário no contexto de sala de aula, salientam a inquietude, a reflexão e a transformação que uma obra literária é capaz de promover:

As obras literárias são produzidas com linguagem diferenciada, recriada, criativa, que lança mão de recursos múltiplos para se aproximar ao máximo, no âmbito da limitação da palavra, da representação das sensações, situações humanas, que buscam sentidos nos próprios materiais artísticos que tomam como substância para construir o seu corpo, procedimentos que provocam, na sua leitura, um indescritível prazer, enlevo, satisfação interior, cumplicidade, reflexão fecunda e ampla sobre o mundo, capaz de levar o leitor a uma mudança interior e à ação para melhorar o seu entorno. (MATO GROSSO, 2012, p. 105)

Apesar dos argumentos em defesa da literatura, essa ainda é vista como algo incompreensível, principalmente para pessoas oriundas das classes populares, tornando-se, muitas vezes, fora do contexto das escolas públicas, especialmente no ensino fundamental, haja vista que não existe a disciplina de literatura, estando a critério do professor de língua portuguesa a escolha ou não de textos ou livros literários.

Entretanto, não há como ignorar a importância da literatura no contexto escolar, uma vez que é entendida “como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”.

(CANDIDO, 2002, p. 82). Outro fato importante a se destacar é que “a literatura viabiliza algo que de outro modo seria impossível: ler a cultura” (ISER *apud* ZILBERMAN, 2009, p.17). Assim, atuando como agente transformador na formação do homem, sua presença no contexto escolar torna-se essencial.

2.2 A literatura regional e sua importância no contexto escolar

A literatura nos mostra o “mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2012, p. 17). Por ser essencialmente humana, a literatura deve ser experimentada e vivenciada pelos nossos estudantes. Sendo assim, como proporcionar aos estudantes uma apropriação de sentidos literários com textos produzidos em Mato Grosso? Como facilitar o acesso de professores de Língua Portuguesa que atuam na Educação Básica às obras/textos mato-grossenses, já que eles não são apresentados nem de forma fragmentada em muitos livros didáticos? Ademais, por que é importante utilizar a literatura produzida em Mato Grosso em nossas escolas? Sabemos que quando um texto tem como assunto/tema que faz parte do contexto do seu leitor, motiva ainda mais sua leitura, uma vez que o leitor consegue se identificar com aquela situação apresentada. A professora de Literatura e pesquisadora Marta Helena Cocco (2009, p.56), salienta:

Por que é importante que o currículo contemple obras regionais? A resposta parece tão óbvia que a pergunta poderia ser igualmente assim considerada. Mas, quando o assunto é ensino, nunca é demais repetir. Se pensamos a literatura como forma de conhecimento e como um “direito de todo cidadão”, conforme Candido, não podemos privar esse cidadão da reflexão, do pensamento crítico acerca da realidade do seu entorno, o que é possível por meio de obras cujos temas incidam sobre o local (não apenas como espaço geográfico, mas, sobretudo, local como espaço de reflexão sobre a vivência de seres da natureza, inclusive os humanos, considerados em sua historicidade).

Ao lermos um texto, temos “a captação artística da realidade, não sua mera cópia, é o que determina a perenidade de uma obra de arte, de um romance, de um poema” (CARVALHO, 2004, p. 16). Essa captação artística da realidade é também necessária ao estudante, para que ele desenvolva seu senso estético, num processo

gradativo que pode principiar pela identificação com os costumes, a paisagem, e com a linguagem, cheia de peculiaridades locais.

Certamente que a literatura produzida em Mato Grosso nem sempre traz como tema a visão idílica e/ou ufanista do estado, nem esse é o objetivo de estudo deste trabalho dissertativo, porém, em se tratando de uma literatura, com temas que contextualizam a realidade do estudante, abre-se a perspectiva para outras leituras da literatura brasileira e, por que não, estrangeira. Um exemplo disso foi a primeira unidade aplicada em sala de aula, com o tema: “Namoro à moda antiga e atual”, tendo como primeiro texto a ser analisado o poema de Manoel de Barros intitulado “A namorada” que mostra as dificuldades encontradas pelo eu lírico para conseguir conversar com a suposta namorada. O poeta utilizou uma expressão muito conhecida no estado: “o pai era uma onça”. Ao ler essa expressão, muitos estudantes riram, identificando-se com a situação, alguns até expressaram que já vivenciaram situações em que o pai da garota não gostava deles.

Neste constructo, os textos regionais escolhidos respeitaram o critério maior que é o da identificação, conforme Leite (2015, p. 38) ressalta:

Observar essa literatura brasileira produzida nesse Estado implica em desvelar e entender o que realmente imaginamos que seja aquilo que nos identifica, no interior do conjunto, nos difere de outros conjuntos e coloca-nos em relação com a comunidade que não apenas reconhece o material produzido como também se reconhece nele.

Além disso, salientamos que em relação aos textos selecionados para aplicação em sala de aula, respeitamos o critério definido por Hilda Magalhães “entendemos por literatura mato-grossense os textos escritos por autores que nasceram em Mato Grosso ou que nele residem (ou tenham residido), contribuindo para o enriquecimento da cultura do Estado” (MAGALHÃES, 2001, p. 18). Deste modo, temos um grande acervo bibliográfico disponível, onde se destacam alguns autores: Manoel de Barros, consagrado como cânone nacional, Lucinda Persona, Tereza Albues, Aclise Mattos, Ivens Scaff, Santiago Vilela Marques e outros.

Algumas políticas públicas tentam legitimar e divulgar mais a cultura, a história e literatura do estado. A lei 5.573, de 06 de fevereiro de 1990, de autoria do deputado Hermes de Abreu já criava a “obrigatoriedade do ensino das disciplinas de História, Geografia e Literatura de Mato Grosso, nas Escolas de 1º e 2º graus, públicas ou particulares que funcionem no estado” (COCCO, 2006, p. 21). Cabe enfatizar que,

apesar de ser uma lei criada em 1990, sua inclusão nas grades curriculares das escolas, depende de “uma regulamentação da Secretaria de Educação do Estado” (COCCO, 2006, p. 21). Sem uma regulamentação e obrigatoriedade, qualquer estudo sobre a cultura, literatura, história e geografia do estado fica nas mãos dos professores regentes, isso dificulta o fazer pedagógico, uma vez que as escolas públicas adotam os livros didáticos nacionais² que possuem eixos de ensino³ comuns para todo o país.

Mais uma tentativa de aproximar a cultura mato-grossense do currículo escolar foi o Decreto nº 7.467, de 24 de abril de 2006, assinado pelo então governador Blairo Maggi que instituiu a Semana de Mato Grosso⁴, incluída no calendário oficial do estado, a ser comemorada no período de 02 a 09 de maio. Na escola objeto desta pesquisa, naquele ano, houve um grande evento, a semana inteira foi dedicada ao assunto, fez-se palestras com historiadores, além de apresentações culturais típicas do estado. Nos anos seguintes houve menos envolvimento dos professores e da comunidade, a ponto de chegar ao total esquecimento. Isso pode ser observado na aplicação do projeto, pois somente um estudante na turma do 9º ano levantou a mão para dizer que já ouviu o hino de Mato Grosso.

Outro aspecto relevante para a literatura regional estar no contexto escolar é a formação continuada do professor. Em contato com o Cefapro/Sinop (Centro de Formação Profissional), órgão responsável pela formação continuada dos professores das escolas estaduais, obtivemos a resposta que realmente não houve, nem há formação nessa área, isso em mais de 10 anos, desde sua criação em 2005. Quer dizer, se um professor optar por textos literários regionais, precisará de muita dedicação e tempo, pois tudo é praticamente novidade.

Ademais, outra situação que acaba distanciando a literatura produzida em Mato Grosso do contexto escolar é o acesso dos professores ao acervo bibliográfico, pois

² Ver pesquisa no subcapítulo 1.5 desta dissertação.

³ “Nos últimos 30 anos, as coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa e os currículos oficiais (federais, estaduais e municipais) têm indicado a consolidação de um componente curricular (ou disciplina) determinado, em que quatro **eixos de ensino** organizam o ensino-aprendizagem: (I) leitura; (II) produção de textos; (III) oralidade e (IV) conhecimentos linguísticos”. (BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais**. Secretária de Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: 2016).

⁴ O decreto teve as seguintes justificativas: considerando a necessidade de se integrar as diversas culturas existentes atualmente no Estado de Mato Grosso, passando-lhes o orgulho de ser mato-grossense, sem fazer distinção de raça, cor, credo, cultura e tradição; considerando o desconhecimento por grande parcela da população da história e símbolos do Estado de Mato Grosso; considerando a importância de introduzir no calendário oficial o aniversário do Estado de Mato Grosso, para que essa data possa ser comemorada jubilosamente.

não é fácil encontrar exemplares disponíveis nas livrarias da cidade, salvo, alguma obra que tenha sido recentemente lançada ou adotada por alguma escola. No ambiente virtual, essa escassez é ainda mais nítida, em *sites* como Amazon, Saraiva, Livraria Cultura, entre outros, o único escritor mato-grossense que possui obras disponíveis para aquisição é Manoel de Barros, os demais, ou não há, ou já estão esgotadas. Nesse aspecto, Mário Cezar Silva Leite (2015, p. 41), corrobora: “não é exagero afirmar que alguns cânones mato-grossenses permanecem, em suas obras, praticamente inéditos para o público menos especializado, embora não sejam cultural e socialmente desconhecidos”. Isso constatamos no meio acadêmico, onde várias obras e autores mato-grossenses são analisados em dissertações de mestrado ou teses de doutorado, entretanto, não são lidas e/ou conhecidas pelos professores das escolas públicas, conseqüentemente, nem pelos seus estudantes.

Isso dito, professores mediadores de leitura, podem e, por que não, devem motivar a leitura dos autores regionais, garantindo uma maior proximidade entre o leitor e a obra, uma vez que há assuntos mais específicos de cada região/cidade, fazendo um paralelo entre textos consagrados nacionalmente e os regionais. Conforme Cocco (2009, p.57) enfatiza, quando é notável a ausência de autores regionais no cânone nacional, “o ensino da literatura regional é ainda mais importante, porque contribui para o reconhecimento e a afirmação da diferença. Pensando a literatura e seu ensino em qualquer nível, teríamos a diferença do regional frente ao nacional”. Em outras palavras, essa afirmação reveste-se de importância, não para desenvolver uma cultura ufanista, mas para garantir a sobrevivência das peculiaridades diante de possíveis homogeneizações ou apagamento diante da preponderância de outros elementos vindos de outras culturas.

Sendo o Brasil um país tão diverso culturalmente, temos a ciência de que é difícil ou melhor impossível a contemplação de obras literárias de todas regiões nos livros didáticos, conforme discorre o *Guia de Livros Didáticos* dos anos finais do ensino fundamental “os textos produzidos nas diversas regiões brasileiras (especialmente Norte, Centro-Oeste e Nordeste) só comparecem muito episodicamente” (BRASIL, 2017, p. 12). Deste modo, para que o ensino acompanhe as transformações sociais e as especificidades culturais da nossa região, como apregoam os *Parâmetros Curriculares Nacionais* quando incluem o critério de seleção dos textos, é necessária essa inclusão:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 2008, p. 24)

Quando elaboramos a unidade 2, com o tema: “Mato Grosso, terra de ouro!”, procuramos produzir uma leitura crítica de parte da história do estado partindo do seu hino, cuja letra Hino Mato-grossense é de autoria de Dom Francisco de Aquino Corrêa (foi arcebispo de Cuiabá e governante de Mato Grosso no período de 1918 a 1922), além de fragmentos de escritos acerca das impressões sobre o território mato-grossense, a partir de experiências vivenciadas pelos bandeirantes setecentistas:

Quando eles penetraram no território opulento, que abrasou, com o fascínio do ouro cuiabano, as ambições aventureiras, já o descreviam, enlevados, os escritores castelhanos, que lobrigaram em uma das ilhas do Paraguai mato-grossense, emergindo na formosa Lagoa dos Xarayés, o maravilhoso Eldorado, onde cabiam todos os sonhos de riquezas deslumbrantes. (FILHO, 2004, p. 33)

Ao confrontar o poema com fragmentos históricos, ensejamos evidenciar como eram descritas as riquezas minerais e as dificuldades enfrentadas pelos colonizadores no passado. Com isso, objetivamos que os estudantes refletissem sobre os motivos econômicos que alicerçaram a colonização, sobre as ideias de grandeza veiculadas em muitos textos literários e as transformações ocorridas desde aquela época até hoje. Indiretamente, tivemos a intenção também que os estudantes estabelecessem relações entre passado e presente, tanto na paisagem quanto na economia, fatores que influenciam o dia a dia de cada cidadão mato-grossense. Ao escrever o livro *História da literatura de Mato Grosso: século XX*, Hilda Magalhães enfatiza que:

Ao analisarmos a literatura de Mato Grosso não estaremos interessados em achar um fio condutor que caracteriza a produção literária rumo a uma situação literária ideal, mas sim a sua variedade no tempo e no espaço, enquanto manifestações de formas diferenciadas de percepção do universo, estética e culturalmente. (MAGALHÃES, 2001, p. 17)

Este foi o fio condutor da nossa proposta, buscar, em textos da literatura mato-grossense, formas diferenciadas de percepção da realidade, partindo do local até temas universais também trabalhados por autores que residem em Mato Grosso. No

prefácio do livro de Mário Cezar Silva Leite, intitulado *Literatura, vanguardas e identidades: nas brenhas do regionalismo*, Frederico Fernandes aborda a importância da literatura regional frente ao cânone:

[...] a literatura regional flerta com o cânone literário, sendo ora seu amante ora seu principal consorte. Isso se dá porque o regional se apresenta nos estudos literários quer como um movimento, quer como uma tendência literária (regionalismo romântico, regionalismo de 1930, romance regionalista de 50, regionalismo gaúcho etc.) servindo como um *ismo* generalista; e, às vezes, a cena local traz uma particularidade capaz de transcendê-la, como vai ocorrer, por exemplo, em *Grande sertão: veredas*, responsável por fazer da obra regional um clássico *per se*. (FERNANDES *apud* LEITE, 2015, p. 13)

Assim, arquitetamos uma proposta inspirada pelo desejo de um letramento em textos da literatura produzida em Mato Grosso. Desta maneira, entendemos que sua elaboração seja uma contribuição para que os professores possam iniciar, na escola, com os estudantes, o conhecimento acerca dessa literatura, uma vez que os livros didáticos utilizados não a contemplam.

2.3 A leitura literária na escola

A leitura nunca esteve tão disponível a nossos jovens, visto que essa geração cresceu na era digital, com acesso às tecnologias, *smartphones*, *internet* 3.0, aplicativos e redes sociais. Porém, é comum ouvirmos nos corredores ou reuniões de professores que os “nossos alunos não gostam de ler”, mas tal afirmação, relaciona-se diretamente à concepção de leitura apreendida por eles, afinal, o que os professores consideram leitura? Se formos analisar minuciosamente, os jovens leem e muito, passam horas lendo e escrevendo nas redes sociais. A questão principal é, por que com tamanha facilidade do acesso à leitura, não conseguimos formar leitores literários na escola? Como não enfatizar a importância da leitura no momento de bruscas mudanças políticas, econômicas e sociais? Michèle Petit, antropóloga e pesquisadora, salienta a importância da leitura na formação da consciência cidadã dos jovens:

Compreendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras

possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro. Estou convencida de que a leitura, em particular a leitura de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas. E que ela pode representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania. (PETIT, 2009, p. 19)

A leitura literária é um elo que nos liga ao mundo, por meio dela conhecemos nosso passado, nossa história, mas também podemos conhecer outras histórias, reais ou fictícias, de outras pessoas ou civilizações. Iniciamos a experiência leitora até no ventre de nossa mãe, depois nas histórias contadas antes de dormir ou em livrinhos pedagógicos⁵. Atualmente, existe um investimento muito alto por parte das editoras em livros infantis e juvenis, apaixonamo-nos quando vemos livros coloridos, com texturas, cheiros, alguns com áudio, tudo para chamar a atenção dos futuros leitores. Rouxel (2012, p. 278) reforça a importância da leitura “mais que um lugar de expressão do sujeito leitor, a leitura é um lugar de existência”. A mesma autora ainda reforça a necessidade da leitura subjetiva que a literatura oferece: “o investimento subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor que completa o texto e lhe imprime sua forma singular” (2012, p. 278).

A escola⁶ é um ambiente propício para o estímulo à leitura, as crianças entram com vontade de aprender a ler, curiosas com as imagens e palavras presentes nos livros. Conforme a idade aumenta, o interesse pela leitura literária diminui, necessitando de práticas significativas de leitura. Desta maneira, partiremos do seguinte questionamento, o que diferencia a leitura literária de outras leituras e por que é importante no contexto escolar?

A leitura literária e os jovens sofrem um desencontro, sentido e presenciado todos os dias pelos docentes de língua portuguesa e literatura⁷ que explode na escola e parece mero sintoma de um desencontro maior, que nós – professores – também vivemos. “Os alunos não leem, nem nós, os alunos escrevem mal e nós também”, conforme afirma Lajolo (1993, p. 16). Parece óbvio que somente consigo ensinar algo se eu souber fazer, logo a máxima “só se aprende a ler, lendo” vale para a leitura

⁵ Consideramos livros pedagógicos os livros de leitura direcionados para alfabetização, com histórias curtas, parlendas, usadas nessa fase.

⁶ Não se exclui o papel da família como primeira instituição que pode e deve estimular a leitura.

⁷ Algumas escolas possuem em seu currículo a aula de literatura incluída nas aulas de língua portuguesa, em outras escolas as aulas de literatura são separadas das aulas de língua portuguesa.

literária. Um professor só consegue inspirar seus estudantes a lerem um livro literário, se ele ler e possuir bons argumentos para motivação da sua leitura, conforme Carlos Ceia reforça “o significado pedagógico mais relevante da literatura e aquele que o professor deve ter sempre presente é o *exemplo*” (CEIA, 2002, p.53, grifo do autor).

Antes da democratização do ensino, a escola era para poucos. Nesse contexto, a leitura literária era vista como arte, dava *status* às pessoas que conheciam os cânones. Sem entrar no mérito da ascensão social, a realidade atual é diferente, sabemos que o estudo em si não assegura um futuro melhor, alguns estudantes alegam que só estão em sala de aula porque os pais obrigam, e não conseguem encontrar o sentido em muitos anos dedicados aos estudos, como nós, professores.

Nesse contexto, formulamos o questionamento: ler livros ou textos literários para quê? Petit (2009, p. 17) salienta que o desinteresse dos jovens com a leitura resulta na “perda de uma experiência humana insubstituível”. Colomer (2007, p. 139) reforça a tarefa social da literatura, pois a “aprendizagem da literatura realiza-se em meio a um grande desenvolvimento social de construção compartilhada do significado”. Essa construção compartilhada também inclui a família, que muitas vezes é omissa no incentivo à leitura, seja por falta de condições financeiras para aquisição de livros literários, ou pelo próprio exemplo, alguns pais alegam não ter tempo para conversar com seus filhos, quem dera fazer algum tipo de leitura compartilhada. Perrone-Moisés (2000) defende o ensino da leitura literária:

[...] a leitura literária não apenas pode ser ensinada como necessita de uma aprendizagem, e é por isso que os professores de literatura ainda existem. O conhecimento aprofundado das obras nas quais cada língua atingiu o máximo de suas potencialidades expressivas e sugestivas é o que garante o prosseguimento da atividade literária, quer do lado dos leitores, quer do lado de futuros e eventuais escritores. Se os professores negligenciarem a tarefa de mostrar aos alunos os caminhos da literatura, estes serão deserdados, e a cultura como um todo ficará ainda mais empobrecida. (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 350)

Se observarmos o contexto escolar, o acesso aos livros literários depende de diversos fatores, dos quais destacamos: condição social e econômica da família, além de políticas públicas voltadas para ampliação/aquisição de livros. Nesse último, compreendemos que, apesar de uma significativa melhora no que tange à distribuição de livros paradidáticos às escolas, isso ainda não é o suficiente, pois em muitas cidades brasileiras, principalmente as pequenas, nem mesmo há biblioteca municipal

para atender à população. Nas escolas, quando há uma biblioteca, esta possui um acervo limitado, pois não existem recursos específicos para aquisição de livros, a maioria vem do Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE)⁸, porém não é suficiente para atender a demanda. Silva (2009, p. 194) faz as seguintes observações sobre as bibliotecas escolares:

- 1) Na área do ensino da Língua Portuguesa, ênfase quase que exclusiva na cópia e na gramática normativa. [...]Tal ênfase sobre a gramática nada mais é do que uma forma de bloqueio contra as práticas realmente conseqüentes de leitura e escrita. [...]
- 2) Na área de literatura, predomínio de romances “água-com-açúcar”, próprios da sociedade de consumo e, por isso mesmo, apresentando temáticas socialmente inócuas. O ensino da literatura é feito de forma diluída – parece-nos que não existe uma preocupação voltada à seleção de obras mais estética e socialmente relevantes. [...]
- 3) A imagem da biblioteca escolar (quando esta existe, é claro!) como um local onde os alunos cumprem castigos ou são levados apenas “em último caso”. [...] o local é tétrico, uma verdadeira câmara de tortura, ou então mantido às moscas, fazendo-se morrer aos poucos no tempo. Como, então, criar a paixão pela leitura, o amor à biblioteca, agindo dessa forma?

Não pretendemos nos aprofundar quanto ao acesso aos livros e sim ao estímulo à leitura, em especial à literária. Desta maneira, podemos dividir a leitura literária na escola básica em três fases: a inicial, essencial para a alfabetização e letramento. Nessa fase, a criança que está na alfabetização, começa a fantasiar, a imaginar, a ler nas narrativas um mundo diferente ou não do seu mundo real. Até os 10-11 anos, os livros literários são motivos de descobertas, curiosidades. Teresa Colomer (2007, p.103, grifo da autora) antecipa essa fase “quando se aproximam dos oito ou nove anos já são muitos meninos e meninas que dizem ‘é que eu não gosto de ler’. Não deixa de ser verdadeiramente surpreendente mudança radical em tão pouco tempo”, constatamos que até o 6º ano (11 anos) nossos estudantes ainda mantêm um interesse de leitura diversificada, além da literária.

A segunda fase, podemos dizer que é a mais complicada, pois há uma espécie de ruptura em relação à leitura literária. Depois dos 12-13 anos, nossos pré-adolescentes acreditam que a leitura literária está fora do contexto deles. Desta forma,

⁸ O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 24 Maio 2017.

quando os estudantes chegam aos anos finais de ensino fundamental, observamos que os textos ou livros literários viraram algo ruim, chato, tornando-se um verdadeiro desafio para o professor de língua portuguesa, como aponta o pesquisador: “sem a disposição para a ludicidade e o pragmatismo do vestibular, e com uma gama de leituras diversas, a leitura literária nos anos finais do ensino fundamental parece carecer de elementos que a justifiquem” (FIDELIS, 2015, p. 109).

Dando sequência, a terceira fase, que é o ensino médio, assevera-se no sentido da obrigatoriedade de leitura dos clássicos canônicos, estudo das “classes literárias”, estilos, época, algo pouco atrativo aos jovens que não possuem formação leitora eficiente. Paulino e Cosson questionam:

No ensino médio, quando o ensino da literatura poderia assumir o espaço de formação do gosto cultural a partir do que os alunos vivem como adolescentes na sociedade, a disciplina se fecha no biografismo e no historicismo monumentalista, isto é, na consagração de escritores que não deriva da apreciação de seus textos, mas do acúmulo de informações sobre seus feitos e suas glórias.” (PAULINO, COSSON, 2009, p. 72)

Para estimular a leitura dos textos ou livros literários, a escola necessita incluir em seu currículo práticas leitoras que promovam reflexão e mudança, não só no contexto escolar, mas também no social. Portanto, a forma como se aborda o texto literário também é muito importante, pode instigar o gosto ou a aversão pelo texto literário e vai muito além de finalidades pragmáticas. Magda Soares (2001) aborda a importância da literatura no contexto escolar: “o que se quer deixar claro é que a literatura é sempre e inevitavelmente escolarizada, quando dela se apropria a escola” (SOARES, 2001, p. 24), porém faz distinção entre uma escolarização adequada da literatura “aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar” (SOARES, 2001, p.21) e critica a escolarização inadequada “aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura” (SOARES, 2001, p.21). Nesse contexto, Petit (2009, p. 72) enfatiza a importância da leitura em todas as idades “a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos”.

A leitura literária é um instrumento poderoso e humanizador, devendo ser incentivada, mantida, incorporada nas práticas diárias do professor de língua portuguesa. Evidentemente que não cabe somente ao professor de língua portuguesa o incentivo à leitura, mas em relação à leitura literária, essa é responsabilidade sim, do professor formado em Letras. Todavia, sabemos que a leitura literária perdeu espaço nas escolas devido à sua abordagem, não permitindo que o texto e/ou livro literário sejam realmente algo diferente, inusitado, que provoque a curiosidade ou emoção no estudante. Pensando em como construir a ponte entre a literatura e nossos estudantes, muitos estudos realizados apontam o Letramento Literário como melhor opção a seguir.

2.4 Letramento literário: um caminho para a formação leitora literária

Sabemos que a alfabetização tem um momento para terminar, pois quando a criança e/ou o adulto analfabeto desenvolvem a aquisição do sistema convencional da escrita da língua, eles estão devidamente alfabetizados. Em contrapartida, o letramento consiste nas práticas sociais que envolvem a língua, deste modo, perpetua durante toda a vida do indivíduo. Magda Soares que introduziu o termo letramento no Brasil, define-o como sendo:

[...] resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (SOARES, 1998, p. 39).

Existem várias classificações de letramento, letramentos e multiletramentos. A escola é palco dessa diversidade, onde a aprendizagem pode advir a partir de um texto escrito até outro audiovisual. O estudante, desde criança, está inserido numa realidade de multiplicidade de comunicação, mídia, enfim, a *internet* permite interatividade direta no controle da televisão, em que uma criança pode apenas trocar canais na TV aberta, como assistir um vídeo da “Galinha Pintadinha” no *Youtube* ou *Netflix*. Entretanto, nossa proposta teve como objetivo o letramento literário que Paulino e Cosson definem como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (2009, p. 67, grifo dos autores). Essa construção literária de sentidos é o que podemos dizer nossa aspiração, pois passa por percursos

amplos, que incidem desde o papel do professor como agente mediador até a escola, instituição que muitas vezes não consegue garanti-lo desde as séries iniciais até as séries finais.

Rildo Cosson (2012, p. 12) enfatiza a participação da escola no fortalecimento do letramento literário: “daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade”. O texto ou livro literário promove uma reflexão muito além do que está nas linhas, contribui para a formação de um leitor proficiente, quando consegue se apropriar do que leu, bem como se posicionar frente a uma situação cotidiana. Logo, assegurar ao estudante uma construção literária de sentidos, constitui também papel do professor, que é o agente mediador. Assim, “o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar.” (SOUZA, COSSON, 2011, p.102).

Dito isso, salientamos que o ambiente escolar é muito profícuo para desenvolvermos a apropriação de sentidos da literatura. Destarte, é importante fomentar estratégias diferentes para ampliar a competência leitora, com diversos textos literários, comparando as diferenças entre as gerações, estilos, mostrar a possibilidade de conhecer outros lugares, culturas, ajudando assim o estudante a exercer sua cidadania. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* elucidam que “o texto literário não está limitado a critérios de observação fatural [...]. Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo” (BRASIL, 1998, p. 26).

Quando estimulamos a leitura de textos ou livros literários, incitamos uma realidade que pode ser vivenciada a qualquer momento ou não, mas independentemente de ser ou não vivenciada, ela provoca uma reflexão, algo que inquieta, formando um leitor, de certa forma, preparando-o para conviver com as diferenças, para exercer o seu papel de cidadão. Paulino (2010) também aborda a importância do texto literário para formação de leitores conscientes de seu papel na sociedade, bem como o papel do professor como mediador escolar da leitura:

Eis, pois, a evidência de que, para romper-se um ciclo de submissão, repetição, padronização, contrário ao letramento literário, é preciso manter viva a discussão sobre valores estéticos e suas funções, estabelecendo, ao mesmo tempo, a consciência do professor, ou do

orientador, mediadores escolares da leitura, e, afinal, dois dos principais responsáveis pelas disfunções do livro para crianças. Basta de textos fracos e previsíveis[...]. Vamos ao que interessa: à formação de leitores verdadeiramente conscientes, porque instalados na fortaleza literária, na formação filosófica, para as possibilidades de um mundo que não está pronto ainda, está apenas se formando para as diferenças, para as pluralidades, para a democracia verdadeira. (PAULINO, 2010, p.118)

Assim, salientamos que a mediação do professor é muito importante para o estímulo de práticas literárias no contexto escolar, pois, ao abordar um texto/livro literário o professor pode conquistar um sujeito leitor, ou pode ocorrer o inverso, despertar no estudante uma aversão ao texto/livro literário, devido à mediação equivocada por parte do professor. Entramos numa situação mais complexa, devido abranger desde a formação do professor de Letras, até um componente curricular muito utilizado em sala de aula, o livro didático de língua portuguesa. Marisa Lajolo, há mais de duas décadas, em 1993, abordava a questão do monopólio das editoras e a displicência dos professores em preparar as aulas, uma vez que o livro didático já o faz: “não parece que *o que fazer com o texto literário na sala de aula seja ainda* sua competência. Já faz anos que decidir isso é da competência de editoras, livros didáticos e paradidáticos [...]” (LAJOLO, 1993, p. 15, grifo da autora). Paulino e Cosson (2009, p.71) ressaltam que há na tradição escolar elementos que dificultam ou mesmo impedem a formação de leitores literários, um deles é o “bom aluno repetidor, cuja competência mais valorizada é dizer aquilo que o livro didático ou o professor já disse: quanto mais literal a repetição, melhor”. Deste modo, o livro didático também pode engessar uma resposta, não estimulando a criatividade dos estudantes.

Entretanto, salientamos que o livro didático oportuniza a unificação dos conhecimentos entre os estudantes brasileiros, além de facilitar o planejamento das aulas, entre outros. O questionamento principal é como utilizá-lo, certamente serve como um material de apoio ao professor, mas não pode nem deve ser utilizado como único instrumento de aprendizagem em sala de aula. Nesse viés, entramos num fator importante, a questão da seleção dos textos literários a serem trabalhados com os estudantes e o papel do professor como mediador da leitura. Ainda existem professores que devido à complexidade dos textos literários, acabam optando pelo caminho mais fácil, textos de gêneros não literários ou mesmo literários de baixa qualidade, cujo entendimento é relativamente descomplicado:

Os estudos sobre história educativa⁹ demonstram que os professores sempre se inclinaram para os textos informativos, considerando-os fáceis de entender e de controlar ante as sutilezas das leituras literárias. Sua crença era compartilhada pelos pais de amplos setores sociais, que pensavam que seus filhos não podiam perder tempo em divagações. Então, como agora em tantas regiões pouco alfabetizadas, a literatura foi vista como um luxo supérfluo, algo próprio das elites sociais e abissalmente distanciado das necessidades da maioria da população, que devia aprender a linguagem escrita o mais depressa possível para poder começar a ganhar a vida. (COLOMER, 2007, p.35)

Como podemos abordar o texto literário no contexto escolar? Em situações diversas, o texto literário é, muitas vezes, jogado ao estudante, sem levar em consideração a sua receptividade, seu contexto social, enfim, algo que leve realmente em consideração a necessidade do seu receptor/leitor. A teoria da estética da recepção, defendida pelo crítico literário alemão Hans Robert Jauss, fundamenta essa importância:

A obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28)

Selecionar um texto ou livro literário não é uma ocupação fácil ao professor. Existem diversas opções, contextos, autores, enfim, tudo isso acaba exigindo muita dedicação e tempo do professor como mediador de leitura literária. Evidentemente que carecemos de alguns critérios ao escolher o que vai passar ao seu estudante. Ceia (2002, p. 20) afirma que “o professor de literatura tem que ser em primeiro lugar um investigador de literatura e um profundo conhecedor dos mecanismos da(s) língua(s)”. Ainda conclui que “não é possível ensinar com rigor científico o que não se leu de forma reflectida” (CEIA, 2002, p. 20).

⁹ Nota da autora: A.M.Chartier; “La littérature de jeunesse à l’école primaire: histoire d’une reencontre inachevée”, in H. Zoughebi, *La littérature dès l’alphabet*, Paris, Gallimard, 2002, p. 141-157.

Logo, é necessário ter cuidado com algumas práticas comuns no contexto escolar, como Paulino e Cosson (2009, p. 73, grifo dos autores) comentam “na preocupação docente de aferir tais leituras, já condenadas à exaustão, as tradicionais ‘provas de livros’, realizam-se ‘seminários de literatura’, normalmente debates sem forma e sem objetivos claros”. Assim, é comum obrigarmos um estudante a ler uma obra literária com a motivação da nota, não nos preocupando com as especificidades que cada leitor e leitura oferecem. Paulino e Cosson (2009) ainda corroboram neste aspecto: “é por essa tradição que esvazia a força e a própria identidade da literatura e de seus possíveis leitores e produtores de textos que questionamos os agentes e os agenciamentos do letramento literário na escola” (2009, p. 73).

Para que o letramento literário realmente ocorra no ambiente escolar, é necessário assegurar que haja efetivamente o contato do estudante com a literatura desde o início de sua escolarização. Isso é um direito do estudante que deve ser assegurado no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, na matriz curricular, além de projetos de incentivo à leitura que partam da própria instituição escolar, não ficando somente como responsabilidade ao professor de língua portuguesa. Colomer (2007, p. 52) enfatiza que para formação de um leitor-pescador¹⁰ “começa com um acúmulo de práticas sociais que o rodeiam desde seu nascimento.” A autora conclui: “é, pois, através de distintos canais, dos livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que as crianças começam a fixar as bases de sua educação literária” (COLOMER, 2007, p. 52).

Em vista disso, nós professores, agenciadores do letramento literário, não podemos nos omitir da responsabilidade pela seleção dos textos ou livros literários. Dito isso, é necessário o conhecimento de alguns critérios, tais como: a diversidade de textos, passando desde a poesia até o romance ou novela, assuntos de interesse do estudante conforme sua faixa etária, sempre tomando cuidado com a questão da facilitação. Nossos estudantes, mesmos os de escolas públicas, são capazes sim de fazer leituras de textos ou livros mais complexos ou os cânones.

O que torna uma abordagem mais adequada é o cuidado de não apresentar o texto literário sem um preparo anterior, sem uma experiência literária já amadurecida. Cosson (2012) defende que a escolha das obras literárias deve priorizar as obras atuais, contemporâneas ou não. Elucida também que as “obras contemporâneas são

¹⁰ Metáfora usada para ilustrar que assim como o pescador deve se preparar para a pescaria, o estudante também deve ser preparado para a leitura literária.

aquelas escritas e publicadas em meu tempo e obras atuais são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação” (2012, p. 34). Destarte, Cosson conclui que “o letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não” (2012, p.34). Um bom exemplo de um texto atual é o “O homem da cabeça de papelão” do autor João do Rio (pseudônimo), escrito em meados do século passado, mas que reflete uma situação atual: a corrupção na política. Sem fazer uma análise do conto, o que devemos buscar é que a obra literária tenha uma abordagem da nossa situação atual. Nessa perspectiva, o conto mesmo publicado há quase 100 anos, certamente prenderá a atenção do estudante por ser algo que se aproxima da realidade vivenciada atualmente.

Outro aspecto importante é não priorizar o gosto individual, seja ele do estudante ou do professor. Neste sentido, corremos um sério perigo de não conseguirmos alcançar uma construção literária de sentidos, que consegue mostrar ao estudante a diferença que a literatura promove em nossas vidas:

Se o ensino da literatura ficar reduzido ao culto do gosto individual, seja o do estudante seja o do professor, nunca sairemos de nós mesmos e a visão que teremos do mundo é aquela que o manual nos ditar segundo uma razão que aprendemos a recitar em vez de privilegiarmos o caminho dialético da dúvida criativa, aquela que nos permite dizer que uma dada obra de arte pode também não ser arte. (CEIA, 2002, p. 13)

No ensino da literatura, embora a democracia deva permear as relações professor-estudante, em se tratando de leitura subjetiva não podemos cair no artifício de que qualquer coisa escrita ou falada pelo estudante pode ser considerada uma interpretação adequada. Existem limites que o próprio texto estabelece, pois, o letramento literário não ocorre só por meio da leitura, ocorre também na escrita ou registro (COSSON, 2012), um processo tão importante quanto à leitura, que é muitas vezes não aprofundado pelo professor, devido às dificuldades encontradas pelos estudantes.

Quanto à produção de textos literários no contexto escolar, também é incerta, passamos por uma espécie de opacidade, ocorrido pelas práticas e/ou conceitos equivocados nossos, professores de língua portuguesa. Um paradigma comum em sala de aula é que só os poetas podem escrever poesias, só os grandes escritores

possuem o dom de escrever contos, romances, entre outros. Consequentemente, a escrita de textos literários não se destinaria aos nossos estudantes. Paulino e Cosson (2009, p. 69) afirmam que o “letramento literário envolve tanto a leitura quanto a escrita, pois entendemos que ambas são parte do mesmo processo de construção de sentidos da literatura”. Entretanto, não devemos exigir que os estudantes, ao praticarem a escrita literária, o façam com um desempenho comparado ao de grandes escritores.

Certamente que o registro deverá ser coerente à idade do estudante, por exemplo: uma criança em fase de alfabetização poderia fazer um desenho sobre a história que lhe foi contada, depois socializá-la com seus colegas. Fato importante que, além da interpretação, do entendimento sobre a obra lida, precisamos registrar em nossos apontamentos. Cosson (2012, p. 66) sugere várias formas de se fazer o registro, tais como: uma resenha para um jornal, dramatização de alguma cena encontrada na obra, uma música que represente os sentimentos de uma personagem, num sentido mais amplo tem a promoção de feiras culturais e/ou literárias. Não podemos dissociar a leitura da escrita:

A singularidade que faz do letramento literário um tipo especial de letramento se efetiva por meio de um processo constituído de dois grandes procedimentos. O primeiro deles é a interação verbal intensa que a apropriação da literatura demanda. A leitura e a escrita do texto literário operam em um mundo feito essencialmente de palavras e, por essa razão, uma integração mais profunda com o universo da linguagem se torna necessária. Ler e escrever literatura é uma experiência de imersão, um desligamento do mundo para recriá-lo ou, antes, uma incorporação do texto semelhante ao ato de se alimentar. (PAULINO, COSSON, 2009, p. 68)

Assim, para que realmente ocorra a construção de sentidos da literatura na escola, não podemos deixar a escrita para um segundo plano. Ela é tão importante quanto a seleção dos textos/obras, e/ou a leitura, ambas corroboram para uma significativa aprendizagem, assim temos uma “construção literária de sentidos” (PAULINO, COSSON, 2009, p. 70) na vida dos nossos estudantes. Deste modo, baseando-nos no letramento literário, os dois programas de leitura do texto literário

aplicados em sala de aula tiveram a “Atividade de Criação” que oportunizou ao estudante a experiência da escrita literária.

2.5 A presença do texto literário no livro didático: a proporção diante de outros gêneros

Ao pensarmos em sala de aula, logo vem a questão: o que trabalhar nas aulas de língua portuguesa? Muitos professores responderiam que depende do que há disponível no livro didático da turma. Sabemos que o livro didático é um suporte importante para o ensino da língua, mas como esse instrumento aborda os textos literários?

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica¹¹. Considerando, um país tão grande como o nosso, com tantas diferenças geradas pela desigualdade social, realmente é plausível uma política pública que invista em subsídio/apoio para o professor em sala de aula. Certamente é questionável se isso é melhor ou pior para os estudantes, entretanto, é inegável a importância desse material, uma vez que em muitos lugares não existem condições minimamente adequadas de ensino e de aprendizagem e, menos ainda, do professor elaborar seu próprio material didático, seja pela falta de tempo para pesquisa e produção, ou até mesmo pelas lacunas devido às falhas em sua formação, assunto que mereceria melhor desenvolvimento, mas não é objetivo deste trabalho.

Assim, ao pesquisarmos os livros didáticos, o que constatamos é que eles acabam, de certa forma, unificando a aprendizagem, pois têm eixos de ensino comuns, a diferença entre uma coleção e outra é a forma que cada autor/editora aborda os conteúdos.

Nos 8º e 9º anos do ensino fundamental, o livro didático de língua portuguesa aborda além das questões gramaticais, o trabalho com os diversos gêneros. Nesse aspecto, tivemos o propósito de verificar se o texto produzido em contexto mato-

¹¹ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>>. Acesso em: 07setembro 2016.

grossense¹² integra tal material. Outro desígnio foi constatar a proporção da presença do texto literário em relação aos outros gêneros, e quais abordagens de produção de leitura são feitas nos livros didáticos. Sabemos que o texto literário é um componente muito importante no contexto do ensino da língua portuguesa, uma vez que os *Parâmetros Curriculares Nacionais* abordam e salientam sua relevância, bem como reforçam que não devem ser usados para pretexto¹³ no tratamento de questões morais ou tópicos gramaticais:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p. 27)

Assim, necessitamos fazer uma pesquisa bibliográfica mais profunda para verificar como o texto literário é abordado nos livros didáticos. Ponderamos que, em se tratando da metodologia adotada pelo livro didático, o desempenho do professor como mediador da leitura influencia, a abordagem do texto literário, por exemplo: há poemas usados no livro didático somente para preencher as lacunas com as preposições e/ou outra classe gramatical. Entretanto, se o professor quiser ampliar essa abordagem, poderá propiciar a leitura cursiva, bem como a analítica, ambas teorizadas por Annie Rouxel (2012, 2013). Deste modo, o texto literário não se torna um mero texto escolar:

Portanto, se concordarmos com a abordagem trazida pelo livro didático que sugere uma leitura a fim de que a realização de um exercício seja possível, teremos em mãos um texto escolar; no entanto, se ignorarmos a atividade sugerida e simplesmente lermos o texto trazido pelo compêndio, teremos novamente um texto literário. (SILVA, FRITZEN, 2012, P. 272)

¹² São considerados textos de literatura mato-grossense “os textos escritos por autores que nasceram em Mato Grosso ou que nele residem (ou tenham residido), contribuindo para o enriquecimento da cultura do Estado.” (MAGALHÃES, 2001, p. 18).

¹³ Nesta pesquisa, utilizou-se o termo pretexto no sentido que os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam, como uma desculpa para abordagem gramatical, não levando em consideração outras reflexões que podem ser exploradas com o texto literário.

Logo, salientamos que o livro didático de língua portuguesa ao didatizar¹⁴ o texto literário da mesma forma que os demais textos, torna-o comum, perde-se seu encantamento, sua peculiaridade, sua visão humanizadora, entre outros. Zilberman (2009, p. 35) adverte: “o livro didático exclui a interpretação e, com isso, exila o leitor”, e conclui:

[...] o autoritarismo se apresenta de modo mais cabal, quando o livro didático se faz portador de normas linguísticas e do cânone literário. Ou quando a interpretação se imobiliza em respostas fechadas, de escolha simples, promovidas por fichas de leitura, sendo o resultado destas a anulação da experiência pessoal e igualitária com o texto. (ZILBERMAN, 2009, p. 35)

Novamente, reforçamos que o professor de literatura e/ou língua portuguesa tem a possibilidade de criar/inventar outras leituras a partir dos textos literários presentes no livro didático, mas devido a vários fatores¹⁵ há uma espécie de abdicação do texto literário em sala de aula, não considerando sua singularidade, suas características estéticas, sua linguagem metafórica ou sentimento que pode ser despertado ao lê-lo.

Deste modo, constatamos que, apesar da diversidade de gêneros presentes no livro didático, o texto literário foi didatizado semelhante aos demais textos, exceto os nomeados nesta pesquisa como reflexão, ficando assim a critério do professor regente sua abordagem. Como afirmam Silva e Fritzen (2012, p. 272, grifo dos autores) “o texto literário é abordado pelos livros didáticos de tal forma que acaba por dissociá-lo de sua qualidade artística, não pragmática. Atribuindo-lhe uma função imediata, um *texto literário* transforma-se em mero *texto didático*”. Buscando analisar melhor esse material didático, pesquisamos quatro¹⁶ coleções novas¹⁷, todas aprovadas pelo

¹⁴ Aqui, referimo-nos aos livros didáticos apresentados nesta pesquisa.

¹⁵ Alguns fatores: jornada de trabalho extensa, com isso tempo para preparar atividades diferenciadas do livro didático; formação do profissional deficitária em metodologias diferenciadas; falta de políticas públicas voltadas para o fazer pedagógico, exemplo: Sala do Educador, usada como formação continuada nas escolas públicas mato-grossenses, focada mais nas leituras de normativas, leis, deixando de lado as práticas metodológicas.

¹⁶ Coleção 1: TECENDO LINGUAGENS, 8º e 9º anos, autores(as): Tania Amaral Oliveira, Elizabeth Gavioli de Oliveira Silva, Cícero de Oliveira Silva, Lucy Aparecida Melo Araújo, Editora: IBEP. Coleção2: PARA VIVER JUNTOS, dos autores(as): Greta Marchetti, Heidi Strecker, Mirella L. Cleto, editora: SM. Coleção3: PORTUGUÊS, LINGUAGENS, dos autores(as): William Cereja e Thereza Cochar, editora: Saraiva. Coleção 4: PROJETO TELÁRIS, dos autores(as): Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin, Vera Marchezi; da editora Ática.

¹⁷ Coleções que foram disponibilizadas para avaliação dos professores, entre elas, as duas escolhidas para os próximos três anos na escola Olímpio João Pissinati Guerra.

Ministério da Educação e Cultura¹⁸, para os 8º e 9º anos, sendo que destas, duas¹⁹ foram selecionadas pela escola para o próximo triênio. Eis alguns critérios de tabulação da pesquisa:

Foram catalogados todos os textos presentes no livro didático pesquisado, incluindo fragmentos e textos multimodais²⁰. Os gêneros literários pesquisados foram: poema²¹, crônica, romance²², conto, lenda, canção²³, peça teatral e fábula. No item “Outros textos”, está o total de textos diversos gêneros, excluindo os literários analisados. Todas coleções fizeram a abordagem do texto literário para interpretação textual²⁴, bem como interpretação e gramática – alguns livros incluíram após a interpretação, fragmentos do texto para explicar questões gramaticais, então foram consideradas as duas abordagens juntas. Algumas coleções também utilizam o texto literário somente para abordar questões gramaticais, o que foi legendado como gramática. Houve também a ocorrência do texto literário servir como inspiração ou motivação sobre um assunto ou tema abordado, sendo classificado na pesquisa como reflexão. As imagens que ilustraram o texto não foram consideradas, entretanto, as que serviam de reflexão e/ou análise foram consideradas como texto²⁵.

No primeiro conjunto de gráficos dos 8º anos (gráficos 1,2,3 e 4), nomeamos cada coleção e mostramos a quantidade de textos, tanto os literários quanto os não literários²⁶. Assim, podemos constatar que poema é o gênero literário mais utilizado pelos livros didáticos. Isso se deve porque muitos servem de motivação para abordar algum assunto, mas também foram utilizados somente para pretexto²⁷.

¹⁸ Ver guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2017.

¹⁹ As escolas selecionam duas opções de coleções de livros didáticos, se não vier a primeira, provavelmente virá a segunda opção.

²⁰ O termo “texto multimodal” tem sido usado para nomear textos constituídos por combinação de recursos de escrita (fonte, tipografia), som (palavras faladas, músicas), imagens (desenhos, fotos reais) gestos, movimentos, expressões faciais etc. (BUZEN, MENDONÇA. 2013, p. 21).

²¹ A literatura de cordel foi incluída nesse item.

²² A novela foi incluída nesse item.

²³ Apesar dos gêneros poema e canção terem a mesma origem, na pesquisa foram classificados separados, conforme abordam os livros didáticos.

²⁴ Não foi separado a interpretação da compreensão, alguns autores dos livros didáticos pesquisados abordam somente como interpretação, outros como interpretação e compreensão. Foram considerados como **sinônimos** nesta pesquisa.

²⁵ Concepção de texto para esta pesquisa: “o texto é um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos. É, também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante”, (CAVALCANTE, 2016, p. 20).

²⁶ Outros textos.

²⁷ Ler citação da página 37 (BRASIL, 1998, p. 27).

Gráfico 1

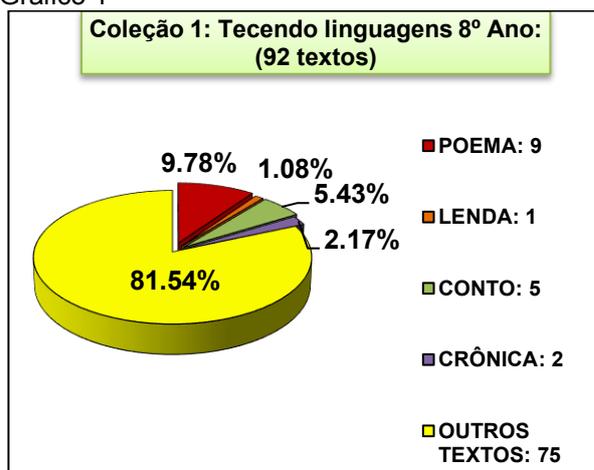


Gráfico 2

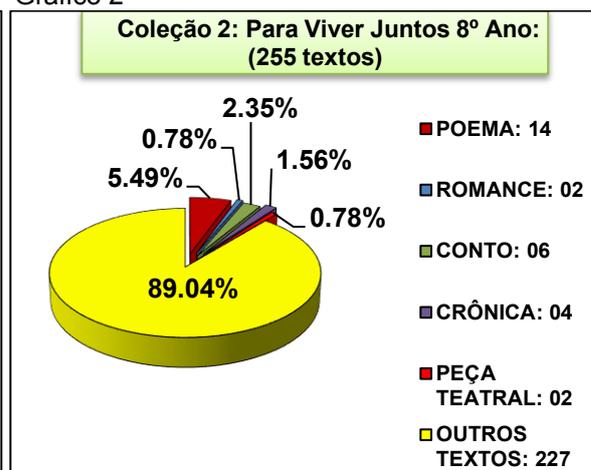


Gráfico 3

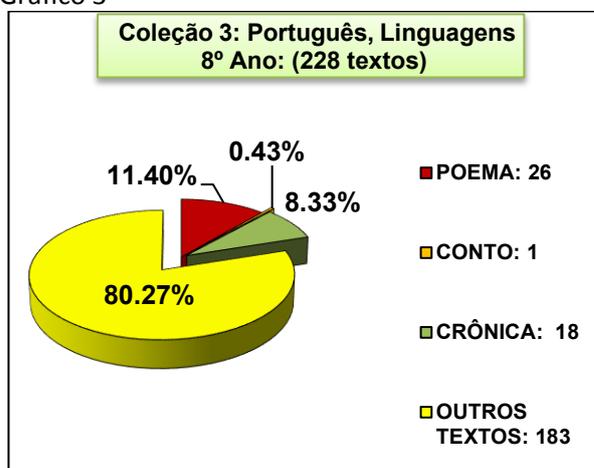
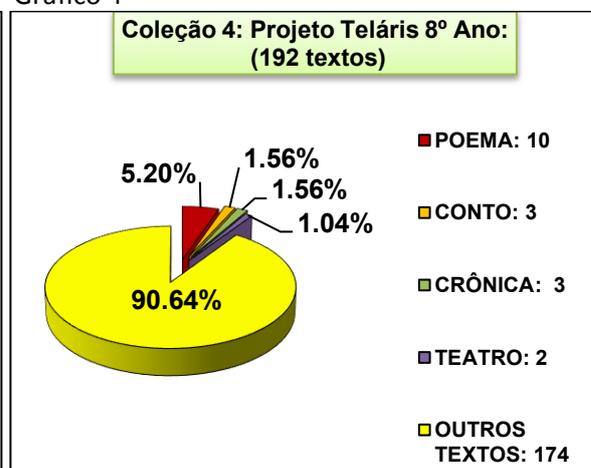


Gráfico 4



Dando sequência, temos o segundo conjunto de gráficos dos 8º anos (gráficos 5, 6, 7 e 8), cujo objetivo foi analisar o percentual de textos literários nos livros didáticos e como ocorre a abordagem dos mesmos. Deste modo, constatamos que os livros didáticos estão contemplando diversos gêneros textuais:

Afinal, ainda que não tenha sido esta a intenção original, o imperativo da diversidade de gêneros e tipos (um dos critérios da Avaliação oficial do LDP) tem significado, muitas vezes, o abandono do texto literário — antes praticamente solitário, no LDP²⁸ e na sala de aula de língua materna — em favor dos demais. Num contexto como este, o velho hábito de não contemplar o que o texto literário tem de próprio, quando confrontado com os outros, só tem feito aumentar o esquecimento da literatura e a sensação, cada vez mais disseminada, de que é “difícil” ou mesmo “impossível” para o ensino fundamental. (RANGEL, 2003, p. 133, grifo do autor)

²⁸ Livro didático de língua portuguesa.

Assim, analisamos que não há uma homogeneidade no que tange a abordagem do texto literário²⁹, cada coleção se concentrou mais em um aspecto, a coleção 1, por exemplo, só utilizou 17,65% para abordagem gramatical, além da interpretação; já na coleção 2, temos praticamente o oposto, pois apenas em 21,46% dos textos a abordagem foi para interpretação, o restante, 78,54%, recebeu algum tipo de abordagem gramatical. Um aspecto importante é que, quanto à interpretação e gramática, todas as coleções primeiramente apresentaram as questões relacionadas à interpretação, depois introduziram o conteúdo gramatical para em seguida utilizar-se de exemplos retirados do texto literário, comprovando que o texto literário ainda é muito utilizado para uso e exemplificação das regras gramaticais.

Gráfico 5

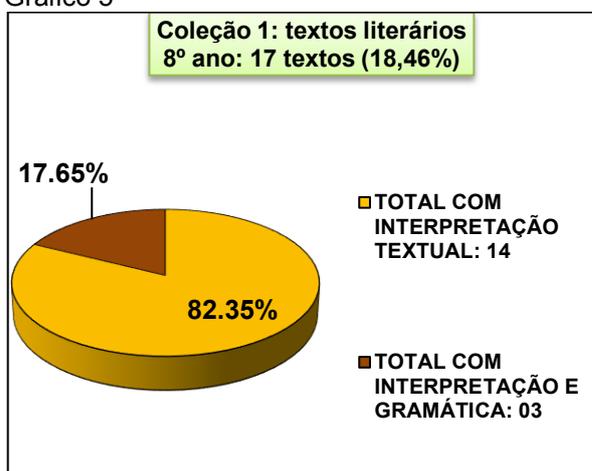


Gráfico 6

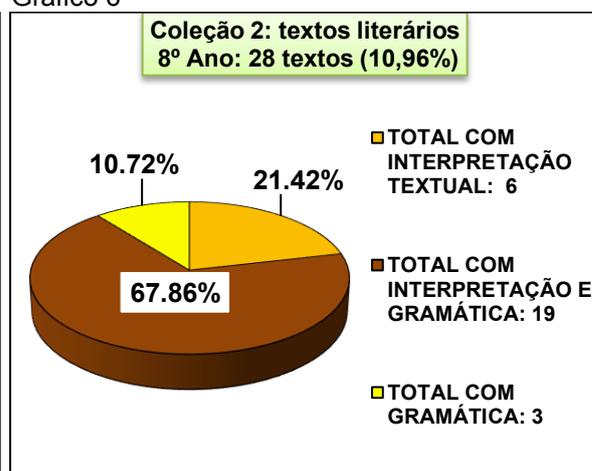


Gráfico 7

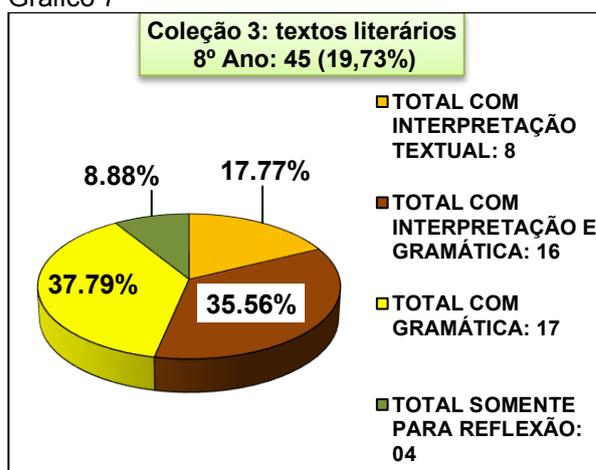
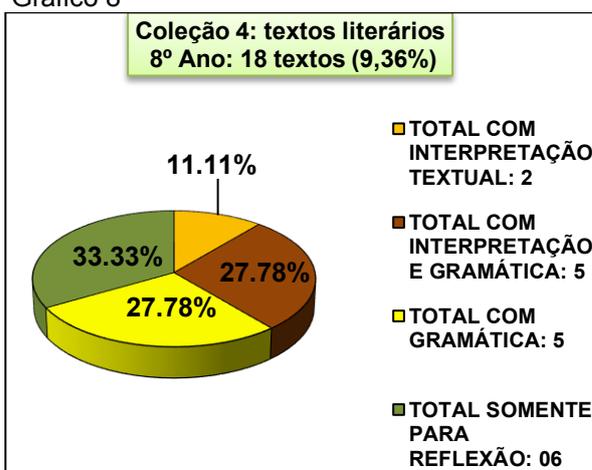


Gráfico 8



²⁹ Não se pesquisou os demais gêneros presentes em cada coleção.

Neste terceiro conjunto de gráficos, os do 9º ano (gráficos 9,10,11 e 12), observamos uma disparidade muito grande na quantidade de textos literários abordados, temos na coleção 2³⁰ apenas 5,95% do total de textos, e, de outro lado, a coleção 3 com 24,01% de textos literários. Um aspecto importante, é a equidade das coleções 1, 3 e 4 na quantidade de textos literários. Também é necessário uma observação, nos 9º anos há o estudo das Figuras de Linguagem, isso motivou o uso dos textos literários, em especial o poema como exemplo ou atividade.

Gráfico 9

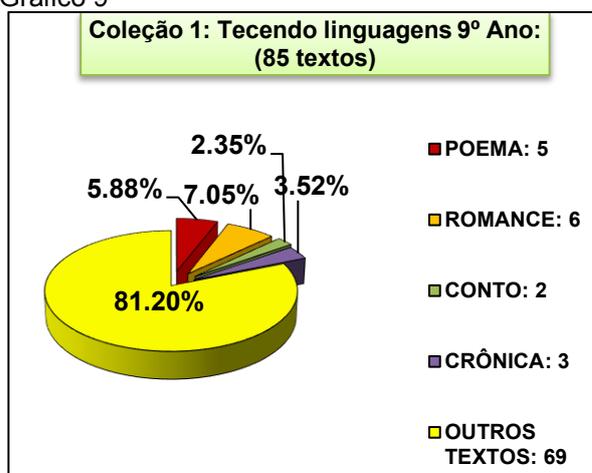


Gráfico 10

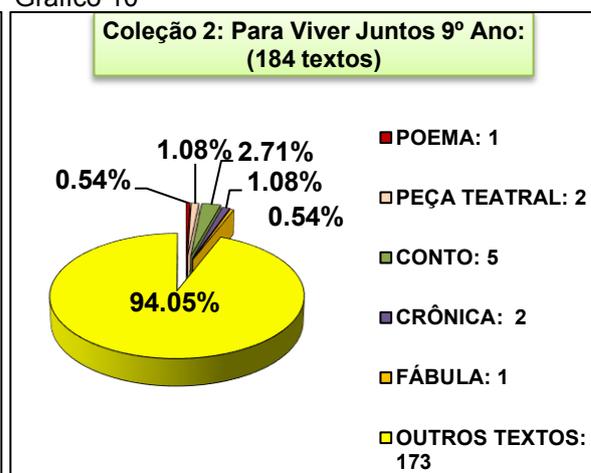


Gráfico 11

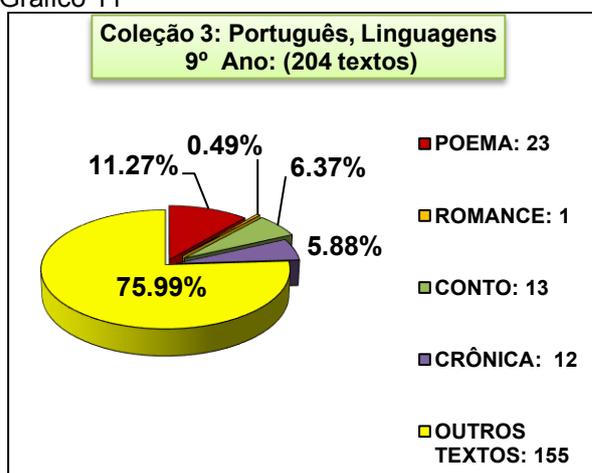
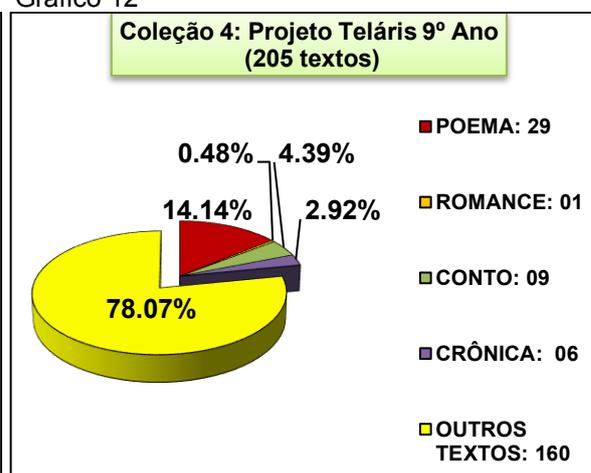


Gráfico 12



Quanto ao conjunto de gráficos dos 9º anos a seguir (gráficos 13,14,15 e 16), podemos observar que ocorreu um aumento considerável no percentual dos textos literários, quase 5% nas coleções 1, 3 e 4, entretanto a coleção 2 obteve uma queda

³⁰ Essa coleção trabalha um gênero por unidade, não privilegiou os gêneros literários analisados.

de 5%. Uma justificativa para isso é que no 9º, os livros didáticos abordam as figuras de linguagem, conforme mencionamos anteriormente.

Gráfico 13

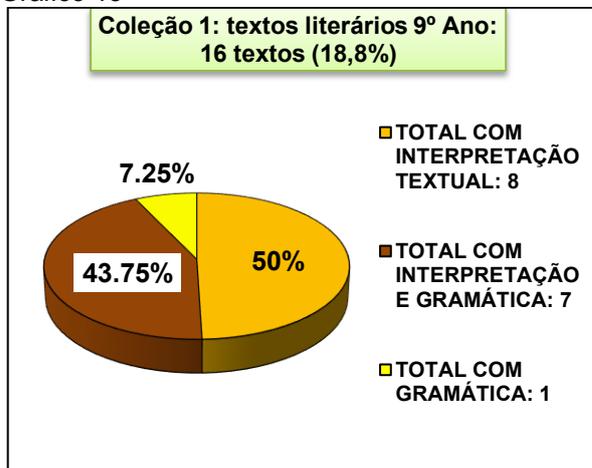


Gráfico 14

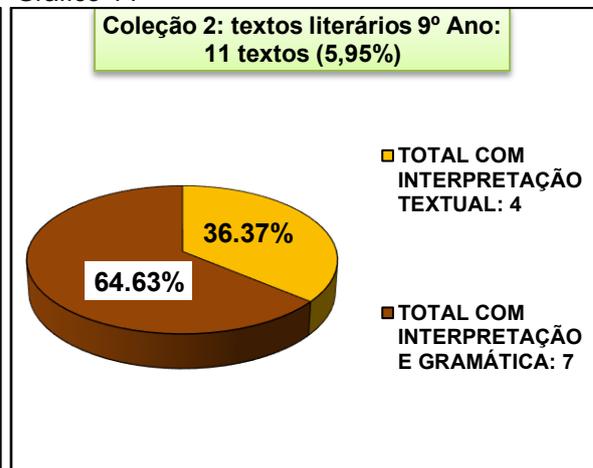


Gráfico 15

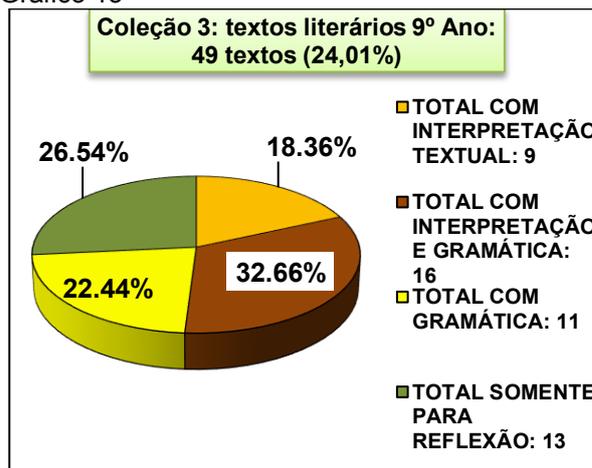
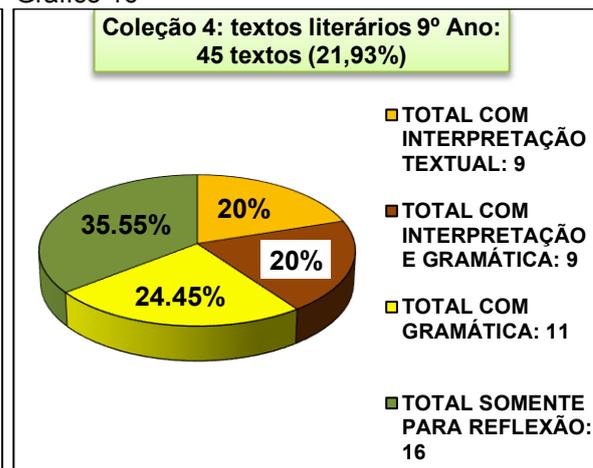


Gráfico 16



Com o propósito de saber quais os gêneros literários servem de inspiração e quais são mais utilizados como pretexto para o ensino da gramática, fizemos os dois gráficos seguintes. O gênero poema foi o mais abordado, tanto em relação à motivação, como também em questões gramaticais.

Gráfico 17

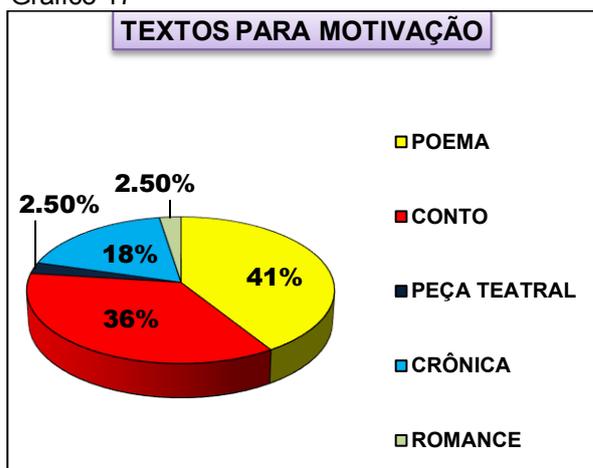
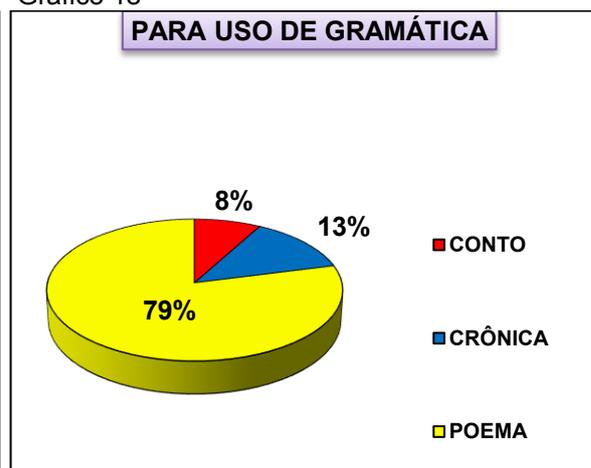


Gráfico 18



Certamente, o papel do professor de língua portuguesa pode fazer toda diferença no que diz respeito ao trato do texto literário, em especial o poema/poesia e sua função social, tão defendida pelo professor Hélder Pinheiro em seu livro *Poesia em sala de aula*:

A função social da poesia, é bom lembrar, não é mensurável dentre modelos esquemáticos. Trata-se de uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor. (PINHEIRO, 2007, p.23)

Salientamos que o objetivo principal desta pesquisa, não foi apresentar erros e/ou falhas na elaboração dos livros didáticos, mas sim, deixar transparente como os textos literários são abordados e principalmente, que a nossa literatura mato-grossense não está contemplada nos livros pesquisados, salvo exceção de um poema de Manoel de Barros, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 19



Chegamos à conclusão que, nas quatro coleções pesquisadas, em se tratando do texto literário, a presença não é tão expressiva. Compreendemos que existe uma infinidade de gêneros, sejam literários ou não, mas se levarmos em consideração que o acesso aos textos literários regionais praticamente só se daria na escola, vemos que ainda há um caminho muito longo a percorrer.

Assim, nossa pesquisa-ação pretende contribuir para a diminuição dessa lacuna (ausência do texto literário mato-grossense) que está presente nos livros didáticos distribuídos às escolas públicas do estado.

3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao iniciarmos a proposta de intervenção, partimos da premissa de que considerarmos a leitura literária como “a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção [...]” (ROUXEL, 2013b, p. 20), em que o leitor interage com o texto, modificando-o conforme sua recepção, não sendo um leitor passivo, mas sim um “sujeito leitor” defendido por Rouxel (2013b, p. 20). Entendemos que ao ler um texto literário, o sujeito leitor, neste caso tanto professor quanto estudante precisará

renunciar à imposição de um sentido convencionado, imutável, a ser transmitido. A tarefa, para ambos, é mais complexa, mais difícil e estimulante. Trata-se de, ao mesmo tempo, partir da recepção do aluno, de convidá-lo à aventura interpretativa com seus riscos, reforçando suas competências pela aquisição de saberes e técnicas. (ROUXEL, 2013b, p. 20)

Deste modo, ao considerarmos o sujeito leitor, consideramos também sua forma de apropriação do texto literário, respeitando a subjetividade no ato de leitura. Devido à lacuna de textos literários mato-grossenses nos livros didáticos, temos a necessidade de uma efetiva ação dentro do contexto escolar. Para isso, nossa proposta de intervenção se ancora nos métodos da pesquisa-ação, conforme Thiollent (2011, p. 7):

O método de pesquisa-ação consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, relativamente relevantes, por intermédio de grupos em que se encontram reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas. (THIOLLENT, 2011, p. 7)

Posto isso, estudamos alguns procedimentos didáticos-metodológicos. Neste aspecto, Rildo Cosson (2012) apresenta duas formas de abordar os textos/livros literários em sala de aula, a primeira e mais curta, a Sequência Básica (SD) e a segunda mais extensa, a Sequência Expandida (SE). Outro procedimento metodológico, a Sequência Didática (SD), que “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 97). Ainda existe o Protótipo Didático, algo mais flexível, fundamentado por Roxane Rojo (2012). Nossa articulação teve como inspiração um pouco de cada um desses modelos, entretanto, por se tratar de algo novo aos nossos estudantes, optamos por arquitetar nossa proposta a partir de alguns elementos da produção de leitura subjetiva, preconizada por Rouxel (2013a), e do letramento literário (COSSON, 2012), com enfoque na literatura mato-grossense.

A proposta que segue tem como objetivo o incentivo à leitura proficiente do texto literário mato-grossense. Para isso, optamos pela elaboração de um material didático equivalente a um livro composto por unidades ou capítulos. De acordo com nossa orientadora, chamaremos essa proposta metodológica de “Programas de Leitura do Texto Literário Mato-grossense”. Meu trabalho como mestranda correspondeu à elaboração de duas unidades que foram aplicadas em uma turma de 9º ano. A base de cada unidade foram textos da literatura mato-grossense, tendo a inclusão de outras artes como a fotografia, a tela, o vídeo, sugestões de leitura de obras nacionais e/ou universais.

Para a confecção desse material, seguimos a estrutura proposta pela orientadora, que contempla atividades de motivação, de produção de leitura, nesse item, consideramos tanto a leitura cursiva que “não leva a analisar o detalhe do texto, mas a perceber o sentido no todo[...] leitura autônoma e pessoal, ela autoriza o fenômeno de identificação e convida a uma apropriação singular das obras” (ROUXEL, 2013a, p. 195), quanto a leitura analítica “lenta, que se interessa pelo detalhe do texto” (ROUXEL, 2012, p. 275), além de atividade de criação, envolvendo

as tecnologias. Buscamos priorizar o papel do leitor nessa interação, conforme alguns pressupostos da Estética da Recepção³¹. Portanto, como não há disponível um material de apoio ao professor com literatura mato-grossense, pensamos em, de modo parcial, criar condições para a abordagem literária regional nas escolas do estado, cumprindo-se com um dos objetivos da pesquisa-ação:

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas em situação investigada que seja de tipo participativo. (THIOLLENT, 2011, p. 22)

Assim, elaboramos, além de atividades de produção de leitura do texto literário mato-grossense, sugestões de atividades de criação literária³², uma vez que contribuem com o desenvolvimento do gosto, do senso estético e das habilidades criativas dos estudantes. Seguem as duas unidades que foram aplicadas em sala de aula, tendo por eixo norteador os pressupostos teóricos da estética da recepção, com vistas a um letramento na literatura produzida em nosso estado:

LITERATURA: PRAZER E CONHECIMENTO³³

Programa 01

Tema: *Namoros: à moda antiga e atual*

Duração: 6 aulas (mínimo)

Público-alvo: estudantes do ensino fundamental II (8º e 9º anos)

Ao final deste programa, esperamos que os estudantes tenham produzido conhecimentos sobre o tema e desenvolvido estas habilidades:

- Relacionar informações representadas de diferentes formas e advindas do repertório de leituras de cada um, para construir opiniões e conhecimentos.

³¹ JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. De Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

³² COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

³³ Esta versão aqui apresentada não é a versão original do material/livro didático, devido a formatação do texto acadêmico. Em anexo segue a versão oficial do material/didático para ser impresso pelo professor.

- Comparar variações de produção discursiva sobre um mesmo tema em diferentes momentos históricos.
- Utilizar os conhecimentos sobre a construção do texto literário para atribuir-lhe sentidos e identificar a relação semântica entre palavras de diferentes classes gramaticais e o tema de um texto.
- Comparar interpretações de um mesmo fato em diferentes textos.
- Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação de textos.
- Relacionar informações sobre os sistemas de comunicação e informação, considerando sua função social e a evolução tecnológica.

Atividade de motivação: (1 aula)

Apresentar um vídeo (sugestão: <<https://youtu.be/Vex88wcj9dk>>) no projetor de multimídia. Em seguida, fazer um bate-papo informal sobre o vídeo (sugerimos algumas questões): o que pensam, concordam com o autor, são conselhos bons? O que eles entendem por amor?; Como podemos demonstrar nosso amor?; Quem ama fica bobo?; Existe amor pela internet?; Como era a comunicação entre os pais e mães de vocês quando namoravam?; Eles já contaram histórias sobre isso?; E os avós, se comunicavam de outra forma?; Com o auxílio da internet e celular, namorar ficou mais fácil?; Você conhece alguém que já namorou pela internet?; Os pais/mães ainda interferem nos relacionamentos?

Atividade de produção de leitura dos textos literários: (1 aula)

TEXTO 01:

A namorada

Manoel de Barros

Havia um muro alto entre nossas casas.

Difícil de mandar recado para ela.

Não havia e-mail.

O pai era uma onça.

A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por
um cordão
E pinchava a pedra no quintal da casa dela.
Se a namorada respondesse pela mesma pedra
Era uma glória!
Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da goiabeira
E então era agonia.
No tempo do onça era assim.

(Fonte: BARROS, Manoel. **Tratado geral das grandezas do ínfimo.**

Editora Record: Rio de Janeiro, 2001)

Registro livre das primeiras impressões:

Assinale o(s) *emoticon(s)* correspondentes ao que você sentiu ao ler o texto.
Depois tente traduzir essa sensação pela escrita.



Produção de leitura:

1. O poema nos oferece informações sobre como o eu lírico se comunicava com a “suposta” namorada. E também informa que isso acontecia antigamente.
2. Que expressões do texto confirmam se tratar de algo passado. De que modo as pessoas se comunicam para namorar atualmente?
3. “O pai era uma onça”, nessa afirmação, o que podemos entender por “era uma onça”? Quais eram as dificuldades de comunicação apresentadas pelo eu lírico?
4. O que a palavra “glória” representa para o eu lírico? E a palavra “agonia”?
5. Você sabe o que significa a expressão “no tempo do onça”? Dizem que tem origem no séc. 18, no Rio de Janeiro. Pesquise na internet, descubra e depois escreva aqui:

6. Pelas informações/pistas oferecidas pelo texto, é possível afirmar que os dois namoravam? Comprove:
7. Agora, imagine que você fosse o pai da menina, narre o texto colocando o ponto de vista do pai.
8. Imagine que a suposta “namorada” seja você e descreva o acontecimento narrado no poema do seu ponto de vista. Você pode modificar livremente o texto.

Sugestão de atividade extraclasse:

Faça uma pesquisa de opinião com seu pai ou mãe, avô ou avó, sobre como namoravam antigamente, e como eles veem a diferença entre os namoros antigos e atuais. Anote os dados e escreva um texto como se estivesse escrevendo uma matéria para um *Blog da internet*. Use sua criatividade para abordar o tema da forma que achar melhor.

Texto 02 (2 aulas)

“*Amorchegando.com*” de Marinaldo Custódio³⁴

Ouçó, num CD, música do Amado Batista falando de homem maduro que coloca página na internet à procura de uma gatinha, uma ninfeta para namorar.

E claro que para isso ele usa a internet, que é o modo de gente moderna e antenada procurar o amor. Foi-se o tempo das velhas cartinhas perfumadas com marcas de beijos e desenhos de flores, do pombo-correio, do recadinho pela prima ou pela colega de classe da escola. Não que essas formas de abordagem amorosa tenham deixado absolutamente de valer, pois como diz o compositor caipira, enquanto o mundo for mundo, e tiver perfume a flor, há de existir a viola e o cantador, e aqueles que fazem (e ouvem), embevecidos, as mais singelas declarações de amor! Mas que o *must* agora é a comunicação virtual, não há dúvida, e ainda mais para um cinquentão à procura de garotas!

³⁴ Marinaldo Custódio é escritor e pratica muitas outras lides envolvendo as letras.

“Carta já era! Não sou ultrapassado, ora essa!” – confabula ele consigo próprio encolhendo a barriga e fazendo pose diante do espelho, perfeitamente ridículo. Mas se Fernando Pessoa disse que todas as cartas de amor são ridículas, como são ridículos os que as escrevem, por que haveria de ser diferente com quem as manda pelo computador?

Dia desses, encontro num café do centro da capital, o Júlio lá de Quatro Marcos, o Julião velho de guerra, e, conversa vai conversa vem, ele me diz que está descasado, mas namorando alguém de longe e que, “amanhã ou depois”, vai seguir viagem para ver a amada, a sua nova esposa para breve, como me assegura.

— A cidade lá é bem pequena, sem interesse, pouco movimento e onde corre pouco dinheiro – disse ele.

— Mas se é assim, como é que você arrumou namorada nesse lugar? Tem parentes ou amigos por lá?

— Tenho nada, cara, arranjei pela internet.

— Pela internet?

— Desde que me separei, passei a procurar mulheres também na internet, conheci um monte de gente fui me encontrar pessoalmente com três que comecei a namorar quase ao mesmo tempo.

— E essa é uma das três?

— Sim, é a terceira e eu a escolhi por ser a mais simples. Ela é professora, mora com os pais. Uma das outras mora sozinha numa capital, é advogada, mas tava querendo me controlar, mandar em mim. Dei o fora nela e na outra também, que nem era tão bonita como eu pensava, e fiquei apenas com a professora. Hoje só uso a internet pra namorar com ela.



Quem também passou a usar a internet pra namorar foi a minha amiga Érica, mas, se passou a fazê-lo só de uns anos para cá, a exemplo do Júlio, não foi pelos mesmos motivos dele. O Júlio, como dissemos, era casado, além do mais, isto de rede mundial de computadores é coisa relativamente recente para ele. Para ela, não: universitária que se tornou assessora parlamentar em meados da década de 90. Érica esteve desde sempre entre os brasileiros virtuais.

— Então, por que você foi procurar namorado na internet, se é jovem, bonita, tem bom emprego, carro e tudo mais? – perguntei-lhe enquanto saboreávamos um suco de laranja com acerola que ela pagou, numa dessas lanchonetes avarandadas de Cuiabá, olhando o voo leve de um bando de andorinhas no céu infinitamente azul de maio.

— Bem, primeiro sou jovem, vírgula... Tenho 30 anos, e você acha que tá fácil para uma mulher como eu arranjar namorado, hoje em dia?

— Bem, bem, não fui mulher, não sei, mas tenho ouvido falar dessas dificuldades...

— Depois de muito resistir, e diante das evidências, resolvi tentar. Deu certo, tanto que já estou no terceiro que arrumei através da internet. Hoje até acho difícil ter de encontrar alguém no mundo “real”... Acho que me acostumei com a rede, é muito mais prático, a gente tem mil opções.

Repeti pra Érica o que sempre disse pela vida afora: não aposto em namoros virtuais e ponto. Mas, a bem da verdade, devo confessar uma coisa: também eu às vezes tenho lá as minhas fraquezas e por um momento quase chego a acreditar na força da net para entrar na intimidade de outras pessoas mais do que consigo ao vivo. Às vezes conheço alguém, o papo pessoal não decola mas pela internet a coisa flui melhor. Igual a personagem de Machado que tivera aquela famosa conversa com uma certa Conceição em noite de Natal, tive agora há pouco uma conversação, digamos assim, que nunca poderei entender... Assim: instigante, sedutora, cheia de nuances e sugestões. Começando às dez da noite e entrando pela madrugada. Ao final, computador desligado, fiquei pensando no que a distância e o nosso mar de carências não é capaz de fazer: sim, um homem pode, de repente, se ver a rodar e a rodopiar em frente ao espelho confabulando consigo próprio, encolhendo a barriga e fazendo pose, perfeitamente ridículo!

Não permita Deus que eu morra tendo de passar por semelhantes vexames. Não me permita a carta desatinada, a confissão vergonhosa em público, o e-mail açucarado e outros males de amor assim perfeitamente ridículos.

(Fonte: CUSTÓDIO, Marinaldo. **Viagens inventadas**: crônicas e quase contos. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2010)

Registro livre das primeiras impressões:

Assinale o(s) *emoticon(s)* correspondente(s) ao que você sentiu ao ler o texto. Depois tente traduzir essa sensação pela escrita.



Produção de leitura:

1. Escreva as “semelhanças” e “diferenças” entre as formas dos namorados se relacionarem entre o texto 1 e o texto 2:
2. Atribua sentidos ao título *Amorchegando.com*. Comece perguntando-se: essa palavra existe em dicionário? Se foi criada pelo autor, quais prováveis ideias estão envolvidas nesse processo de formação?
3. Você concorda que é possível namorar, pela internet, três pessoas ao mesmo tempo? Qual a sua opinião sobre esse tipo de comportamento?
4. Quando se participa em redes sociais, é necessário fazer um cadastro. Mas há pessoas que criam perfis falsos e interagem com outras, o que pode gerar conflitos, equívocos e consequências perigosas. Já aconteceu algo parecido com você ou com algum conhecido que seja importante compartilhar?
5. Existe diferença entre o que se sente por alguém que se conhece pela internet e o sentimento por alguém que se conhece no mundo real (escola, festas, passeios, etc.)?
6. No texto de Custódio, há referência a outros dois textos famosos da Literatura. Um é o poema *Cartas de Amor*, de Fernando Pessoa, e outro é *A missa do Galo* de Machado de Assis. A esse procedimento chamamos intertextualidade. Você conhece esses textos? Se não, procure-os na internet, leia-os e comente sobre a relevância dessas referências no texto “Amorchegando.com”.

Curiosidades sobre o tema (1 aula):

Como se apaixonar

O Dr. Arthur Aaron queria descobrir a mecânica de se apaixonar. Para isso, realizou uma experiência em 1996, envolvendo 33 homens e mulheres que não se

conheciam, emparelhados aleatoriamente. Cada par teve que responder a 36 questões que iam desde perguntas mundanas até umas muito pessoais, divididas em três sessões de 45 minutos. Depois, foram instruídos a olhar o outro nos olhos por quatro minutos. Enquanto a maioria dos participantes disse que sentiu uma sensação de proximidade ou intimidade com esta nova pessoa que mal conheciam, houve uma feliz surpresa: um dos pares se casou seis meses mais tarde e até convidou o pessoal do laboratório para o casamento.

(Disponível em: <<http://hypescience.com/8-pesquisas-que-descobriram-coisas-bizarras-sobre-o-amor/>>. Acesso em: 01 novembro 2016)

As mulheres evoluíram para achar homens engraçados atraentes

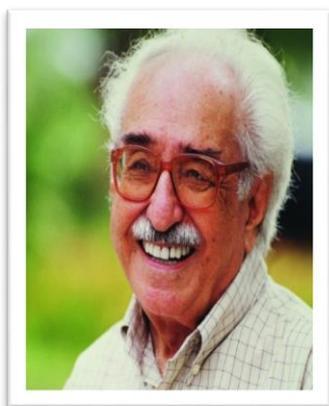
Você deve ter ouvido falar que as mulheres gostam de caras que as façam dar risada. E se você é engraçado, obviamente, já descobriu que isso é verdade. O que você não sabia, entretanto, é que isto é resultado de dezenas de milhares de anos de evolução. Pesquisadores da Escola de Medicina da Universidade de Stanford escanearam os cérebros de crianças entre os 6 e 13 anos de idade. Elas foram convidadas a assistir vídeos engraçados de pessoas levando tombos ou animais fazendo truques. O estudo descobriu que o humor tem um impacto bem maior no mesencéfalo e na amígdala cerebral das meninas do que dos meninos. Anos mais tarde, este aumento na atividade cerebral é o sinal verde para caras engraçados conquistarem as garotas.

As mulheres realmente adoram caras que tocam guitarra

Caras que tocam guitarra e têm banda atraem mulheres e ponto final. Isso não é mera percepção — é um fato científico. Uma pesquisa publicada na *Psychology of Music* usou um ator atraente para se aproximar, sorrir, cumprimentar e pedir o telefone. Um dia ele carregou uma mala de academia, no outro um case de guitarra e finalmente no terceiro dia apareceu de mãos vazias. O curioso é que carregar a mala de academia foi pior do que não carregar nada. Além disso, um estudo adicional descobriu que as mulheres estavam mais interessadas em homens que exibiam guitarras em suas fotos de perfil do Facebook. E por quê? Pesquisadores especulam que o instrumento confira um ar não apenas mais criativo, como também mais inteligente e divertido à seriedade masculina. É hora de aprender, pelo menos, a arranhar um violão galera!

(Disponível em: <https://www.areah.com.br/vibe/relacionamento/materia/73934/1/pagina_1/5-fatos-estranhos-sobre-o-namoro.aspx>. Acesso em: 06 fevereiro 2018)

Algumas informações sobre os autores dos textos literários contidos nesta aula:



³⁵ O poeta Manoel Wenceslau Leite de Barros, mais conhecido como **Manoel de Barros**, nasceu no Beco da Marinha, em Cuiabá, estado do Mato Grosso, no dia 19 de dezembro de 1916. Faleceu no dia 13 de novembro de 2014, aos 97 anos de idade. A criança, apelidada de Nequinho por sua família, passou sua infância sentindo a textura da terra nos pés, brincando e correndo entre personagens que definiriam sua obra, os currais e os objetos que chamavam a atenção do futuro escritor. Aos 19 anos, escreveu seu primeiro poema, e a partir de então sua veia poética não mais deixou de pulsar.

(Disponível em: <<http://www.infoescola.com/escritores/manoel-de-barros/>>. Acesso em: 31 outubro 2016)



³⁶**Marinaldo Custódio** nasceu em Santa Albertina/SP, fruto da vida no campo, com poucos livros em casa e lia tudo que lhe caía nas mãos, “até jornais manchados de sangue” (do açougue) que o pai trazia da vila embrulhando as compras. Seu conto **amorchegando.com** pertence ao livro **Viagens inventadas**, um registro entre o real e o imaginário, das estradas percorridas entre o Oeste paulista e Mato grosso. (Fonte: CUSTÓDIO, Marinaldo. **Viagens inventadas**: crônicas e quase contos. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2010)

Registro importante:

³⁵Foto disponível em:<<http://i1.wp.com/www.jornalopcao.com.br/wp-content/uploads/2014/11/manoel-de-barros.jpg>>. Acesso em: 14 novembro 2016

³⁶ Foto disponível em: <<http://hipernoticias.com.br/storage/webdisco/2011/10/07/192x120/b743d2c2f91417fc4f13e86d40c581a1.jpg>>. Acesso em: 14 novembro 2016

Neste espaço, registre o que você sentiu ao ler/conhecer os textos “A namorada” e “Amorchegando.com”: tristeza, alegria, compaixão, raiva, indiferença. Os textos provocaram alguma surpresa? Você conseguiu estabelecer alguma relação entre os textos e sua vida?

Atividade de criação: (4 aulas)

Crie um perfil, usando um pseudônimo (nome fictício) e foto recortada de revistas para serem expostos num mural da própria sala. O perfil precisa apresentar características físicas e psicológicas, em forma de poema e deve haver rimas pelo menos entre 04 versos, não importando a posição. Para inspiração, use o clipe do grupo **Blitz: Mr. Gyn:**

Mais Uma de Amor (Disponível em: <<https://youtu.be/HHNkleVOms0>>)

Exemplo de poesia:

Eu sou um bom partido
e não falo da aparência
morena, olhos castanhos
acho o amor divertido
com suas perdas e ganhos
e o otimismo é minha essência.
se quiser me namorar
é bom que saiba dançar
goste de viajar
e de estudar.
Não quero compromisso
ainda é cedo pra casar.

Para ampliar seu horizonte de leituras acerca deste tema, leia (considere leitura no sentido amplo, não apenas de texto escrito), ouça e assista também:

O romance **A garota das Laranjas**, do autor Jostein Gaarder (mesmo autor que conquistou milhões de leitores de diversas idades com *O mundo de Sofia*), Tradução: Luis Antonio de Araújo. Editora: Companhia das Letras. Este livro é uma

belíssima carta de amor contada em forma de romance, autor da carta é o pai de um menino, morto há onze anos - ele escreveu esta longa mensagem de despedida para que o garoto pudesse lê-la depois, quando estivesse mais maduro. A história que o pai conta é do tempo em que ainda era um jovem estudante de medicina: a sua busca por uma moça desconhecida, que ele vê por acaso nas ruas de Oslo, sempre carregando um saco cheio de laranjas. Apaixonado, o rapaz persegue os diversos mistérios que cercam os seus encontros fugidios com a garota das laranjas, numa aventura que culmina numa grande revelação.

O filme sobre o clássico **Romeu e Julieta**, direção de Carlo Carlei. Esse filme foi lançado em dezembro de 2014. É a versão mais moderna do clássico de William Shakespeare, no qual dois adolescentes de famílias rivais (Hailee Steinfeld e Douglas Booth) apaixonam-se perdidamente.

(Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-192442/>>. Acesso em: 03 novembro 2016)

O filme **A delicadeza do amor**, dos diretores David Foenkinos e Stéphanes Foenkinos, lançado em maio 2012. Narra a história de Nathalie (Audrey Tautou), jovem, bonita, tem um casamento perfeito e leva uma vida tranquila, com tudo no lugar. Contudo, quando seu marido vem a falecer após um acidente, seu mundo vira de cabeça para baixo. Para superar os momentos tristes, ela decide focar no trabalho e deixa de lado seus sentimentos. Até o dia em que ela conhece Markus (François Damiens), seu colega de trabalho e os dois acabam embarcando numa jornada emocional não programada.

(Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-61361/>>. Acesso em: 03 novembro 2016)

Curiosidades: Na literatura brasileira, há pares amorosos famosos, nas seguintes obras:

Marília de Dirceu – poema - **Lira** de Tomás Antônio Gonzaga

Peri e Ceci – romance **O Guarani** de José de Alencar

Capitu e Bentinho – romance **Dom Casmurro** de Machado de Assis

Riobaldo e Diadorin – romance **Grande Sertão: Veredas** de Guimarães Rosa.

O poema **Fatal** de Antônio Carlos Lima, no livro Apocalipsiu! (poema que reflete sobre um ex-amor e suas recaídas).

LITERATURA: PRAZER E CONHECIMENTO

Programa 02

Tema: *Mato Grosso, terra de ouro!*

Duração: 6 aulas (mínimo)

Público-alvo: estudantes do ensino fundamental II (8º e 9º anos)

Ao final deste programa, esperamos que os estudantes tenham produzido conhecimentos sobre o tema e desenvolvido estas capacidades³⁷:

- Relacionar informações representadas de diferentes formas e advindas do repertório de leituras de cada um, para construir opiniões e conhecimentos.
- Reconhecer os procedimentos de construção do texto literário e sua relação com o contexto histórico.
- Utilizar os conhecimentos sobre a construção do texto literário para atribuir-lhe sentidos e identificar a relação semântica entre palavras de diferentes classes gramaticais e o tema de um texto.
- Identificar em um texto literário as relações entre tema, estilo e contexto histórico de produção.
- Comparar interpretações de um mesmo fato em diferentes textos.
- Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação de textos.
- Relacionar informações sobre a historicidade comparando-a com a atualidade.

Atividade de motivação (1 aula):

^o As Orientações Curriculares do estado de Mato Grosso, optaram pelo desenvolvimento das capacidades, na perspectiva vygotskiana. [...] capacidades referem-se ao conhecimento e aplicação de estratégias e técnicas apropriadas, relacionadas aos conteúdos aprendidos, que o aluno busca, em suas experiências anteriores, para analisar e resolver novos problemas. (MATO GROSSO, 2010, p. 08)

Assistir ao vídeo “Hino de Mato Grosso” produzido pelo Sebrae (<<https://www.youtube.com/watch?v=EndWQPsoV3>>). Fazer um bate-papo informal. Sugestão de questões: O que um hino representa a um país, estado ou time de futebol? Professor, comentar que o hino é um dos símbolos fundamentais de qualquer cidade, estado ou país, nele se revela, geralmente, um louvor à fundação.

O Hino Oficial do Estado de Mato Grosso foi criado pelo decreto n.º 208, de 05 de setembro de 1983. A iniciativa foi do governador da época, Julio José de Campos, que oficializou letra do poema “Hino Mato-grossense”, de autoria de Dom Francisco de Aquino Corrêa (foi arcebispo de Cuiabá e governante de Mato Grosso no período de 1918 a 1922), e música do maestro e tenente da Polícia Militar Emilio Heine. Antes da oficialização do hino, a música que harmoniza a letra foi cantada em público pela primeira vez durante a cerimônia das comemorações do bicentenário de fundação de Cuiabá em 08 de abril de 1919.

HINO DE MATO GROSSO

Letra de Dom Francisco de Aquino Corrêa

Música de Emílio Heine

Limitando, qual novo colosso,
O Ocidente do imenso Brasil,
Eis aqui, sempre em flor, Mato Grosso,
Nosso berço glorioso e gentil!
Eis a terra das minas faiscantes,
Eldorado como outros não há,
Que o valor de imortais bandeirantes
Conquistou ao feroz Paiaguá!

(Refrão)

Salve, terra de amor,
Terra de ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!
Chova o Céu dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal!

Terra noiva do Sol! linda terra!
A quem lá, do teu céu todo azul,
Beija, ardente, o astro louro na serra,
E abençoa o Cruzeiro do Sul!
No teu verde planalto escampado,
E nos teus pantanais como o mar,
Vive, solto, aos milhões, o teu gado,
Em mimosas pastagens sem par!

Hévea fina, erva-mate preciosa,
Palmas mil são teus ricos florões;
E da fauna e da flora o índio goza
A opulência em teus virgens sertões!
O diamante sorri nas grupiaras
Dos teus rios que jorram, a flux.
A hulha branca das águas tão claras,
Em cascatas de força e de luz!

Dos teus bravos a glória se expande
De Dourados até Corumbá;
O ouro deu-te renome tão grande,
Porém mais nosso amor te dará!
Ouve, pois, nossas juras solenes
De fazermos, em paz e união,
Teu progresso imortal como a fênix
Que ainda timbra o teu nobre brasão!

(CORRÊA, Dom Francisco de Aquino em Poética, Terra Natal, Vol. I, Tomo II. Organização, preparo de textos e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva. Brasília, 1985)

Glossário

Colosso: coisa de dimensões enormes

Paiaguá: etnia indígena

Moreira Cabral: um dos bandeirantes colonizadores

Escampado: vasto, amplo

Hévea: seringueira

Grupiaras: Depósito sedimentar diamantífero na crista dos morros

A flux: em abundância, a jorros

Hulha: fonte

Registro livre das primeiras impressões:

Assinale o(s) emoticon(s) correspondentes ao que você sentiu ao ler o texto.

Depois tente traduzir essa sensação pela escrita.



Produção de leitura (1 aula):

1. O autor diz que Mato Grosso é uma terra de ouro. O que essa denominação pode significar, levando-se em conta a época em que a letra foi escrita?

2. A letra do hino do Mato Grosso é um poema e foi escrita em 1918, nessa época ainda não havia a separação entre os estados de MT e MS (1977), verifique na letra algo que faça referência ao território antes da divisão. (Se for necessário, consulte um mapa político atual dos municípios de MT e MS para responder a essa questão).

3. Atribua um significado para a expressão, buscando na internet informações sobre o mito da fênix. “Teu progresso imortal como a fênix”:

4. Você já ouviu falar no mito do eldorado? Faça uma consulta na internet e escreva algo sobre ele. Posteriormente, esse conhecimento o ajudará a ler alguns trechos escritos por viajantes na época da descoberta das primeiras minas.

5. De acordo com letra do hino, quais são os atributos, as caracterizações do estado de Mato Grosso?

6. Você acha que Mato Grosso ainda pode ser chamado de Terra de ouro?
Por quê?

Produção de leitura dos textos 02, 03 e 04 (2 aulas):

Os textos a seguir, são fragmentos de escritos acerca das impressões sobre o território mato-grossense, a partir de experiências vivenciadas por viajantes e primeiros colonizadores.

TEXTO 02

Fragmento escrito por Candido Xavier de Almeida e Souza (*Apud* GALETTI³⁸, 2012, p. 69) sobre a região da Bacia do Guaporé, onde foi fundada em 1851, a Vila Bela da Santíssima Trindade.

[...] nesta região, mais que em outra alguma é inflexível o rancor dos Irracionais contra o Homem, desse a desobediência de Adão: em terra as feras, as serpentes, as formigas, e as mesmas árvores pela maior parte armadas de espinhos denegam a sua comunicação: nos Rios, os Jacarés, os Sucuris, as Jiboias [...] conspiram contra a Humanidade. A precisa privação do Santíssimo nome do Senhor, o ardente calor próprio da zona tórrida, a transpiração dos suores, a vexação dos insetos; o hálito insofrível do almíscar dos Jacarés, seus horrorosos bramidos, e a horrível figura desses monstros, representam a vista e a imaginação uma verdadeira efígie do lado terrível do infernal Archeronte³⁹.

TEXTO 03

³⁸ A pesquisadora Lylia Galetti retirou este trecho da seguinte fonte: SOUZA, Candido Xavier de Almeida e. Descrição diária dos progressos da expedição destinada da Capitania de São Paulo para as Fronteiras do Paraguai em 1800. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1949, p.289.

³⁹ O logo após sua morte, a alma era levada de barco pelo Caronte, deixando no Rio Aqueronte (Archeronte) todos os seus sonhos, desejos e deveres que não foram realizados em vida. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Aqueronte>>. Acesso em: 18 Maio 2017.

Fragmento em que o cronista Jozeph Barboza de Sá (*Apud* GALETTI, 2012, p. 67) aborda os exageros cometidos pelo padre André dos Santos Queiróz, que, segundo o cronista, serviram para atrair muita gente para as minas de ouro de Mato Grosso, nos idos de 1723:

[...] sabida a grande e quantiosa máquina de ouro que ia e que noticiou o dito padre, cuja voz tudo atroava, foi uma trombeta que chegou até o fim do orbe e soando a fama de Cuiabá por todo o brasílico hemisfério, até Portugal, e ainda pelos reinos estranhos, tanto que chegaram a dizer que no Cuiabá serviam os granetes de ouro de chumbo nas espingardas, para caçar veados, que de ouro eram as pedras, em que nos fogões se punham a cozer as panelas [...]

TEXTO 04

Fragmento em que o cronista Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida (*Apud* GALETTI, 2012, p. 70) descreve a paisagem:

[...] há nestes rios peixes de diferentes grandezas, e espécies mais ou menos saborosas... As matas igualmente abundam de animais de saboroso gosto como cutias, espécies de coelho, porcos, antas, veados... aves singulares, entre as quais merece destaque o Jaó maior, e, por mais tenra, melhor que a perdiz de Portugal[...]As terras dão com usura os legumes, o arroz, a cana, de que se faz ótimos açúcares, o milho [...] árvores todo ano têm flor, fruto verde e maduro.[...]

Registro livre das primeiras impressões:

Assinale o(s) emoticon(s) correspondente(s) ao que você sentiu ao ler esses fragmentos de textos. Depois tente traduzir essa sensação pela escrita.



Produção de leitura:

1. Os textos 02, 03 e 04 são fragmentos escritos por pessoas que vieram para Mato Grosso no período em que as primeiras minas auríferas foram descobertas. São relatos, impressões. Há no texto 02 uma descrição detalhada de animais presentes nesse espaço. Pelos detalhes apresentados, o que você acredita ter motivado o autor escrever “conspiram contra a Humanidade”?

2. Faça uma comparação entre o fragmento 02 e 04. Em que um difere do outro? Há alguma/s semelhança/s? Se há, comente sobre elas.

3. No texto 03, o cronista Barbosa de Sá faz uma crítica aos exageros cometidos pelo padre André dos Santos Queiróz. Baseado nos textos lidos desta unidade, faça uma análise dos “supostos motivos, finalidades” que levaram o padre André dos Santos Queiróz a cometer tais exageros.

4. A diversidade da fauna/flora apresentada nos textos pode ser vista/apreciada ainda hoje pelos cidadãos mato-grossenses? Justifique.

5. Pela descrição apresentada no texto 04, reflita como viviam os exploradores daquela época. Já havia algum tipo de plantio ou só sobreviviam com alimentos retirados da floresta? Responda usando exemplos retirados do texto.

6. Com base nesses textos, e na pesquisa que você fez sobre o mito do eldorado, faça um comentário crítico dizendo de que modo as expectativas sobre o território influenciaram a vinda de desbravadores –mineradores para cá, e, se esses primeiros observadores do território, em seus escritos, confirmam o mito do eldorado:

Curiosidades sobre o tema (1 aula):

Com 903 357 quilômetros quadrados, Mato Grosso é o terceiro maior estado brasileiro em extensão. Os dois primeiros são o Pará e o Amazonas.

O nome Mato Grosso tem origem na grande extensão de mato espesso e alto localizado nas margens do rio Galera encontrada na região. As primeiras referências a ele datam do século XVII.

Mato Grosso tinha uma população de 3,2 milhões de habitantes em 2014, o que equivalia a 1,6% da população brasileira.

A capital e cidade mais populosa de Mato Grosso é Cuiabá.

Mato Grosso possui 117 municípios. Os mais populosos são, pela ordem: Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis, Sinop e Tangará da Serra. O menos populoso é Araguainha.

De acordo com o Tratado de Tordesilhas, Mato Grosso deveria ser território espanhol. Os espanhóis fundaram as primeiras povoações do estado. Acabaram, no entanto, sendo expulsos por bandeirantes paulistas, que fundaram cidades como Cuiabá.

Até 1977, os livros de geografia registravam um único e extenso estado chamado Mato Grosso. Com o desmembramento da região sul, surgiu o atual estado de Mato Grosso do Sul, com capital em Campo Grande.

Cuiabá é, ao lado de cidades como a tocaninense Palmas, a piauiense Teresina e a rondonense Porto Velho, uma das capitais mais quentes do Brasil. Os termômetros chegaram a registrar 42° Celsius na região durante a primavera de 2015.

O território mato-grossense é, na verdade, dominado por três biomas: o Pantanal (6,8%), o Cerrado (39,6%) e a Amazônia (56,6%). Quase metade das suas cidades estão no Cerrado, inclusive Cuiabá.

(Disponível em: <<http://www.maiscuriosidade.com.br/18-coisas-que-todos-deviam-saber-sobre-o-mato-grosso/>>. Acesso em: 22 março 2017).

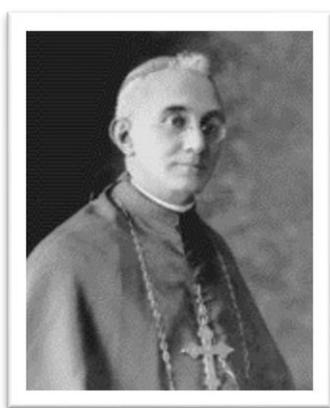
O presidente Ernesto Geisel assinou lei no dia 11 de outubro de 1977 para criar Mato Grosso do Sul. A decisão foi tomada por causa de disputa político-econômica



na região. Enquanto alguns ainda condenam as forças divisionistas, outros argumentam que a divisão serviu para impulsionar o desenvolvimento em ambos os estados.

(Disponível em: <http://historiografiamatogrossense.blogspot.com.br/2009_11_01_archive.html>. Acesso em: 22 março 2017).

Algumas informações sobre os autores dos textos literários contidos nesta aula:



Quarto ocupante da Cadeira 34, eleito em 9 de dezembro de 1926, na sucessão de Lauro Müller e recebido pelo Acadêmico Aaulfo de Paiva em 30 de novembro de 1927. D. Aquino Correia (Francisco de Aquino Correia), sacerdote, prelado, arcebispo de Cuiabá, poeta e orador sacro, político, nasceu ⁴⁰em Cuiabá, MT, em 2 de abril de 1885, e faleceu em São Paulo, SP, em 22 de março de 1956.

Autor de inúmeras e notáveis “Cartas pastorais”, de discursos, trabalhos históricos e poesias, D. Aquino Correia publicou *Odes*, o seu primeiro livro de versos, em 1917, seguido de *Terra natal*, onde reuniu poemas de exaltação a Mato Grosso e ao Brasil, cheios de suave lirismo e fascínio pelo seu torrão. Foi poeta em quatro idiomas: o nosso, o latino, o italiano e o francês.

(Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/aquino-correia-dom/biografia>>. Acesso em: 22 março 2017.

Registro importante:

Você já havia lido algum registro sobre observações do início da colonização em Mato Grosso? Já conhecia o hino? Se sim ou se não, tente relacionar esses conhecimentos com a sua vida como cidadão que vive neste estado. O que esses conhecimentos acrescentam à sua vivência?

⁴⁰ Foto disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/aquino-correia-dom/biografia>>. Acesso em: 22 março 2017.

Atividades de criação: escolha uma (4 aulas)

01) Tendo como objetivo principal a “eterna” procura ao mito do Eldorado, elabore em grupo ou individualmente uma história ilustrada baseada nesse mito. Você deve/poderá utilizar a descrição da paisagem local presente nos textos estudados, além da diversidade de animais. As melhores histórias serão selecionadas para a produção de um livro que ficará disponível na biblioteca escolar, o mesmo servirá de leitura e inspiração para os/as demais estudantes.

Você sabia que o personagem do cinema Indiana Jones pode ter sido inspirado num coronel inglês que veio para o Brasil em busca do Eldorado, ou a cidade perdida de ouro, está relatado no livro “**O Enigma do Coronel Fawcett: O Verdadeiro Indiana Jones**”.
Essa aventura teve início em Cuiabá.

02) Releia o hino de Mato Grosso e depois questione-se: se o hino fosse reescrito por você, na atualidade, os atributos da terra permaneceriam? Ou você o atualizaria para que ficasse de acordo com a realidade atual? Convide dois colegas e, em grupo de 03, criem um novo hino, ou reescrevam o oficial, fazendo as alterações que vocês julgarem pertinentes. Grave um vídeo para registrar a criação de vocês.

PARA AMPLIAR SEU HORIZONTE DE LEITURAS ACERCA DESTE TEMA, LEIA (CONSIDERE LEITURA NO SENTIDO AMPLO, NÃO APENAS DE TEXTO ESCRITO) TAMBÉM:

O romance **Era um Poaeiro de Alfredo Marien**, publicado pela editora da Unemat. O romance aborda mitos da região, aborda o amor de dois jovens Tereza e Brasilino e aborda a atividade econômica da extração da Poaia, um vegetal que havia nas matas e que era exportado com fins medicamentosos.

O filme **Eldorado 2: Em Busca do Templo Perdido** do diretor Terry Cunningham. Este filme conta a história de um destemido trio de exploradores descobre mapa que pode mostrar o secreto caminho até um templo recheado de ouro, no Peru. O cobiçado local, diz a lenda, está recheado de ouro, mas parece esconder

também segredos perigosos. Nesta busca, porém, o trio não está sozinho e inescrupulosos homens entram nesta disputa, que revelará muito mais do que já sonharam todos estes aventureiros.

3.1 Local de aplicação do programa

Este projeto de intervenção pedagógica foi desenvolvido na escola estadual Olímpio João Pissinati Guerra, situada à rua das Bilbégias, nº 422, Jd. Primavera, no município de Sinop/MT, CEP 78.550.389, cadastrada no INEP sob o número 51016419. O ano de sua criação foi 1985 e atende a estudantes, além do bairro em que se situa, também de bairros adjacentes, como: Parque das Araras, jardim Violetas e Jardim das Oliveiras, tendo alguns estudantes dependentes de transporte escolar. A escola tem uma estrutura predial antiga, com refeitório, sala de vídeo, biblioteca, sala de apoio pedagógico, além de desenvolver o projeto Rádio Escolar, Horta Escolar, Jardinagem e Banda Marcial. Vale ressaltar que possui também um laboratório de informática, com uma pessoa responsável pelo mesmo, porém nem todos os computadores estão aptos ao uso.

Selecionamos para o desenvolvimento deste projeto o 9º ano A (3º ciclo), do período matutino. A aplicação do projeto foi autorizada pelo Comitê de Ética sob o número do parecer 1902442. A escola tem aproximadamente 780 estudantes, com funcionamento no período matutino e vespertino, a modalidade de ensino adotada no ensino fundamental é o Ciclo de Formação Humana e no ensino médio é o Ensino Regular.

3.2 Público alvo

Para conhecer um pouco melhor sobre as vivências e experiências da turma, fizemos uma pesquisa sobre leitura, leitura literária e conhecimento da literatura regional mato-grossense. Nosso escopo foi verificar qual era o nível de leitura e como situava-se o conhecimento dos estudantes quanto aos autores regionais.

Deste modo, formulamos perguntas abertas, onde o estudante teve a oportunidade de responder e justificar suas respostas. Entretanto, para tabulação dos dados, optamos por sintetizar as respostas para facilitar a formatação dos gráficos. Assim, na resposta a primeira pergunta “Você gosta de ler? Se sim, qual tipo de leitura

que mais gosta?”, o resultado de 79% (gráfico 20) dos estudantes afirmando que gostam de ler, mostrou-nos que a turma tem uma boa receptividade a leitura, pois somente 21% responderam negativamente, devido a isso, inferimos que a aplicação dos dois programas de leitura seria bem acolhida pelos estudantes. Outro aspecto importante foi que quase 60% (gráfico 21) afirmaram que leram algum livro ultimamente, quando foram questionados sobre o nome dos livros, podemos observar que os livros mais citados foram de ficção, os *best-sellers*, enfim, leituras descomplicadas que fluem e tem uma sequência, exemplo escrito por uma aluna que leu *Minha vida fora de série 1,2,3*, “agora falta o 4”, outro exemplo é o *Diário de um Banana* que tem uma procura muito grande na biblioteca da escola. Pelas respostas fornecidas podemos inferir que os estudantes pesquisados têm práticas leitoras, mesmo que sejam leituras sem muita complexidade, mas que servem de motivação para leituras mais complexas.

Gráfico 20

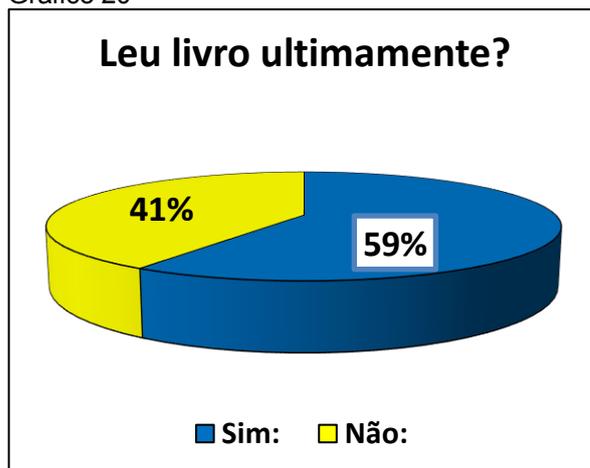
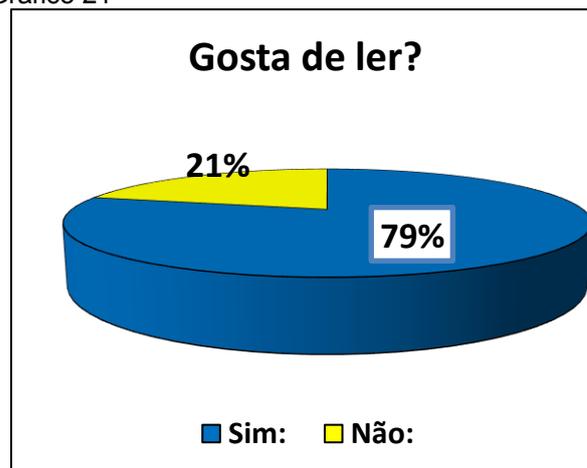


Gráfico 21



Quando questionados em relação a qual tipo de leitura que mais gostam, temos uma leitura muito diversificada, que vai desde mensagens de *WhatsApp*⁴¹ até livros de romances, comédias, entre outros. Nesse aspecto, Neide Luzia de Rezende sintetiza, no prefácio do livro *Leitura subjetiva e o ensino de literatura*, amparada por pesquisas sobre as práticas de leitura dos estudantes, o que é de consenso nas escolas públicas “não é possível afirmar *genericamente* que eles não leem, mas sim que *geralmente* resistem a ler o que a escola quer que eles leiam” (2013, p. 10, grifo da autora). Assim, reforçamos que a leitura literária deve ser incentivada no contexto

⁴¹ Salientamos que o aplicativo *WhatsApp* é um suporte para a transmissão das mensagens.

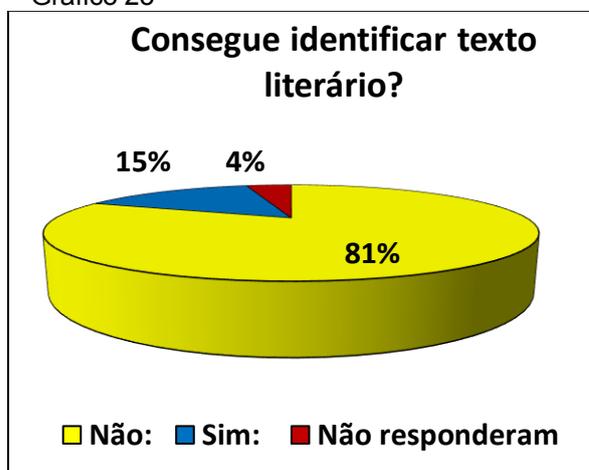
escolar para que possa fazer sentido na vida de cada estudante. Sabemos que no meio tecnológico, não é uma prática simples pois temos muitos outros atrativos, no entanto, se propiciarmos uma leitura significativa, certamente despertará o interesse dos jovens.

Dando sequência, perguntamos sobre os gêneros que mais gostavam (gráfico 22), como as respostas foram escritas pelos estudantes, houve um pouco de confusão entre o gênero e o tema/assunto (aventura, comédia). Deste modo, obtivemos os memes com 30% de aceitação, após vem o conto (18%) e a crônica (12%). Pelas respostas podemos constatar que as leituras de memes estão entre as preferências, talvez por serem imagens com frases curtas que exigem pouca dedicação de tempo, além de apresentarem um suporte eficiente, como *WhatsApp* e redes sociais como o *Facebook*, algo acessado diariamente pela maioria dos estudantes. Nessa perspectiva, os contos e as crônicas são leituras que dependem de mais tempo, exigem maior concentração para entendimento, outro aspecto é que não se encontram tão facilmente disponíveis, necessitam do interesse do leitor em acessar sites de pesquisa na *internet* ou comprar/emprestar um livro.

Gráfico 22



Gráfico 23



Por se tratar de uma turma do ensino fundamental e não ter aula específica de literatura, fizemos o questionamento se os estudantes conseguiam identificar um texto literário (gráfico 23) dentro da ampla diversidade de gêneros, obtivemos 81% de respostas negativas. Por esse percentual apresentado, entendemos que apesar de terem o contato com textos literários por intermédio do livro didático e práticas pedagógicas esporádicas, os estudantes ainda possuem dificuldade em reconhecer

os gêneros literários, intuímos que a abordagem do texto literário em sala de aula pode estar deficitária, sendo o texto literário didatizado igual aos demais textos, tornando-se um texto didático (SILVA, FRITZEN, 2012).

As duas últimas questões foram referentes à literatura mato-grossense, temos a pergunta: “Você conhece algum escritor mato-grossense? Se sim, escreva o nome dele.” A maioria 79% (gráfico 24) respondeu que não, dos estudantes que responderam sim, apenas um mencionou o nome do escritor Manoel de Barros, os demais responderam Mari Bueno, artista plástica da cidade. Esse fato comprova a lacuna que existe quanto a divulgação da literatura mato-grossense nas escolas públicas do estado. É importante ressaltar que cada região tem sua diversidade literária, sem desmerecer a literatura produzida em outros estados, mas ao não prestigiarmos a leitura de nossa literatura, deixamos de conhecer nossa identidade literária.

Gráfico 24

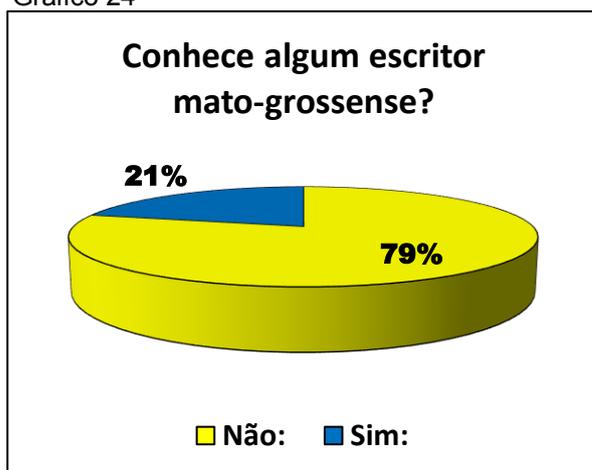
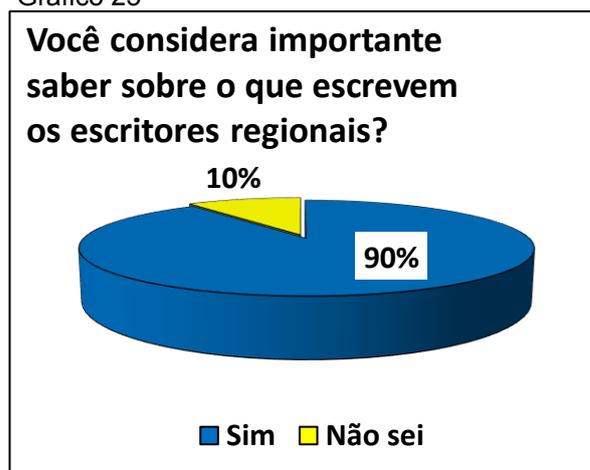


Gráfico 25



A última questão: “Você considera importante saber o que escrevem os escritores regionais?”, tivemos o percentual de 90% (gráfico 25) dos estudantes achando importante o acesso aos textos literários produzidos em Mato Grosso. Percebemos que os estudantes, mesmo sem conhecer o programa, demonstraram afeto à temática, dando mais confiança para a aplicação do projeto.

Nesta perspectiva, buscamos desenvolver esta proposta factível que pudesse ser aplicada em vários contextos educativos nas escolas públicas de Mato Grosso considerando ademais, o ritmo da sala de aula e os baixos custos para sua aplicação.

3.3 Programa de leituras do texto literário

Quando idealizamos a organização dos programas, não deixamos de abarcar a literatura enquanto construção de sentidos. Sabemos que o letramento não requer somente a prática individual do professor de língua portuguesa, a escola é uma agência letradora, sua função é propiciar ao estudante o acesso aos múltiplos letramentos, conforme bem salienta Kleiman:

Acredito que é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos. (KLEIMAN, 2007, p. 4)

Deste modo, ao desenvolver atividades de produção de leitura literária, sabíamos que encontraríamos algumas dificuldades por parte dos estudantes, talvez nem sejam pelo teor dos textos, mas sim, pela ausência de hábito de leitura literária, como Paulino e Cosson enfatizam que “o letramento literário requer o contato direto e constante com o texto literário” (2009, p. 74). Ler textos literários requer mais atenção, concentração, algo que está difícil conseguirmos por muito tempo dos nossos jovens, acostumados à ligeireza da comunicação por meio dos aplicativos e redes sociais:

[...] os avanços tecnológicos dos meios de comunicação e a própria vida cotidiana na ‘sociedade do espetáculo’ habituam o público a um consumo rápido e caótico de informações, em tudo diverso da concentração e da lentidão exigidas pela leitura do texto literário. (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 347)

Ao prepararmos os programas com textos produzidos por escritores mato-grossenses, pensamos, em especial, no contexto escolar. Assim, priorizamos por uma proposta acessível a todas as escolas, desde aquelas que não possuem laboratórios de informática ou biblioteca, até aquelas que dispõem de estrutura completa. Sabemos das dificuldades dos professores para elaborarem aulas ditas diferentes⁴², fora do que vem sugerido pelo livro didático de língua portuguesa. Entretanto, não podemos deixar de incentivar a leitura literária nessa faixa etária, por mais trabalhoso

⁴² Aulas diferentes no sentido de utilizar outro material didático que não seja somente o livro didático.

que pareça ser. Afinal, é importante estimular a leitura subjetiva nos nossos estudantes:

Ler é deixar-se levar pela situação, brincar com as palavras, deixá-las ressoar em nós e perder-nos nelas, encontrar o distante próximo, cair e depois levantar, sabendo que a caminhada nada mais é que uma repetição. A literatura é afastamento, e ela se pratica também à distância nos limites do território, lá onde as fronteiras logo se tornam porosas. A subjetividade aparece aí, antes de tudo, não como um tema ou um dado sobre o qual podemos nos debruçar a fim de lhe avaliar a performance, mas como condição fundamental à sua prática. (GERVAIS, 2013, p. 51)

Salientamos que não foi nosso propósito a elaboração de um material pronto, acabado, tanto que, no decorrer da aplicação, houve a necessidade de inclusão de pesquisas que os estudantes pontuaram, bem como a ampliação do debate sobre os temas abordados. Sabemos que “ao tomar o letramento literário como processo, estamos tratando de um fenômeno dinâmico, que não se encerra em um saber ou prática delimitada a um momento específico” (COSSON, 2014, p. 25).

Quando pensamos nessa proposta de letramento literário, já prevíamos algumas dificuldades que encontraríamos, a maior delas foi à resistência às atividades de criação, em que o/a estudante teve que escrever um texto e/ou produzir um videoclipe de música. Devido a isso, entendemos que o letramento literário demanda tempo e condições favoráveis, já que é um processo que a escola deve adotar como prática pedagógica contínua, desde o ingresso do seu estudante até sua saída.

Dessa maneira, criamos um programa focado para o ensino da literatura nos pressupostos teóricos defendidos por Rouxel (p. 20, 2013b) no que tange a formação do sujeito leitor como “formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção [...]” e nos fundamentos do letramento literário abordados por Rildo Cosson (2012). Assim, temos os dois programas com a seguinte estrutura:

Tema: a escolha do tema também veio ao encontro da idade e interesse dos estudantes, programa 1: “Namoros: à moda antiga e atual” e programa 2: “Mato Grosso, terra de ouro!”.

Duração: atribuímos uma quantidade de horas/aulas mínimas para cada programa, porém salientamos que essa quantidade pode variar de acordo com a participação de cada turma.

Público alvo: estudantes do 9º ano, podendo ser aplicado também no 8º ano.

Capacidades desenvolvidas: estimamos que no final de cada programa os estudantes desenvolveriam determinadas capacidades conforme tema selecionado.

Atividade de motivação: algo que despertasse a atenção para reflexão sobre o tema que seria desenvolvido:

Nesse sentido, cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que vai ler a seguir. A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação. (COSSON, 2012, p. 55)

Texto 1: gênero literário, no programa 1 foi o poema “A namorada” de Manoel de Barros e no programa 2 o “Hino de Mato Grosso” de Dom Aquino Correa.

Registro das primeiras impressões: neste primeiro momento, buscamos deixar livre aos estudantes anotarem seus pensamentos a respeito do texto, foram utilizados *Emoticons* para assinalarem e depois escreverem o que quisessem a respeito do texto lido. Nesse item, buscamos privilegiar os pressupostos teóricos da Leitura Subjetiva ou ainda Cursiva (ROUXEL, 2013a) em que o leitor tem liberdade de expressar seus sentimentos. Esses registros também fazem parte da interpretação global do texto, conforme Cosson:

A primeira interpretação destina-se a uma apreensão global da obra. O objetivo dessa etapa é levar o aluno a traduzir a impressão geral do título, o impacto que ele teve sobre sua sensibilidade de leitor. Desse modo, a produção de um ensaio ou mesmo de um depoimento pode ser o registro ideal dessa primeira interpretação. (COSSON, 2012, p. 83)

Quando é proporcionado ao estudante se posicionar livremente sobre o texto lido, considera-se sua leitura individual, particular, autônoma, pois cada leitor faz sua leitura subjetiva do texto.

Produção de leitura sobre o texto 1: Compreensão do texto, além de atividades de pesquisa extraclasse. Nesse item privilegiamos a Leitura Analítica (ROUXEL, 2012), pois consideramos importante que haja questões que ajudem o/a estudante a compreender o texto, interpretá-lo e refletir sobre o tema, pois:

A análise etimológica⁴³ de ler, compreender e interpretar coloca em evidência seus laços estreitos por meio de um caminho comum eminentemente heurístico, que implica uma escola e um julgamento passando pela troca, pela negociação, pela partilha e, por vezes, pela empatia. (LEBRUN, 2013, p. 135)

Texto 2: foi escolhido um gênero diferente do texto 1, no caso do programa 1 optamos pela crônica “*Amorchegando.com*” de Marinaldo Custódio e no programa 2 por fragmentos escritos por pessoas que vieram para Mato Grosso no período em que as primeiras minas auríferas foram descobertas.

Registro das primeiras impressões: idem texto 1.

Produção de leitura sobre o texto 2: idem texto 1.

Curiosidades sobre o tema: foram pesquisadas algumas curiosidades, no programa 1, focamos mais em relação ao sentimento amor, como se apaixonar, algo que julgamos ser de interesse do estudante. No programa 2, focamos mais sobre o aspecto histórico e geográfico do estado do Mato Grosso. Acreditamos que essas curiosidades ajudam o/a estudante a estabelecer relações entre o texto literário e outros aspectos da vida.

Algumas informações sobre os autores dos textos literários contidos nesta aula: foto e biografia breve sobre os autores,

Mesmo que as “intenções do autor” tenham desaparecido dos documentos oficiais, os alunos continuam a esperar do estudo de uma obra literária a obtenção de um saber maior sobre o autor, mesmo que eles não utilizem esse esclarecimento como chave para interpretar a obra. (HOUDART-MÉROT, 2013, p. 109)

Enfatizamos que não desconsideramos, em nossos estudos, a biografia do autor, embora não interpretemos a obra sob esse enfoque, pois avaliamos a obra como um produto ao mesmo tempo individual e coletivo.

Registro importante: esse foi colocado para que o estudante pudesse estabelecer alguma relação entre os textos e sua vida, conforme preconiza a sétima tese de Jans Robert Jauss⁴⁴. Deste modo, também estamos desenvolvendo a cultura literária:

⁴³ Nota da autora: A análise lexicográfica tanto diacrônica como sincrônica revela também a pluralidade dos sentidos dentro da polissemia etimológica. (p. 135)

⁴⁴ 7ª tese – a experiência estética na vida prática das pessoas: o fato de o leitor ser capaz, por meio da literatura, de visualizar aspectos de sua prática cotidiana de modo diferenciado é justamente o que provoca a experiência estética, pois “a função social somente se manifesta na plenitude de suas

Se o leitor domina um texto, se apropria dele, este deixa de ser uma coisa em si: ele significa para o leitor, estimula seu pensamento. Nessa situação, os textos são lidos para pensar o mundo e para se construir. A cultura literária é então uma cultura ativa (que requer engajamento do leitor e em troca o ajuda a pensar. (ROUXEL, 2013a, p. 171)

Atividade(s) de criação: esse foi o último item de cada unidade. O objetivo não foi transformar o estudante num poeta e/ou escritor, mas incentivá-los a criar, para que saibam que todos têm capacidades, embora haja variações entre as pessoas. Acreditamos que as atividades de criação podem originar elos mais afetivos com a literatura e desmistificar a noção antiga de que escritores são seres privilegiados.

Desse modo, para a produção de leitura, trabalhamos a característica do gênero, sua intencionalidade, a temática, estrutura, entre outros. No programa 1, a atividade de criação foi um perfil em formato de poema, enquanto que no programa 2 os estudantes puderam escolher entre a produção de um conto ilustrado para confecção de um livro ou a reescrita do hino de Mato Grosso, além de apresentá-lo em formato de vídeo MP4.

Sugestões extras de leituras/filmes: esse item foi inserido para o programa todo, o objetivo é dar sugestões para outras leituras sobre o tema, abordando livros, poemas, filmes e/ou algo pertinente, com vistas à ampliação do repertório de leituras do estudante para não ficar só restrito ao texto, mas também pode incentivar a leitura de livros literários.

Assim, seguem as análises do programa 1 e 2:

possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática” (JAUSS, 1994, p. 50).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Programa 1: namoros à moda antiga e atual

Para facilitar a compreensão, optamos por fazer a análise em subtítulos, conforme seguem abaixo:

4.1.1 Análise da atividade de motivação

O primeiro passo para a construção dessa unidade foi a seleção do tema, por se tratar de uma turma de 9º ano, optamos por algo que viesse ao encontro das experiências que estão sendo vivenciadas pelos estudantes. Na adolescência, o namoro é algo muito complicado, repleto de inquietações, medo, pois os hormônios estão agindo no aspecto físico, afetando também o psicológico “trata-se de um período da vida em que o desenvolvimento do sujeito é marcado pelo processo de (re)constituição da identidade, para o qual concorrem transformações corporais, afetivo-emocionais, cognitivas e socioculturais” (BRASIL, 1998, p. 45).

Inicialmente, fizemos a contextualização do programa de modo geral, explicamos qual era o objetivo do projeto, por que da escolha de textos com autores regionais, também que o suporte não seria o livro didático que os estudantes possuíam, entre outros aspectos. De modo geral, a sala mostrou estar receptiva, principalmente quando foi apresentado o tema da primeira proposta. Rildo Cosson (2012, p. 89) chama essa etapa de presentificação:

A presentificação é a contextualização que busca a correspondência da obra com o presente da leitura. Trata-se, por assim dizer, de uma atualização. O aluno é convidado a encontrar no seu mundo social elementos de identidade com a obra lida, mostrando assim a atualidade do texto.

A atividade de motivação foi um vídeo sobre o assunto namoro, o autor do vídeo é Christian Figueiredo, *blogtuber* do Canal *Eu fico Loko*, muito apreciado entre os adolescentes. O título do vídeo era “Namorar na adolescência”⁴⁵, no entanto, não passamos o mesmo na íntegra, pois optamos por editá-lo para excluir alguns termos

⁴⁵ Disponível em: <<https://youtu.be/mkOCRSoDEc>>. Acesso em: 11 outubro 2016.

que consideramos inadequados. Após exibição do mesmo, iniciamos o debate sobre a temática, muitos estudantes admitiram já terem namorado, outros que nem pensavam em namorar devido serem jovens demais para isso. Quando foram interrogados sobre a facilidade de comunicação nos dias atuais, houve um consenso de que é muito mais fácil o contato, devido aos *smartphones* bem como a disponibilidade das redes sociais. Um aspecto que nos chamou atenção no bate papo com os estudantes foi o relato sobre a oferta de relacionamentos *on-line*, algumas estudantes comentaram que recebem chamadas de vídeo via *Facebook* de homens que não conhecem⁴⁶, muitos são estrangeiros, deixando-as em situações constrangedoras. Por esses depoimentos podemos considerar que, apesar de muitos pais acreditarem ter o controle do que seus filhos acessam nas redes sociais, essa pode ser uma perspectiva ingênua por parte dos pais, pois ao perguntarmos às estudantes se eles (pais) sabiam desses acontecimentos, todas afirmaram não terem revelado o ocorrido a eles. Neste aspecto, percebemos a proximidade e confiança dos estudantes em abordarem aspectos tão pessoais, bem como a identificação com o tema, gerando assim um diálogo espontâneo entre os participantes da pesquisa e a professora pesquisadora.

4.1.2 Análise do registro livre das primeiras impressões do texto 1

Tendo como objetivo a recepção do texto 1 *A namorada*, seguem abaixo alguns depoimentos:

Estudante	<i>Emoticon</i>	Texto escrito ⁴⁷
Eduarda		Senti uma sensação muito engraçada pois é muito diferente que agora. Ao mesmo tempo achei triste por causa da dificuldade de se falar. Senti que era mais romântico porque hoje em dia as pessoas não fazem muito esforço para conversar.

⁴⁶ Segundo os relatos das estudantes muitos estrangeiros, porém, sabe-se que o *Facebook* dispõe de configurações de privacidade, talvez não observadas pelas estudantes que deixam livre seu perfil para “qualquer um” visualizar.

⁴⁷ As transcrições foram sofreram algumas adequações às normas gramaticais, entretanto respeitamos a autenticidade da autoria.

Gabriele	-----	Não expressei nenhum desses <i>emoticons</i> , acho que era na época romântica.
Isabella		Uma coisa boa que hoje em dia faz falta. O fato das cartinhas, para tentar conquistar, hoje praticamente ninguém faz isso, e querendo ou não o sentimento está cada dia mais difícil, pelo simples fato das pessoas não saberem o que elas realmente querem.
Johnata		Achei engraçado e estranho.
Rafaela		Eu achei muito diferente, porque atualmente é completamente diferente de antes. Mas depende, têm famílias que os pais não deixam e o pai é uma “onça”. Só que para se falarem existem as redes sociais que são mais fáceis.

Algumas respostas reproduzem o que os estudantes sentem, por exemplo, os meninos fizeram escritas mais concisas como: “Era tenso” ou “Era difícil namorar naquela época”, algumas meninas por sua vez, escreveram suas opiniões mais detalhadas: “Achei romântica a forma deles se comunicarem”. “Antigamente o namoro era algo sincero eles namoravam porque realmente gostavam da pessoa. Hoje em dia mal se conhece já estão perdendo a virgindade”. Pelas respostas, também constatamos os aspectos culturais de cada estudante. De modo geral, as meninas se posicionaram mais livremente, levando-nos a inferir que os meninos limitam suas opiniões com receio de serem criticados pelos demais, nesse aspecto, as meninas se posicionam mais livremente e quando sofrem algum tipo de recriminação, continuam a defender seus posicionamentos. Rouxel (2013a, p. 180) enfatiza que “a cultura literária tem sentido para o sujeito quando a obra lida é relacionada com a experiência do mundo”. Certamente o tema da unidade veio ao encontro da experiência dos estudantes nessa fase da vida em que estão experimentando paixões ou iniciando relacionamentos.

4.1.3 Análise da produção de leitura

Na Produção de Leitura, as questões de compreensão que estavam fundamentadas no texto receberam as respostas de acordo com o enunciado, não havendo assim dificuldade por parte dos estudantes. Destarte, analisamos que os estudantes conseguiram encontrar as informações explícitas no texto, bem como identificar o valor semântico de algumas expressões no poema. Por se tratar de uma pesquisa-ação e devido ao interesse e questionamento dos estudantes, optamos por acrescentar a questão 5 sobre a expressão “no tempo do onça”, pois foi objeto de curiosidade deles.

As questões de cunho pessoal (7 e 8) receberam algumas respostas mais conservadoras por parte dos meninos, tais como:

Estudante 1: Você cuidará bem dela? Se cuidar, pode ser, mas não esqueça, ela é o meu ouro a minha pérola, você é o meu gerente se você não cuidar bem dela te quebro os dentes.

Estudante 2: Matava o menino.

Uma resposta que chamou a atenção foi “Se eu fosse o pai eu plantaria mais árvores para os bilhetes não chegarem”, percebemos o modo irônico e ao mesmo tempo protetor do autor/estudante. As meninas se mostraram mais receptivas, eis algumas respostas: “Minha filha, você não está na idade de namorar, está muito nova, tem a vida pela frente, vai ficar de castigo agora!”; “Eu conversaria com minha filha” ou “Teria uma certa insegurança, mas não proibiria até porque é melhor assim do que escondido”. Pelas amostras apresentadas, depreendemos uma visão antagônica entre meninos e meninas, evidenciando suas identidades, sejam elas conservadoras ou mais liberais. Essas reflexões vêm ao encontro com que os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem no ensino de língua portuguesa:

No caso do ensino de Língua Portuguesa, considerar a condição afetiva, cognitiva e social do adolescente implica colocar a possibilidade de um fazer reflexivo, em que não apenas se opera concretamente com a linguagem, mas também se busca construir um saber sobre a língua e a linguagem e sobre os modos como as opiniões, valores e saberes são veiculados nos discursos orais e escritos. (BRASIL, 1998, p. 47)

Ao finalizar essa atividade de produção de leitura, concluímos que o fazer reflexivo proporcionou ao estudante uma identificação pessoal com seus valores, seus saberes, exteriorizando seu mundo individual. Compreendemos que as questões 7 e 8 proporcionaram ao estudante se colocar no lugar do outro, seja como pai, seja como namorada. Encontramos na escrita deles, seus anseios, preconceitos e medos, Annie Rouxel (2013b, p. 24) enfatiza que a “literatura lida em sala convida também a explorar a experiência humana, a extrair dela proveitos simbólicos que o professor não consegue avaliar, pois decorrem da esfera íntima”. Certamente muitas experiências não podemos extrair dos nossos estudantes, mas temos o entendimento de que essa atividade os ajudou a perceberem alguns conceitos que estavam esquecidos.

4.1.4 Análise da atividade extraclasse

Nessa atividade, sabíamos que, por se tratar de um assunto mais pessoal, alguns estudantes não conseguiriam escrever, uma vez que dependeriam de depoimentos dos pais e/ou avós. A proposta era fazer como se estivessem escrevendo para um *Blog*. Nesse sentido houve a preocupação por parte dos estudantes em escrever mais informalmente, seguem exemplos⁴⁸:

Olá pessoal, estou aqui para comentar sobre os namoros à moda antiga e à moda atual. Fiz uma pesquisa com os meus avós, e segundo eles [...] (Gabryella, 9º A).

Hoje falaremos um pouco sobre o namoro antigo e suas características [...] (Kimberly, 9º A).

Oi galera, o namoro de antigamente era rigoroso pois era com o pai junto, podia namorar só em casa com a presença do pai, e o namoro era só as conversas e pegar na mão, nada de beijo [...] (Johnata, 9º A).

Nessa atividade, ressaltamos que a troca de experiências entre os familiares foi muito profícua, uma vez que a partir dela alguns estudantes puderam conhecer melhor como foi o namoro dos pais, obviamente que alguns já conheciam bem a história. Em sua maioria, os depoimentos colhidos enfatizaram como era diferente o namoro antigamente porque havia mais respeito, para namorar era necessário pedir

⁴⁸ Para facilitar a leitura, transcrevemos os depoimentos fazendo algumas adequações ortográficas e/ou de coesão.

a autorização aos pais, também ocorreram muitos registros sobre as dificuldades da comunicação:

[...] era bem mais difícil do que hoje em dia, pois, às vezes, quem escolhia o namorado (a) para eles eram os pais deles, e para namorar existiam regras, como: podiam se ver só nos domingos, tinham que ficar em almoços de família ou ir à igreja, e acima de tudo tinha que existir respeito entre o casal e entre a família de cada um.[...] (Gabryella, 9º A).

Verificamos no depoimento acima, a autoridade imposta pelos pais que podiam escolher os namorados/as para seus filhos, algo que segundo os próprios estudantes relataram ser impossível nos dias atuais. Outras situações de restrição, como só se ver aos domingos, namorar na presença dos pais ou irmãos, similarmemente foram relatadas nos outros depoimentos colhidos. Houve também a preocupação por parte dos pais em relação à gravidez na adolescência, alguns depoimentos deixaram isso claro, além de manifestarem a questão do aborto:

Já o namoro atual, tem mais liberdade, e os adolescentes namoram na frente dos pais, e eles nem ligam, e atualmente acontece muita gravidez precoce que pode por o bebê e a mãe em risco, e isso também aumenta o índice de abortos. [...] (Izabelly, 9º A).

[...] Os atuais alguns namoram escondido, mal se conhecem e fazem relação sexual, namoram pela internet que é um perigo, você nunca viu a pessoa na sua vida e já marca um encontro e também tem casos de terem filhos antes de se casar.” (Kamilli, 9º A).

Por esses fragmentos, percebemos que existe preocupação dos pais em relação às complicações que um namoro sem responsabilidade pode tomar, principalmente no que tange à gravidez na adolescência, fato observável em muitas escolas públicas. Essa troca de experiências entre os estudantes e seus pais possibilitou a aproximação das histórias vividas gerações diferentes, o que enriqueceu nosso trabalho. Nesse constructo, constatamos que os depoimentos vieram ao encontro da temática do programa, pois reforçaram o que já havíamos discutido anteriormente. A leitura literária oportuniza a troca de experiências que muitas vezes ficam esquecidas:

Não reduzir a leitura literária ao comentário apenas, mas associar a ele formas de apropriação mais livres, pela reescrita, em suas formas

mais variadas, é talvez uma maneira entre outras de deixar espaço a uma forma de admiração fecunda, aquela que se transforma em incitação para escrever e pensar por si mesmo. (HOUDART-MÉROT, 2013, p. 115)

Ao produzir/pesquisar sobre os relacionamentos dos familiares, o estudante pensou, apropriou-se e por que não dizer, aproximou de si mesmo, na sua forma de pensar, nos seus princípios, identificando-se quando o escreveu. Annie Rouxel (2013b, p. 24) salienta que o “enriquecimento do imaginário, enriquecimento da sensibilidade por meio da experiência fictícia, construção de um pensamento, todos esses elementos que participam da transformação identitária estão em ato na leitura”.

4.1.5 Análise do registro livre das primeiras impressões do texto 2

Quando se trata de leitura literária, a primeira impressão é a que fica. Por se tratar de um texto mais longo que o primeiro, “Amorchegando@com” de Marinaldo Custódio, foi propiciada inicialmente a leitura individual silenciosa, após fizemos a leitura compartilhada onde os estudantes que se prontificaram a fazer a leitura em voz alta para os demais, num terceiro momento ainda houve a leitura realizada pela professora. A recepção dos estudantes em relação ao texto de duas páginas foi inicialmente de recusa, por ser um texto grande, segundo eles mesmos, entretanto esse fato não desestimulou a leitura dos estudantes:

Ler é uma atividade complexa de recepção/produção, na medida em que ler é compreender e interpretar de maneira dialética; ler é sempre e já escrever. As teorias da estética da recepção reabilitaram o papel do leitor; nessa perspectiva, a obra é uma partitura que requer um leitor-intérprete, uma bela das páginas adormecidas cuja vida é insuflada por cada novo leitor, sejam quais forem suas habilidades leitoras e seu conhecimento. (LEBRUN, 2013, p. 134)

Dando sequência, debatemos sobre a temática e a relação com a vida deles, muitos se posicionaram contra o namoro virtual por acreditarem não ser igual ao namoro real. Seguem algumas sensações descritas:

Estudante	<i>Emoticon</i>	Texto escrito
-----------	-----------------	---------------

Eduarda		Hoje em dia é normal namorar pela internet, mas o que não é normal é namorar três de uma vez só.
Gabriele		Um pouco sem graça.
Gabryella		Achei bem legal a forma de como ele fez para achar uma namorada e a forma de como escolheu.
Maisa		Eu me senti espantada, pois o texto retrata a mais pura realidade de como é a comunicação hoje, as pessoas mal se falam hoje, pessoalmente. Até casos de namoro ou de coisas obscenas pela internet existem com frequência e cada vez pior.
Kimberly		Eu achei engraçado a forma das pessoas lidarem com o amor e a internet, pois hoje em dia as pessoas fazem muitas coisas pela net.
Luana		Eu achei muito engraçado do homem ficar em frente do espelho fazendo pose, muito engraçado, e eu fiquei de boca aberta quando o homem diz que foi encontrar 3 mulheres quase que ao mesmo tempo.
Luis Felipe		Nenhuma.
Sara		De surpresa porque conhecer pela internet até que vai mais namorar não.

Podemos atentar, pelos depoimentos, a recepção que cada estudante apresentou em relação ao texto, enquanto alguns afirmaram que o texto era “muito engraçado, pois era pela *internet* e cada coisa que tinha que é de rir sem parar” outros se manifestaram preocupados com a atitude do eu-lírico em namorar três mulheres ao mesmo tempo. Alguns *Emoticons* não expressam o que foi escrito, esse contrassenso pode ser atribuído à falta de atenção do estudante ao assinalá-lo na resposta, ou também porque o estudante não conseguiu fazer a relação entre a imagem e o que ele escreveu.

De modo geral, a maioria gostou da leitura do texto, dois estudantes se posicionaram negativamente, descrevendo o texto “um pouco sem graça” ou “nenhuma” sensação provocada, algo natural quando se trata da leitura subjetiva do estudante. Rouxel (2013a, p. 172) enfatiza que “as ligações que o leitor estabelece consciente ou inconscientemente durante a leitura podem estar relacionadas a outros textos lidos anteriormente ou a saberes provenientes de sua experiência do mundo”. Dito isso, analisamos que a receptividade dos estudantes mediante a leitura cursiva do texto literário não fica somente restrita à qualidade artística/estética do texto, mas a fatores diversos, subjetivos, que influenciam o sujeito leitor no ato de leitura.

4.1.6 Análise da produção de leitura

Como no texto 1, as questões de compreensão 1 e 2 tiveram as respostas coerentes conforme se apresentavam no texto. As demais questões foram subjetivas e por se tratar de um material didático, acreditamos ser importante a transcrição de algumas respostas escritas pelos estudantes. Rouxel (2013a, p. 22) enfatiza que “levar em conta as experiências subjetivas dos leitores reais [...] é fundamental para dar sentido a um ensino de literatura que se limita com muita frequência à aquisição de objetos de saber e de competências formais ou modelares.” Deste modo, começaremos pela questão 3: “Você concorda que é possível namorar, pela internet, três pessoas ao mesmo tempo? Qual a sua opinião sobre esse tipo de comportamento?” No intuito de fazer uma verificação dos posicionamentos dos estudantes, tabulamos em percentual as suas respostas, sendo assim, nessa questão temos um percentual de 37% que se manifestaram negativamente e 63%⁴⁹ responderam positivamente. Alguns exemplos de respostas:

Estudante 1: É possível sim, hoje em dia, mas não com três pessoas ao mesmo tempo eu acho que isso é uma coisa desnecessária.

Estudante 2: Não, o relacionamento tem que ser em dois, um amando o outro e não compartilhado esse carinho com outras pessoas.

Estudante 3: Super errado namorar 3 pessoas seria como trair essas 3 pessoas e iludi-las dizendo que ama uma ou outra, o amor verdadeiro nunca seria assim.

⁴⁹ Todos percentuais foram criados a partir das respostas válidas, não contabilizamos as respostas em branco.

As respostas dadas pelos estudantes demonstram que os relacionamentos virtuais são possíveis, mas que não são tão confiáveis quanto aos reais, pois o ciberespaço permite a pessoa namorar com outras três simultaneamente, algo que no relacionamento tradicional onde o casal se encontra frequentemente, para os estudantes, ficaria mais difícil acontecer.

Dando sequência temos a pergunta 4: “Quando se participa em redes sociais, é necessário fazer um cadastro. Mas há pessoas que criam perfis falsos e interagem com outras, o que pode gerar conflitos, equívocos e consequências perigosas. Já aconteceu algo parecido com você ou com algum conhecido que seja importante compartilhar?” Responderam negativamente: 95% e positivamente: 5%:

Estudante 1: Comigo nunca aconteceu. Mas existe um programa na TV chamado *Catfish* que retrata pessoas que criam perfis falsos iludindo pessoas na vida real.

Estudante 2: Sim, já aconteceu, eu conheci uma garota pelo *Facebook* eu pensava que ela tinha 14 anos, mas, ela tinha 48 anos, ela queria se encontrar comigo eu aceitei claro, mas antes entrei no *Face* dela pra saber se era verdade.

Estudante 3: Nunca aconteceu isso comigo ou algum conhecido meu. Mas eu já vi acontecer isso várias vezes no jornal da TV.

A intenção da pergunta 4 foi verificar se nossos estudantes percebem o perigo que as redes sociais podem oferecer-lhes quando expõem seus perfis nas mesmas. As respostas negativas chegaram a 95%, confirmando que os estudantes não são ingênuos e estão atentos a essa situação, pois o único estudante deu resposta afirmativa, teve a iniciativa de verificar se era verdadeiro o perfil do *Facebook* e acabou descobrindo que, em vez da garota ter 14 anos, tinha 48 anos. Analisamos, pelas respostas, que os jovens estão conscientes dos possíveis contratempos que as amizades virtuais podem gerar. Dando sequência, temos a pergunta 5: “Existe diferença entre o que se sente por alguém que se conhece pela internet e o sentimento por alguém que se conhece no mundo real (escola, festas, passeios, etc.)?” Responderam não: 42% e sim: 58%:

Estudante 1: Eu acho que a relação com que você conhece pelas redes sociais é mais confiável.

Estudante 2: Sim, relacionamentos pela *internet* não tem sentimento e afeto. Já pessoalmente a gente sente e é tudo mais diferente.

Estudante 3: Sim, às vezes as pessoas se abrem mais com as pessoas da internet, mas não têm o mesmo sentimento.

Estudante 4: Sim, existe na internet uma pessoa que pode ser diferente da vida real, pode dizer coisas que nunca diria a alguém pessoalmente e até brincar com sentimentos dessa pessoa.

Estudante 5: Sim, pela internet você sente um carinho, um certo tipo de “amor”, mas no mundo real sente “paixão”, um amor verdadeiro.

Estudante 6: Não, porque quando se conhece alguém na vida real, tem um sentimento real.

Estudante 7: Não, porque é o mesmo sentimento e o mesmo jeito de falar é tudo do mesmo jeito.

Estudante 8: Depende, de quem você conhece, o que você conversa e quais amigos você conhece.

Com a disponibilidade ampla de acesso às redes sociais, a pergunta 5 teve como objetivo verificar se os estudantes consideram o sentimento virtual igual ao real. Nessa questão, 58% dos estudantes disseram que existe diferença sim, o restante (42%) relatou não haver diferença. Uma estudante afirmou que as relações entre pessoas que se conhecem pelas redes sociais são mais confiáveis. Alguns afirmaram que o sentimento não muda, outros acreditam que pela internet as pessoas podem inventar coisas, brincar com os sentimentos dos outros, atitudes que na vida real não aconteceriam. Podemos inferir que os estudantes ainda veem com ressalvas os namoros virtuais, mostrando-se favoráveis desde que se tenha confiança e conheça a pessoa com quem se relaciona no ambiente virtual.

A última questão (6) fez referência aos intertextos presentes no texto: “No texto de Custódio, há referência a outros dois textos famosos da Literatura. Um é o poema ‘Cartas de amor’, de Fernando Pessoa, e outro é ‘A missa do Galo’ de Machado de Assis. A esse procedimento chamamos intertextualidade. Você conhece esses textos? Se não, procure-os na internet, leia-os e comente sobre a relevância dessas referências no texto ‘Amorchegando.com’”:

Estudante 1: É que como ele cita partes do texto em que ele fica encantado por uma mulher sem conhecer na internet e no texto a missa do galo o rapaz também se encanta por uma mulher mais velha e ele não conhece.

Estudante 2: Eu não conhecia o texto Cartas de Amor, mas é bem legal e ele também critica quem acha a carta de amor ridícula.

Estudante 3: Cartas de Amor retrata como o amor era ridículo e A missa do Galo já fala sobre o amor verdadeiro. Que a diferença entres eles e que ambos falam de amor, mas de forma diferente.

Estudante 4: No poema de Fernando Pessoa, ele diz que a carta de amor é ridícula, e que o amor é ridículo. E eu também acho, porque é tão bonitinho, tão amorzinho que chega a ser ridículo, mas de uma boa maneira.

Estudante 5: Os textos cartas de amor tem um pouco mais de semelhança ao texto “Amorchegando”, o autor Fernando Pessoa conta das cartas que o garoto mandava e diz que achava ridículo porque quando estamos apaixonados mudamos. Já a obra de Machado de Assis conta um amor mais moderno, tipo um romance proibido entre uma religiosa e um rapaz.

Essa pergunta acabou sendo a atividade extraclasse, pois a maioria dos estudantes não conhecia os intertextos citados no texto “Amorchegando@com”. Quando retomamos a atividade, constatamos que o texto de Fernando Pessoa foi compreendido mais facilmente, devido ser um texto relativamente simples, um gênero conhecido pelos estudantes: a carta. Quanto ao conto de Machado de Assis acreditamos que foi lido superficialmente, uma vez que nenhum estudante se referiu às artimanhas da trama, o que é compreensível, pois esse texto é de maior complexidade necessitando da mediação de um leitor mais experiente. Devido a isso, passamos o conto no projetor de multimídia, fizemos a leitura cursiva e debate sobre sua relação com o texto “Amorchegando@com”. Assim, os estudantes conseguiram estabelecer a relação existente entre os dois textos.

Num segundo momento, após realizarem a pesquisa, passamos no projetor de multimídia um vídeopoema de “Cartas de amor”, de Fernando Pessoa⁵⁰. Após, fizemos a leitura de várias cartas de amor de Fernando Pessoa a Ofélia Queiroz⁵¹. Os estudantes se divertiram, concordaram com o autor que cartas de amor são ridículas, mas perceberam que o sentimento amor é algo que muitas vezes tira as pessoas do seu estado habitual as quais acabam cometendo coisas absurdas ou ridículas. Questionamos se algum estudante já havia escrito uma carta ou bilhete de amor a

⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ft_4MN3yFNc>. Acesso em: 16 outubro 2016.

⁵¹ Existe um livro publicado pela editora Capivara, escrito por Richard Zenith, com o título Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz - Correspondência Amorosa Completa.

alguém, todos foram enfáticos em dizer que nunca escreveram, entretanto, algumas meninas admitiram já terem recebido bilhetes com pedidos de namoro. Com o diálogo fluindo de forma espontânea, alguns admitiram ter pedido a menina em namoro usando o aplicativo *WhatsApp*. Interrogados em como foi a sensação de fazer isso por meio virtual, houve consenso de que foi horrível esperar pela resposta, pois nem todos conseguiram uma resposta positiva, outros relataram que a menina pediu para conversar pessoalmente.

Estudantes respondendo às atividades.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Concluimos por meio das atividades de produção de leitura que os estudantes se posicionaram com uma visão autêntica, individual, singular, conforme enfatiza Lebrun “o leitor singular entra no texto com sua representação do mundo e do outro, e a confronta com as representações do mundo e do outro, trazidas pelo texto. [...] (2013, p. 138). Destarte, ao responderem as questões, os estudantes se posicionaram conforme sua representação do mundo, sua historicidade, buscando se identificar com a temática do programa e ao mesmo tempo construindo sua autenticidade leitora, pois Lebrun (2013, p. 138) corrobora: “é graças a tudo isso que a leitura se torna interessante para o adolescente, que procura um instrumento de construção de si e não uma ocasião de afirmação social”.

4.1.7 Análise do registro importante

Nesse registro, tivemos a intenção de conhecer quais sensações os textos 1 “A namorada” e o texto 2 “Amorchegando@com” provocaram nos estudantes, bem como se eles estabeleceram alguma relação entre os textos e a vida deles. Entretanto, ao analisar as respostas, percebemos que os estudantes confundiram os textos 1 e 2 com o item “Curiosidades sobre o tema”, pois houve respostas embasadas nesses textos. Seguem alguns exemplos de respostas fundamentadas nos textos 1 “A namorada” e o texto 2 “Amorchegando@com”

Estudante 1: Eu senti compaixão e tristeza, porque hoje é a realidade as pessoas não são mais as mesmas, tipo, ir conversar com os amigos e eles ficam olhando para o telefone, é tipo aquela sensação como se você fosse invisível e ignorado ao mesmo tempo, não é mais aquilo de brincar até tarde na rua com os amigos até umas 20:00 ou mais, as gerações de hoje em dia não são mais a mesma coisa, pois na maioria das vezes ficam no celular.

Estudante 2: Eu consegui estabelecer uma relação do texto 2 com a minha vida.

Estudante 3: Senti compaixão, são textos sentimentais.

Estudante 4: Eu achei o texto 1 romântico e fofo, senti um clima nostálgico ao ler. Sobre o texto 2, eu nem me surpreendi tanto porque hoje em dia é “normal” conhecer alguém ou namorar pela internet.

Estudante 5: Não, pois a maioria das pessoas que eu conheço, eu conheci pessoalmente, mas hoje em dia isso acabou se tornando uma coisa normal.

Estudante 6: Pelo fato de hoje em dia nós estarmos mais conectados com as redes sociais, acabamos criando muitas expectativas e então creio que os textos tenham uma semelhança com nossa vida pessoal.

Estudante 7: Indiferença, pois os dois textos falam sobre o amor e rede social.

Conforme as respostas escritas, apreendemos a temática foi relevante para os estudantes, relacionando-os com suas vivências. Quanto à resposta do estudante 7, inferimos que a indiferença expressada, deve-se ao fato do mesmo não estar envolvido emocionalmente com alguém, além da possibilidade dele não ter contato íntimo com redes sociais, também salientamos que ao expressar sua indiferença, o estudante se posicionou enquanto receptor dos textos lidos, relacionando-os com sua vida, algo que não o exclui como sujeito leitor. Assim, percebemos que ao

problematizar temas relacionados ao cotidiano dos estudantes, conseguimos criar um elo entre o texto literário e a escola, fixando de forma contextualizada a leitura literária:

[...] o sentido do texto literário não está reduzido à intenção do autor, ele o ultrapassa, pois o sentido não é dado de antemão: o leitor participa ativamente do acabamento do texto, mais exatamente de sua abertura para outras leituras, jamais esgotadas, posto que sempre diferentes e singulares. Ler é investir em um lugar de leitor, quer dizer, em um texto, é apropriar-se dele. O investimento e a apropriação serão facilitados pelo ato de trocar e compartilhar no interior da comunidade interpretativa constituída pela sala de aula. A leitura torna-se então um prazer de *gourmet*, ainda mais apreciada por ser convivial. (LEBRUN, 2013, p. 134)

Chegamos à conclusão que a leitura literária necessita ser praticada e apreciada no contexto escolar, certamente que nem todos estudantes se identificaram com o texto “A namorada” ou “Amorchegando@com”. Algumas respostas evidenciam isso, aliás, seria surpreendente se todos os estudantes se identificassem com os dois textos. Nesse aspecto, entra o papel do professor mediador que fornecerá caminhos/alternativas para uma boa recepção do texto literário, sabemos que isso não é uma situação simples ou fácil, demanda tempo para leituras e muita pesquisa, algo que convenhamos, nossas horas atividades não dão conta para suprir, evidentemente que mesmo com contratempos, não podemos nos omitir dessa construção literária de sentidos.

4.1.8 Análise da atividade de criação

Atingimos o auge da nossa proposta. Se a leitura literária não é uma prática recorrente em sala de aula, tão pouco é a produção de textos literários. Nessa atividade de criação, idealizamos algo literário, o gênero poema, incluindo as experiências vivenciadas pelos estudantes nas redes sociais, o perfil. Assim, sugerimos que eles criassem um perfil, usando um pseudônimo e foto recortada de revistas para serem expostos no mural da sala. O perfil precisava apresentar características físicas e psicológicas, em forma de poema e deveria haver rimas pelo menos entre 04 versos, não importando a posição. Posto isso, vieram os questionamentos: “Eu não sou poeta, não sei nem escrever direito uma resposta, quem dirá fazer uma poesia com rimas!”; entre outros.

Iniciamos essa atividade com a letra da música “Mais uma de amor” de Mr. Gyn, após passamos no projetor de multimídia o videoclipe da música com o grupo Blitz⁵² quando pedimos sobre o que acharam da letra da música, alguns estudantes responderam que era legal, outros não, mas, em relação ao vídeo, a maioria divertiu-se com o contexto antigo, pois só havia disponível no *Youtube* gravações realizadas no ano 1982, algo muito antigo na visão deles, outros aspectos também foram observados pelos estudantes, como a inexistência de celular, as roupas diferentes, fizeram também a comparação com os *shows* espetáculos que temos atualmente.

Nessa produção, utilizamos no primeiro momento duas aulas para apropriação do gênero poema, apesar de muitos estudantes afirmarem que conheciam o gênero, optamos por apresentar suas características, além das características pessoais que o perfil contempla. No segundo momento, foram disponibilizadas duas aulas para a produção textual efetivamente, nessa fase da pesquisa-ação houve necessidade de muita mediação por parte da professora, devido à dificuldade dos estudantes em se expor, pois não conseguiam expressar suas qualidades, suas características físicas. Deste modo, constatamos as dificuldades em se produzir um texto literário, algo que é uma prática defendida por Paulino e Cosson:

Uma quarta prática é o lugar da escrita na interação com a literatura. Não se trata, como argumentamos, de formar escritores, mas sim de oferecer aos alunos a oportunidade de se exercitarem com as palavras, apropriando-se de mecanismos de expressão e estratégias de construção de sentidos que são essenciais ao domínio da linguagem e da escrita. (PAULINO, COSSON, 2009, p. 76)

Dando sequência, no terceiro momento, devido às dificuldades dos estudantes em produzir o perfil poema, criamos um perfil em formato de poema⁵³ intitulado “Eu professora” e o exibimos para incentivar a escrita. Os estudantes aprovaram nossa criação, dessa forma houve menos objeção à escrita e os textos foram sendo redigidos. Entretanto, surgiu um contratempo que, para eles, estava dificultando a escrita: as rimas. Pensando em fornecer condições melhores para produção,

⁵² Disponível em: <<https://youtu.be/ydCwzckSKMc>>. Acesso em: 16 outubro 2016.

⁵³ O objetivo em criar um poema e levá-lo a sala de aula foi de mostrar aos estudantes que é possível fazer, pois o professor está dando o exemplo.

disponibilizamos o acesso aos *smartphones*⁵⁴, mesmo assim, alguns não tiveram êxito em suas pesquisas de rimas, precisando da mediação da professora⁵⁵.

Com o intuito aproximar a escrita literária do estudante, essa atividade de criação propiciou momentos de reflexão e conhecimento próprio, no entanto, alguns estudantes não conseguiam descrever suas características, principalmente no que tange ao aspecto psicológico necessitando de mediação. Nesse sentido, consideramos que as dificuldades enfrentadas por esses estudantes podem refletir a falta do autoconhecimento, além de evidenciar que a escrita literária não é uma prática recorrente em sala de aula. Seguem alguns poemas:

Poema 1	Poema 2
<p style="text-align: center;">Meu poema</p> <p>Quem sou eu? Nem eu sei bem Na minha vida tem tanto amém que às vezes me pergunto por quê?</p> <p>O que gosto de fazer é ler mas também é comer. Não sou boa para me socializar mas se quiser vir falar, pode vir que vou escutar.</p> <p>Tenho 14 anos, meus cabelos são castanhos e tenho parentes italianos</p> <p>Meus olhos são verdes como as esmeraldas, muitos raros de encontrar, pois dentro deles mostra que irei lutar.</p>	<p style="text-align: center;">João</p> <p>Eu sou João e bem bonito. Sou inteligente igual a muita gente. Não sou atlético mas sim ético.</p> <p>Gosto de massa, como panqueca e lasanha. Como carne, só se for picanha.</p> <p>Não sou fã de futebol, mas adoro natação. Sou da paz, não gosto de confusão. Sou pequeno elegante, calmo e paciente. Gosto de cães e de elefantes. Gosto de ir ao cinema, mas detesto fazer cena.</p>

⁵⁴ No Regimento Escolar é vedado o uso de qualquer aparelho eletrônico sem a permissão do professor regente.

⁵⁵ Existem dicionários online que, além dos sinônimos, também disponibilizam outras palavras que rimam com a palavra pesquisada, inclusive com número de sílabas diferentes, exemplo: <<https://www.dicio.com.br>>.

<p>Não posso perder o brilho do olhar, pois se perder, quem irá reparar?</p> <p>Júlia Totti, 9º A</p>	<p>Luis Felipe, 9º A</p>
---	--------------------------

Os dois poemas acima retratam o que boa parte da sala produziu, os estudantes focaram mais no aspecto físico, o que gostam ou não de fazer, utilizaram das rimas e dividiram os versos em estrofes. Os meninos tiveram mais dificuldades em se expor, criaram os poemas usando personagens de games ou nomes fictícios, as meninas, em sua maioria, colocaram seus próprios nomes, inclusive, uma estudante expôs seu perfil no *Facebook*.

No poema 1, observamos uma certa angústia, indefinição de quem eu sou, pois “tem tanto amém”, mas há o questionamento do “por quê?”, percebemos que a estudante, apesar de se manifestar obediente, faz o questionamento dos porquês que a levam a ser assim, algo extremamente natural na adolescência. Nos dois versos finais, a estudante desabafa “não posso perder o brilho do olhar, pois se perder, quem irá reparar?”, por esse fragmento, compreendemos que a estudante manifesta uma angústia, a de não ser percebida, de não ter importância, às vezes, os adolescentes se sentem sós, mesmo amparados por tanta tecnologia favorecendo a comunicação.

No poema 2, temos a descrição de um adolescente comum, entretanto, com algumas diferenças: “não sou atlético”, sabemos que muitos adolescentes se preocupam com os aspectos físicos; “não sou fã de futebol”, diferente dos colegas, basta verificar nas aulas de educação física, certamente o esporte mais praticado pelos estudantes é o futebol; “não gosto de confusão”, isso também é um diferencial nessa fase, geralmente os adolescentes estão sempre alertas para qualquer situação, ainda mais provocações. As características psicológicas também foram abordadas: “inteligente, ético, calmo e paciente”, o autor, ao contrário de muitos colegas, não se absteve de suas qualidades, mostrando-as com simplicidade e perseverança. Catherine Mazauric (2013, p. 91) salienta que “nenhuma forma de identidade, nem mesmo a identidade pessoal, é concebida sem uma relação com o outro e com o mundo”. Alguns estudantes escreveram sobre suas aspirações:

<p>Poema 3</p> <p>Eu sou Michely Gomes, sou chamada de Miih. Tenho um sorriso brilhante que faz qualquer um rir. Sou mato-grossense, adoro açaí.</p> <p>Tenho olhos castanhos e cabelos cacheados, que faço minhas amigas arrumarem pra mim. Gosto de ter amigos em volta de mim.</p> <p>Gosto de ver tudo Que está perto de mim. Sorrir principalmente pra aquele gatinho impaciente.</p> <p>Não vejo a hora, de ver o olhar do meu pai brilhar, quanto ele na TV olhar e ver eu entrar pra jogar.</p> <p>Michely, 9º A</p>	<p>Poema 4</p> <p>Sou morena, olhos castanhos, tenho apenas 14 anos e é claro, muitos sonhos.</p> <p>Sou só mais uma menina que fica imaginando o dia em que me formarei em medicina.</p> <p>Sonho também em ter família, casa, e é claro, alegria.</p> <p>Sei que minha caminhada será difícil, mas com fé, nada é impossível. Lutarei por meus objetivos, sei que serei reconhecida.</p> <p>Kimberly, 9º A</p>
---	---

Percebemos por esses dois poemas que as estudantes manifestam seus sonhos, uma de ser jogadora profissional (poema 3) e outra de se formar em medicina (poema 4). Sabemos o quanto é difícil para um estudante de escola pública ingressar num curso de medicina, a própria estudante afirma que sua caminhada será difícil, em seguida manifesta sua crença de que com fé nada é impossível. No poema 3, houve a identificação de ser mato-grossense, afirmando sua origem, sua alegria contagiante, além de reforçar os aspectos físicos, olhos castanhos, cabelos cacheados, numa sociedade em que o cabelo liso é priorizado por muitas garotas, ter o cabelo cacheado é ser diferente.

Salientamos que os itens: “Algumas informações sobre os autores dos textos literários contidos nesta aula” e “Curiosidades sobre o tema” não foram analisados separadamente, pois tiveram leitura oral em sala de aula, além de diálogo sobre os temas e autores. Findamos a aplicação dessa primeira unidade concluindo que a mesma se desenvolveu de forma positiva, no entanto sabemos que a leitura de textos literários no contexto escolar não é rotineira, dificultando o entendimento de alguns estudantes. Nessa conjuntura Rouxel (2013a, p. 162) corrobora quando diz que:

A interpretação visa, em verdade, a um consenso sobre um significado. Por sua vez, a utilização remete a uma experiência pessoal que pode ser igualmente compartilhada. No espaço intersubjetivo da sala de aula, a experiência do outro me interessa, pois eu me pareço com ele; ela me fornece, em sua singularidade, um exemplo de experiência humana. A experiência conjunta da interpretação do texto e de sua utilização por um leitor põe em tensão duas formas de se relacionar com o texto e com o outro e confere intensidade e sentido à atividade leitora.

Deste modo, compreendemos que a leitura é um processo individual e único, o que um texto representa para alguém, num determinado momento pode não representar mais em outro momento, cada leitor é único e cada processo de criação também, entretanto, ao compartilhar sua experiência leitora com o restante da sala, o estudante também sai fortalecido, pois se identifica com as situações expressadas pelos colegas. A aplicação dessa unidade proporcionou a cada estudante, talvez, mesmo sem perceber, um momento de reflexão sobre si e sobre o próximo.

4.2 Programa 2: mato grosso, terra de ouro!

Este programa foi elaborado com o objetivo de propiciar ao estudante um pouco do contexto histórico da colonização do estado. Sabíamos que o desafio em relação ao tema seria grande, pois estudar fatos históricos numa aula de língua portuguesa, convenhamos, não é algo comum. Entretanto, não podemos deixar de oportunizar a contextualização histórica que a literatura abrange, umas das capacidades do programa 2 era reconhecer os procedimentos de construção do texto literário e sua relação com o contexto histórico, pois, como profere Iser:

[...] os textos literários foram considerados ora como testemunha do espírito da época, ora como reflexo de condições sociais, ora como

expressão das neuroses dos seus autores etc.; os textos foram nivelados como documentação, e desse modo, se elimina aquela dimensão que os diferencia de mera documentação: a possibilidade privilegiada de experimentar na leitura o espírito da época, as condições sociais e as disposições dos seus autores. Pois é característico dos textos literários que não percam sua capacidade de comunicação depois que seu tempo passou; muitos deles ainda conseguem “falar” mesmo depois que sua “mensagem” se tornou histórica e sua “significação” se trivializou. (ISER, 1996, p. 39, grifos do autor)

Com essa conscientização sobre a importância desses conhecimentos para os estudantes, desenvolvemos esse programa que será descrito e analisado por partes, as quais apresentamos a seguir.

4.2.1 Análise da atividade de motivação

Essa atividade contou com um vídeo⁵⁶ reproduzido no projetor de multimídia, entretanto, antes de passá-lo, foi realizada uma dinâmica diferente. Por intermédio de um grupo criado no *WhatsApp* foi realizada uma enquete sobre o time de futebol que cada estudante torcia, alguns responderam, outros ficaram receosos – perguntaram por que a professora estava querendo saber, quem sabe por motivo de piada torcer para esse ou aquele time, talvez esse fosse o receio, aguentar as brincadeiras quando o time perde – outros não responderam. Rouxel (2013b) enfatiza que

[...] os adolescentes resistem a revelar aquilo que consideram sua intimidade. pudor ou medo do contrassenso, do erro de interpretação que os desacredita diante da classe e de seu professor? Eles se refugiam com frequência num silêncio obstinado, às vezes no psitacismo ou em observações sem risco para eles. (ROUXEL, 2013 b, p. 21)

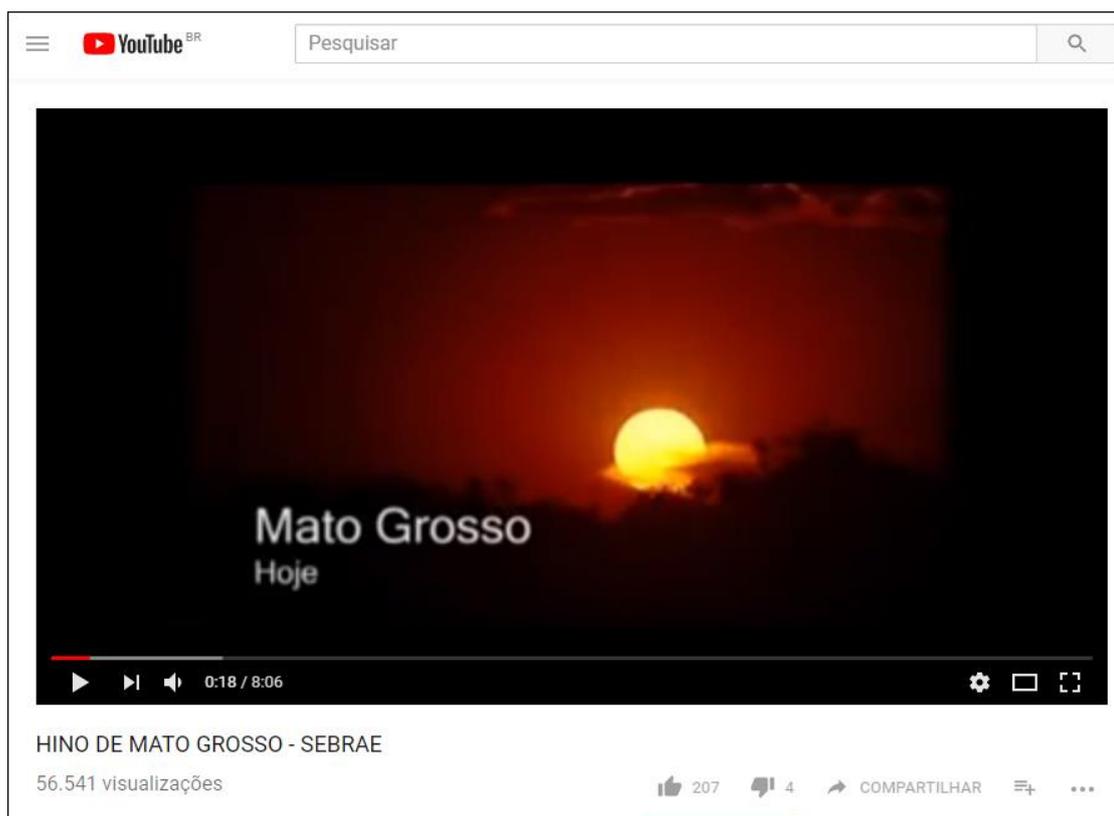
Baseando-nos nas respostas, iniciamos a aula tocando alguns hinos dos times: Flamengo, Corinthians, São Paulo. Após ouvirem um pouco do hino, paramos a música e perguntamos se os estudantes conseguiam identificar qual era o time a que se referia o hino, praticamente todos, logo de início, souberam a resposta. Feito isso, comentamos por que existia o hino dos times, de uma nação, de um estado e de uma cidade. Ainda sem passar o vídeo motivador, indagamos se alguém conhecia o hino

⁵⁶ Disponível em: <<https://youtu.be/EndWQPsoV3o>>

do nosso estado. Tãmanha foi a surpresa, somente um estudante respondeu positivamente.

Dando sequênciã, passamos o vídeo do hino de Mato Grosso reproduzido numa versãõ atual, com imagens da diversidade cultural, étnica e econômica mato-grossense, elaborado pelo SEBRAE.

Hino de Mato Grosso produzido pelo SEBRAE



. Disponível em: <<https://youtu.be/EndWQPsoV3o>>

Posteriormente possibilitamos o diálogo sobre o que eles perceberam, se gostaram ou não, muitos comentaram que no vídeo o Mato Grosso inteiro aparecia, com sua diversidade cultural, alguns elementos típicos como a viola de cocho, a culinária, dança indígena, além das belezas presentes na fauna e flora. Houve também a percepção do contraste entre as belezas naturais e o progresso com o avanço da agropecuária. De modo geral os estudantes se identificaram com o vídeo, gostaram principalmente das partes cantadas pelos jovens.

4.2.2 Análise do registro livre das primeiras impressões texto 1

Após assistirem e dialogarem sobre o vídeo do hino de Mato Grosso, partimos para a leitura do texto. Houve, num primeiro momento, a leitura silenciosa individual e, num segundo momento, a leitura oral por parte da professora. A maioria dos estudantes gostaram de conhecer o hino, reforçaram a questão da identidade: “Me senti feliz, porque faço parte de Mato Grosso”. Vale ressaltar que a letra é um poema de D. Aquino Correa. Por ser um gênero (o poema) de leitura complexa, na forma de hino, com parte do vocabulário que não faz parte do contexto dos estudantes, além das inversões na ordem sintática, houve também quem relatou não ter gostado, ou mesmo como Lucas Vinícius: “Não entendi muito bem, é um tipo de conversa sem sentido”. Nesse aspecto, concordamos com Wolfgang Iser quando diz que o “sentido não é mais algo a ser explicado, mas sim um efeito a ser experimentado” (1996, p. 34). Alguns só assinalaram o *Emoticon* e não escreveram. Inferimos que a opção em só assinalar o *Emoticon* possa refletir a dificuldade que muitos jovens têm em expressar suas emoções por escrito, ou ainda, falta de vontade de escrever, o que alguns consideram trabalhoso, fato compreensível quando pensamos que essa geração está habituada a predominantemente “clicar”. Seguem alguns exemplos:

Estudante	Emoticon	Texto escrito
Marcos Gabriel		Me senti feliz porque faço parte de Mato Grosso.
Gabriella		Eu amei, achei muito lindo.
Isabella	 	Foi boa, porque com isso aprendemos mais sobre nosso Mato Grosso e aprendemos também o hino mato-grossense.
Johnata		Eu achei bem legal o texto, pois fala sobre o Mato Grosso.
Lucas Vinícius		Não entendi muito bem é um tipo de conversa sem sentido.

4.2.3 Análise da produção de leitura

Num segundo momento, propiciamos a leitura individual das questões da Produção de Leitura. Vale ressaltar que, como professora pesquisadora, procuramos

deixar o estudante livre em relação às respostas, não fizemos nenhum tipo de interferência do tipo: está correto ou incorreto. Nosso objetivo era perceber quais seriam as eventuais dificuldades encontradas pelos estudantes, obviamente que, em se tratando de uma aula cotidiana, o professor regente acaba ajudando a esclarecer as dúvidas que vão surgindo no decorrer da atividade.

Do mesmo modo, tivemos perguntas de compreensão explícita no texto e outras que propiciaram maior dificuldade para os estudantes formularem as respostas, visto que alguns estudantes não responderam, outros construíram suas respostas fundamentadas em seu conhecimento de mundo, algo que vem ao encontro das nossas expectativas.

Na questão 1: “O autor diz que Mato Grosso é uma terra de ouro. O que essa denominação pode significar, levando-se em conta a época em que a letra foi escrita?” Praticamente todos responderam corretamente, relacionando ao fato que no século passado ainda existia muito ouro aqui sem explorar, conforme essa resposta: “Sobre as minas de ouro que existiram, suas riquezas, sendo representadas em música”.

Dando sequência temos a questão 2: “A letra do hino do Mato Grosso é um poema e foi escrita em 1918, nessa época ainda não havia a separação entre os estados de MT e MS (1977), verifique na letra algo que faça referência ao território antes da divisão. (Se for necessário, consulte um mapa político atual dos municípios de MT e MS para responder a essa questão)”. Nessa questão houve muita dificuldade em encontrar a informação explícita dentro do texto, exatamente a metade dos estudantes não conseguiram relacionar os aspectos geográficos antes do desmembramento do estado, pois o segundo verso na última estrofe diz: “De Dourados até Corumbá”. Desta maneira, esperávamos que os estudantes perceberiam que no contexto atual essas cidades não pertencem ao Mato Grosso e sim ao Mato Grosso do Sul. Devido a esse desencontro, houve o acréscimo da sugestão de consulta ao mapa para que os estudantes possam consultá-lo, se acharem necessário.

A questão 3: “De acordo com letra do hino, quais são os atributos, as caracterizações do estado de Mato Grosso?” Essa questão foi respondida conforme o texto sem maiores dificuldades, demonstrando que os estudantes conseguem encontrar uma informação explícita no texto. A questão 4: “Você acha que Mato Grosso ainda pode ser chamado de Terra de ouro? Por quê?” propiciou uma resposta subjetiva, sintetizamos o percentual de sim: 77% e não: 23%. Dos que deram

respostas afirmativas, em sua maioria relacionaram a questão da expansão agropecuária, principalmente em relação à produção de grãos, os estudantes que responderam negativamente, embasaram-se na questão da extração mineral ou em relação à destruição da floresta, eis alguns exemplos:

Estudante 1: Sim, boa parte do ouro foi retirada, mas também é o maior criador de gado do mundo, além de produzir grande parte da soja produzida no país.

Estudante 2: Sim, Mato Grosso pode ser uma terra de ouro, pois o ouro não é a única riqueza seus produtos soja, milho que ajuda maior parte do país.

Estudante 3: Sim, porque ainda tem muitas coisas valiosas no Mato Grosso, exemplo a soja.

Estudante 4: Não. Porque já foi explorado todo o estado de Mato Grosso.

Estudante 5: Não muito porque não existem muitas árvores como antigamente.

Pelos posicionamentos analisamos que os estudantes fizeram a contextualização entre progresso e desmatamento, inferindo que apesar da riqueza mineral e a diversidade da fauna/flora terem diminuído, o estado continua gerando riqueza com o agronegócio. Outros estudantes não consideram o agronegócio como riqueza, reprovando a expansão agrícola, conseqüentemente tendo uma visão voltada para a preservação do meio ambiente.

A questão 5: “Atribua um significado para a expressão, buscando na internet informações sobre o mito da fênix. ‘Teu progresso imortal como a fênix’”, exigiu um conhecimento mais específico sobre o mito, deixamos os estudantes pesquisarem em seus *Smartphones*. No entanto, mesmo conhecendo o mito da fênix, alguns estudantes tiveram dificuldade em relacionar o progresso imortal do estado com o mito da fênix, vejamos algumas respostas:

Estudante 1: Que morre e renasce novamente.

Estudante 2: A fênix é uma ave imortal que volta à vida com suas próprias cinzas.

Estudante 3: O mito da fênix, a ave que renasce das cinzas é indicada no hino como o progresso rápido do Estado.

Estudante 4: A águia renascendo de suas cinzas, representando o nosso Mato Grosso para que sempre tenha progresso e que nunca tenha fim.

Estudante 5: É um progresso eterno, imortal.

Estudante 6: Que seu processo nunca vai parar.

De modo geral, os estudantes conseguiram inferir que o progresso do estado não terá fim, pois o estado se encontra em constante mudança. A última questão também buscou relacionar mito com a realidade: Você já ouviu falar no mito do eldorado? Faça uma consulta na internet e escreva algo sobre ele. Posteriormente, esse conhecimento o ajudará a ler alguns trechos escritos por viajantes na época da descoberta das primeiras minas. Também disponibilizamos o acesso à internet pelos *Smartphones*, seguem algumas respostas:

Estudante 1: Sim, é o homem que jogava um pó dourado em si mesmo, achando que era ouro.

Estudante 2: O Eldorado se aplica a uma cidade perdida no meio de uma mata onde acreditavam lá ter muito ouro que os índios iriam lá para pegar esse ouro mesmo não tendo com o quê vender esse ouro.

Estudante 3: Sim é uma cidade submersa escondida em algum lugar que está cheio de ouro e joias.

Estudante 4: Sim. Porque eles acharam que eldorado não existia.

Devido autorização da pesquisa sobre os mitos da Fênix e do Eldorado em sala de aula, com os celulares dos estudantes, não necessitamos da atividade extraclasse. Concluimos que apesar de algumas questões estarem relacionadas diretamente ao texto, há ainda dificuldade em “localizar uma informação explícita em um texto” (D1), que é um dos descritores da Prova Brasil, algo que, acreditamos, a prática frequente da leitura analítica (ROUXEL, 2012) seja capaz de solucionar.

4.2.4 Análise do registro livre das primeiras impressões do texto 2

O texto 2 são três fragmentos escritos por pessoas que vieram para Mato Grosso no período em que as primeiras minas auríferas foram descobertas. Inicialmente, possibilitamos a leitura individual silenciosa, posteriormente houve a leitura em voz alta compartilhada, três estudantes fizeram-na. Após, propiciamos um

debate sobre os textos, alguns estudantes afirmaram que nem passava pela cabeça deles aquelas dificuldades, outros se mostraram preocupados com a matança de animais silvestres, coisa que atualmente é proibido. Seguem algumas impressões:

Estudante	Emoticon	Texto escrito⁵⁷
Taynara		Achei muito fofo e interessante, eu gostei porque eu amo bichos, é bom porque a gente sempre aprende um pouco mais sobre nosso estado.
Maryane		Achei engraçado porque não é realmente assim o Mato Grosso.
Luis Felipe		Surpresa.
Julia Isabel		Achei legal, interessante fala sobre o ouro e o meu estado.
Denise		Gostei muito porque fala dos animais e fala também sobre a história do ouro que ainda não tinha valor.

Enfatizamos que tivemos intenção de selecionar respostas diferentes, algumas se repetiram, outras não, mas o objetivo é exemplificar as diversas recepções dos textos. Podemos perceber que alguns estudantes evidenciaram que naquela época o ouro ainda não tinha o valor, inferindo que no contexto atual tem valor. Uma resposta que nos chamou a atenção foi: “Achei engraçado porque não é realmente assim o Mato Grosso”, por essa resposta imaginamos que a aluna entendeu que o Mato Grosso atual é muito diferente do antigo, talvez nem acredite que já houve um Mato Grosso cheio de riquezas conforme relatado nos textos.

Determinadas respostas tiveram o uso do pronome possessivo “nosso”, “meu” exteriorizando o sentimento de posse/pertencimento do estudante em relação ao estado. Ao escrever desta forma, o estudante demonstrou sentir afeto ao estado em que vive, outros utilizaram o artigo definido “o” referindo-se ao estado, evidenciando um certo distanciamento. Não analisaremos esse distanciamento, uma vez que nossos dados são insuficientes para isso, mas uma das hipóteses que esboçamos é

⁵⁷ As respostas foram transcritas com algumas adequações ortográficas e pontuação.

a de que possa ser causado pela falta de conteúdos relativos à história e cultura do estado, nos currículos escolares.

4.2.5 Análise da produção de leitura

Nesse item procuramos deixar o estudante fazer sua leitura individual da Produção de Leitura, não foi lida nenhuma questão oralmente pela professora, por acreditarmos que poderíamos interferir nas respostas dos estudantes, além de se tratar de uma pesquisa-ação, ainda temos a preocupação em relação às respostas serem um reflexo do posicionamento individual do estudante, sendo que o professor pesquisador deve ficar o mais neutro possível para não interferir no resultado. Wolfgang Iser salienta que:

[...] é só na leitura que os textos se tornam efetivos, e isso vale também, como se sabe, para aqueles cuja “significação” já se tornou tão histórica que já não tem mais um efeito imediato, ou para aqueles que só nos “tocam” quando, ao constituirmos o sentido na leitura, experimentamos um mundo que, embora não exista mais, se deixa ver e, embora nos seja estranho, podemos compreender. (ISER, 1996 p. 48, grifos do autor)

Assim temos a questão 1: “Os textos 02, 03 e 04 são fragmentos escritos por pessoas que vieram para Mato Grosso no período em que as primeiras minas auríferas foram descobertas. São relatos, impressões. Há no texto 02 uma descrição detalhada de animais presentes nesse espaço. Pelos detalhes apresentados, o que você acredita ter motivado o autor escrever ‘conspiram contra a Humanidade?’”. Vejamos algumas respostas:

Estudante 1: Que os animais estão invadindo o espaço dos humanos, e os humanos invadindo o dos animais.

Estudante 2: Que os homens possam ter algum medo desses animais.

Estudante 3: Porque os animais estão protegendo seu lar dos humanos que estão explorando seu habitat.

Estudante 4: Seu significado se destaca que os animais irracionais estão protegendo o seu território contra os racionais, ou seja, seres humanos.

Estudante 5: Matavam os humanos.

Percebemos que as respostas refletem a oposição entre seres humanos e a natureza, o estudante 5 se posiciona mais enfaticamente, dizendo que os animais matavam os homens. Certamente houve a percepção por parte dos estudantes que o início da colonização do estado não foi fácil para os colonizadores, devido à diversidade de animais existentes na região.

Questão 2: “Faça uma comparação entre o fragmento 02 e 04. Em que um difere do outro? Há alguma/s semelhança/s? Se há, escreva e comente sobre ela/s.” Essa questão foi respondida adequadamente conforme o enunciado, não havendo maiores dificuldades. Dando sequência, temos a questão 3: “No texto 03, o cronista Barbosa de Sá faz uma crítica aos exageros cometidos pelo padre André dos Santos Queiróz. Baseado nos textos lidos desta unidade, faça uma análise dos ‘supostos motivos, finalidades’ que levaram o padre André dos Santos Queiróz a cometer tais exageros”. Ao elaborarmos essa questão nos preocupamos em conhecer o posicionamento do estudante em relação a um contexto apresentado, assim temos alguns exemplos:

Estudante 1: Para trazer pessoas de fora, para atrair pessoas à procura de ouro para o interior do país.

Estudante 2: Porque o povo iria vir para cá por causa do ouro.

Estudante 3: Para que as pessoas viessem para cá, talvez com certa curiosidade de ver o ‘ouro’ que provavelmente era uma mentira.

Estudante 4: Chamar as pessoas para povoar as terras.

Algumas respostas foram equivocadas, demonstrando a dificuldade em inferir informações implícitas no texto (D4), seguem alguns exemplos:

Estudante 1: Porque ele tinha medo, pensava que quando chegasse aqui ia ter onças, cobras e bichos por todo lado.

Estudante 2: Naquela época não se sabia o valor do ouro e as pessoas usavam como se fosse pedra.

Estudante 3: Ele queria criticar Mato Grosso.

Podemos inferir pelas respostas equivocadas que os estudantes não devem ter feito uma leitura analítica do texto a que se refere a pergunta, no caso do estudante 1, sua resposta evidencia o conhecimento empírico de muitas pessoas que não

conhecem nosso estado e imaginam que encontrar animais silvestres como onças, é uma cena vivenciada cotidianamente pelos moradores de Mato Grosso. As respostas dos estudantes 2 e 3 demonstram que realmente não houve a leitura analítica do texto.

Quanto a questão 4: “A diversidade da fauna/flora apresentada nos textos pode ser vista/apreciada ainda hoje pelos cidadãos mato-grossenses? Justifique.”, existiu um percentual maior negativo 72% contra 28% favoráveis. Entre os argumentos contrários, prevaleceram alguns:

Estudante 1: Não, por que hoje não existe tanto ouro como antigamente.

Estudante 2: Não, por causa da população.

Estudante 3: Não como era antes, os animais perderam grande parte dos seus lares.

Estudante 4: Hoje em dia não porque não existe muito isso e se existe é muito difícil de ser apreciado.

Pelas respostas negativas, constatamos que alguns fatores explicam a redução da diversidade da fauna/flora, como o aumento da população, a extração mineral e a derrubada da floresta (expansão agrícola), tudo isso é mostrado no dia a dia nos jornais televisivos, sendo perceptível aos estudantes. Em contrapartida, houve respostas favoráveis, deduzindo que ainda há diversidade de fauna e flora no estado, eis algumas respostas:

Estudante 1: Sim, muitos apreciam a diversidade principalmente da fauna, que também há existência de animais de grande valor para os pesquisadores.

Estudante 2: Sim, em alguns lugares ainda tem lugares com fauna.

Estudante 3: Sim, aqui no Mato Grosso tem as matas, que são muito bonitas.

Estudante 4: Mais ou menos até por que a maioria da fauna e flora já foi desmatado.

Apesar de afirmarem que ainda o estado tem sua diversidade na fauna/flora, os estudantes citam com ressalvas, constatando que não é igual a antigamente, deste modo, mesmo se posicionando positivamente, os escritos manifestam a preocupação de que não é igual a antigamente, corroborando com a realidade atual pois ao dizer

“também há existência de animais de grande valor para os pesquisadores”, talvez, mesmo inconscientemente, o estudante inferiu sua preocupação com a extinção de algumas espécies.

Na sequência, temos a questão 5: Pela descrição apresentada no texto 04, reflita como viviam os exploradores daquela época. Já havia algum tipo de plantio ou só sobreviviam com alimentos retirados da floresta? Responda usando exemplos retirados do texto. Alguns estudantes conseguiram encontrar essa informação que estava explícita no texto, seguem algumas respostas:

Estudante 1: Sim, havia legumes, cana, arroz, milho....

Estudante 2: Já havia, pois os exploradores trouxeram vários tipos de plantio, da terra de onde eles vieram.

Estudante 3: Eles comiam muitos animais coelho, porcos, antas, veados, aves, peixes e faziam cultivos como os legumes, arroz, milho.

Entretanto, houve alguns estudantes que não fizeram uma leitura analítica do texto, eis exemplos de respostas:

Estudante 1: Viviam dos animais, no texto 04 cita os sabores desses animais, coelhos, cutias e os peixes.

Estudante 2: Há nestes rios peixes de diferentes grandezas.

Estudante 3: Não havia plantio. Eles sobreviviam somente dos alimentos retirados da floresta.

Na última resposta, o estudante afirma que não havia plantio, demonstrando que, apesar de estar explícita no texto, nem todos conseguiram responder corretamente, certamente que a mediação do professor ou a simples releitura do texto esclareceria a resposta.

Assim, chegamos à questão 6: “Com base nesses textos, e na pesquisa que você fez sobre o mito do eldorado, faça um comentário crítico dizendo de que modo as expectativas sobre o território influenciaram a vinda de desbravadores – mineradores para cá, e, se esses primeiros observadores do território, em seus escritos, confirmam o mito do eldorado?” Salientamos que, além da pesquisa realizada pelos estudantes no celular/*smartphone* houve também a apresentação no projetor de multimídia de uma notícia sobre o mito Eldorado, sob o seguinte título:

*Pesquisadores revelam a verdade por trás do mito El Dorado*⁵⁸. A notícia não se refere ao mito do eldorado como uma cidade, mas sim como “um líder tão rico que se cobria de pó de ouro da cabeça aos pés todas as manhãs, e se lavava em um lago sagrado todas as noites⁵⁹”. Eis alguns exemplos:

Estudante 1: Sim, pois eles vieram em busca de ouro, mas o eldorado não existe.

Estudante 2: Essas histórias serviram como um tipo de propaganda para a vinda de pessoas em busca de riquezas.

Estudante 3: O Eldorado era um mito e com a vinda deles para cá, os índios foram escravizados.

Estudante 4: Era mentira o eldorado e por sorte foi bom eles virem e por outro ruim pois eles escravizaram os índios.

Estudante 5: “Não totalmente o “mito”, mas se aplica a ele sim, pois vieram com o objetivo de ter ouro e diamantes em busca de lucros e ganhos”.

Constatamos, com esses exemplos, que alguns conseguiram relacionar o mito do eldorado com a eterna busca de vantagens financeiras, mesmo sendo algo que não existiu, a cobiça das pessoas em conseguir dinheiro fácil por meio da exploração mineral existiu e ainda existe em nosso estado. Cosson salienta que “o registro da interpretação após a discussão permite verificar o balanço final, ou seja, se o objetivo da leitura foi alcançado” (COSSON, 2012, p. 114).

Concluimos, por essas atividades de Produção de Leitura, que houve tanto a leitura cursiva quanto a analítica dos textos, sinalizamos algumas respostas incoerentes, outras que poderiam ter sido abordadas mais profundamente pelos estudantes, não ficando na superficialidade, mas salientamos que optamos por não fazer a andaimagem ou mediação dessas atividades no momento da pesquisa, pois almejávamos que deste modo houvesse a constatação de possíveis dificuldades e/ou problemas no enunciado que, se fossem sanados naquele momento, talvez pudessem passar despercebidos pela pesquisadora ao analisar as respostas. Diante disso, temos ciência que a mediação do professor em sala de aula é de suma importância e favorece ao melhor entendimento por parte do estudante, gerando assim respostas

⁵⁸ Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/01/130121_pesquisa_mito_eldorado_mv.shtml>. Acesso em: 14 abril 2017.

⁵⁹ Idem anterior.

elaboradas com mais criticidade. No entanto, compactuamos com Gérard Langlade (2013, p. 35) ao afirmar que “[...] todo texto singular elaborado por um leitor, quaisquer que sejam suas lacunas e insuficiências relativas, qualquer que seja sua porção de delírio, constitui um estado do texto digno de ser apreciado enquanto produção de leitura literária”.

Dito isso, evidenciamos que a produção de leitura literária dos estudantes participantes da pesquisa teve relevância significativa, além de enfatizarmos a importância da mediação do professor no que tange o estímulo à leitura literária, bem como o cuidado em relação à escolha de temas atuais do contexto dos estudantes. Percebemos que muitos se identificaram com o estado, usando os pronomes possessivos “nosso” ou “meu”, outros se referiram ao estado usando o artigo definido “o”, e sobre isso, formulamos a seguinte hipótese: é possível que, pela época distante a que os textos se referem, falem como se fosse um outro lugar, um lugar e uma realidade a que não pertenceram.

4.2.6 Análise do registro importante

Como no item anterior, essa atividade também não foi muito diferente das demais. Vejamos o enunciado: Você já havia lido algum registro sobre observações do início da colonização em Mato Grosso? Já conhecia o hino? Se sim ou se não, tente relacionar esses conhecimentos com a sua vida como cidadão que vive neste estado. O que esses conhecimentos acrescentam à sua vivência? Algumas respostas:

Estudante 1: Não, também não conhecia o hino, assim sei o que aconteceu antes de eu nascer em meu estado.

Estudante 2: Nunca tinha ouvido o hino ouvido a história com esse conhecimento não mudou muita coisa porque eu não estive lá, mas pelo menos agora eu sei a história de Mato Grosso.

Estudante 3: Sim. Não conhecia o hino, ajudou eu saber mais coisas sobre o estado onde moro.

Estudante 4: Sim, desde que eu soube da colonização mato-grossense, isso nos beneficia a todos nós, por sabermos como foi suas mudanças, suas perdas e ganhos, sua cultura, suas belezas tudo isso é incrível, não só para mim, mas para todos os cidadãos do Mato Grosso.

Estudante 5: Não, já havia visto, acho que acrescentam é que eu fiquei sabendo algo a mais sobre o estado estes acontecimentos foram importantes.

Entendemos que as respostas são elaboradas de acordo com as vivências de cada um, alguns estudantes escreveram: “Não”, “sim”, “eu sei o hino”, “nada”, evidenciando que os textos em que foram abordados alguns aspectos da colonização e o hino do estado não são compreendidos por eles como conhecimentos que possuem relação com a cidadania. Quando elaboramos a pergunta, não previmos respostas diferentes, uma vez que o conceito de cidadania remete às condições atuais de vida, com garantia de direitos e cumprimento de deveres. Não esperávamos respostas diferentes, até mesmo em função da maturidade dos estudantes de acordo com a idade. Entretanto, na questão está implícita a noção de que conhecer aspectos da história de um determinado lugar, saber que discursos foram veiculados sobre esse lugar, saber quais foram os pontos de vista que tiveram oportunidade de se expressar sobre esse lugar são, sem dúvida, conhecimentos importantes para a formação de um leitor crítico, e não há cidadania sem leitura crítica. Assim, pretendemos reformular a questão para que o enunciado revele melhor sua intencionalidade ou, ainda, formular questões anteriores que possam despertar mais criticidade.

Voltamos a uma questão que consideramos essencial para o fortalecimento da literatura na escola: a formação leitora dos estudantes, neste aspecto, devemos considerar o estudante como um sujeito leitor, que tem suas preferências, suas necessidades, seus objetivos ao ler um texto, em especial o literário, enfim, sua subjetividade. A escola tem um papel muito importante no desenvolvimento da formação de leitores, especialmente os leitores críticos, pois “[...] ensinar a literatura hoje supõe fazer ler textos literários e fazer com que o leitor mergulhe no discurso crítico, discurso de acompanhamento e de glosa, tanto na recepção como na produção” (LEBRUN, 2013, p. 138).

Sabemos que, em se tratando de práticas educacionais, qualquer que seja o procedimento metodológico aplicado demora tempo para colher os frutos, entretanto, é fundamental que estudantes não saiam do ensino fundamental ou médio sem terem tido a oportunidade de conhecer obras regionais que têm temáticas do cotidiano deles. Um exemplo disso foi o projeto de Marli Chiarani⁶⁰, mestra da turma 2 do

⁶⁰ Título do Projeto de Conclusão Final: O COTIDIANO TRADUZIDO EM ARTE: POESIA, PINTURA E VIDEOPOEMAS NO ENSINO FUNDAMENTAL.

PROFLETRAS de Sinop, que utilizou poemas de poetas mato-grossenses para relatar cenas do cotidiano dos estudantes, cito alguns: “O Apanhador de Desperdícios”, de Manoel Barros; “Preguiça”, de Luciene Carvalho; “Dois maços de alface”, Lucinda Persona; um poema sem título de Aclyse de Mattos e outro também sem título de Marli Walker, além do poema “Cidadezinha Qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade, todos evidenciando cenas do cotidiano. Os poemas dos escritores mato-grossenses relatavam de modo geral cenas corriqueiras, com temáticas que todo mato-grossense conhece bem: calor, poeira, desmatamento, entre outras.

Portanto, mesmo sabendo que há muita dificuldade em oportunizar aos nossos estudantes o letramento literário em literatura mato-grossense, não podemos nos omitir de incentivar estudos do contexto regional por meio da lírica e da prosa em sala de aula. Obviamente que as aulas de língua portuguesa não podem ser todas destinadas apenas à literatura, mas a leitura literária deve ser uma prática cotidiana do estudante para ampliar sua visão de mundo e de si mesmo:

[...] ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que “lê” o leitor, de certo modo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar. (PETIT, 2009, p. 38)

A leitura literária pode e deve ser exercitada no contexto escolar, pois fora dele sabemos que depende de fatores que não temos poucas condições de interferir. Nesse sentido, nós professores de língua portuguesa temos a responsabilidade de incentivar a leitura literária em sala de aula, desta maneira podemos inspirar nossos estudantes a decifrarem sua própria experiência e se constituírem como leitores do texto e/ou livro literários.

4.2.7 Análise da atividade de criação

Nesse programa propiciamos duas opções para a atividade de criação⁶¹, o objetivo era de facilitar ao estudante a escolha que lhe agradaria mais. Apesar de ser uma turma que gosta de cantar em sala de aula, somente um grupo optou por escrever o hino, que no final ficou sendo uma música e não propriamente um novo hino como

⁶¹ Ver proposta na página 67 dessa dissertação.

na proposta. A outra opção, a escrita de um conto, foi quase unânime entre os estudantes. Oportunizamos as atividades para serem feitas em grupos. Imaginamos que ao estimular a escrita de um conto em grupo favoreceríamos a criação do enredo, com mais elementos, entendemos que a troca de ideias favorece o processo de criação/invenção.

Desta maneira, preferimos fornecer mais conceitos para iniciar a escrita do conto, tendo em vista que foi escolha quase unânime da sala. Dando sequência, usamos duas aulas para passar o filme *Eldorado, em busca da cidade de ouro*, disponível no endereço eletrônico <https://youtu.be/ek1hC90_NKI>. Após assistirem ao filme, fizemos uma contextualização para a escrita do conto. Cabe ressaltar que não precisamos trabalhar os elementos básicos de uma narrativa, nem o enredo do conto, pois a professora regente já havia trabalhado anteriormente, devido estar no planejamento anual da turma. Desse modo, combinamos que a temática seria baseada no mito eldorado. Assim, poupamos algumas aulas para fundamentar o gênero conto.

Estudantes expondo sua produção textual.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Seguindo os mesmos passos dados na atividade de criação do programa 1, a professora pesquisadora também elaborou um conto ilustrado como modelo que foi apresentado em formato *PowerPoint*. Os estudantes receberam positivamente o conto motivacional, sentiram-se mais autoconfiantes para começarem a escrita. A escolha dos grupos ficou a critério deles, não havendo nossa interferência. Para a primeira

produção foram necessárias 4 aulas, com uma semana de intervalo, de tal modo que tivemos a possibilidade de uma primeira leitura dos textos, sinalizando possíveis sugestões de melhoras.

Após os estudantes entregarem o primeiro esboço do texto, fizemos novamente a leitura e sugestões para a refacção do mesmo. No segundo momento, pedimos aos estudantes que fizessem as alterações já no texto que deveria ser digitado. Assim, propiciamos mais duas aulas para digitação do texto no laboratório de informática na escola. Porém, ao finalizar as aulas, alguns grupos ainda não haviam conseguido digitar todo o conto ficando para terminar em casa. Pensando em facilitar a comunicação entre professora pesquisadora e os estudantes criamos um grupo no *WhatsApp*, além de um e-mail coletivo.

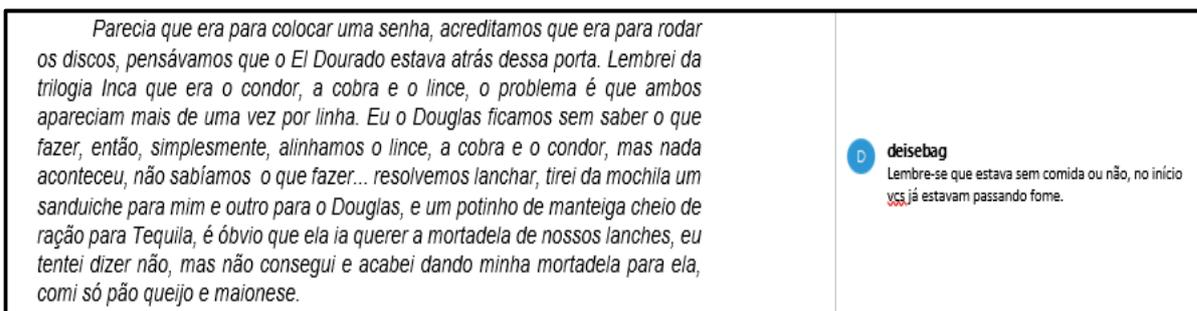
Estudantes digitando o conto no laboratório de informática.



. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora

A metodologia para correção foi a existente no programa de edição de texto *Word*: <revisão<controlar alterações>, assim, quando foi sugerido acrescentar uma vírgula, o estudante poderia aceitar ou não a alteração. Nesse sentido, a revisão no programa *Word* foi muito proveitosa para os estudantes, pois quando estavam lendo, conseguiam visualizar o que estava faltando, além de encontrarem alguns comentários sobre acrescentar/melhorar ideias.

Exemplo de correção do programa Word.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ressaltamos que, em se tratando de produção textual, a digitação dos textos facilitou a correção e intervenção da professora pesquisadora, o uso de tecnologias digitais também motivou os estudantes na refacção dos textos, pois não tiveram o trabalho de reescrever todo o texto, somente acrescentar ideias, trocar palavras repetidas por sinônimos, incluir os sinais de pontuação, algo que se fosse escrito manualmente exigiria maior dedicação de tempo e empenho por parte dos estudantes. Roxane Rojo na apresentação do livro *Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs* enfatiza que:

Vivemos a era das linguagens líquidas, a era do *networking*, ou relacionamento. [...] Falamos em mover o letramento para os multiletramentos. Em deixar de lado o olhar inocente e enxergar o aluno em sala de aula como o nativo digital que é: um construtor-colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas. (ROJO, 2013, p. 8)

Mediante essa atividade digitada, podemos depreender que a escrita do texto literário foi facilitada e motivada pelo acesso aos computadores, não queremos aqui desmerecer ou desestimular a refacção textual manual, entretanto, quando a escola tem um laboratório de informática disponível que permite a digitação dos textos, esse suporte pode ser utilizado e explorado pelo professor de língua portuguesa e/ou outras disciplinas. Vejamos dois contos produzidos⁶²:

⁶² Inserimos nos anexos dessa dissertação o livro com todos os contos produzidos pelos estudantes.

O tesouro misterioso

Certo dia, quando eu morava na chácara da minha família no interior de Mato Grosso, meus pais precisaram fazer uma viagem de última hora e não puderam me levar. Sozinho (claro que tinha o casal que ajudava na lida da roça) me sentia meio que abandonado, por isso resolvi explorar mais cuidadosamente o ambiente em que vivia. Assim, resolvi olhar o rio que existia no fundo da chácara, lembro que minha mãe nunca deixava chegar perto do rio, tinha medo que acontecesse algo ruim, quando, de repente, me deparei com dois estranhos objetos, uma espécie de lente e um tipo de cilindro.

Curioso, rapidamente voltei correndo para a casa, logo comecei a mexer nos estranhos objetos, localizei uma pequena fissura onde dava para colocar a lente, como já havia assistido a vários filmes sobre tesouros perdidos, imaginei que deveria iluminar aquilo com uma lanterna em uma das pontas. Assim fiz, no entanto, nada aconteceu, fiquei curioso e comecei a futricar no objeto, mirei com todos os tipos de lanterna.

Eu estava quase desistindo, quando lembrei de uma pequena lanterna de luz UV no meu chaveiro, ao iluminar o interior do misterioso objeto, imediatamente em seu outro lado saiu um mapa projetado pela luz.

Por ser curioso, organizei minhas coisas para ir explorar no dia seguinte, mas sabia que não poderia ir sozinho seria muito perigoso. Então convidei o meu melhor amigo, Douglas que tinha a mesma idade minha. Também levei minha cachorra Tequila (tinha esse nome devido aos nomes dos pais Caipirinha e Cachaça, é da raça Blue Heeler cinza).

No dia seguinte, acordei empolgado para expedição, meu amigo estava mais ainda, já estava me esperando no rio (mal sabia ele que só estava indo comigo para caso ocorresse um ataque de onça, ele ser comido primeiro... rsrs). Assim a Tequila, eu e o Douglas partimos para nossa exploração que imaginávamos encontrar o “El Dourado”, pois baseado em meus estudos, os símbolos eram claramente Incas, um dos povos que os colonizadores espanhóis mais conseguiram tirar ouro e prata.

Estávamos andando na mata há mais de três horas, a trilha íngreme e o calor insuportável fizeram bebermos toda água disponível, até que chegamos no X onde ficava apenas uma cachoeira. Ficamos olhando em volta e não vimos nada, quase

desistimos. Entretanto ao encher o cantil, avistei uma fenda atrás da cachoeira, fui correndo chamar Douglas e Tequila que estavam sempre dispostos.

Quando entramos na caverna fomos andando até o seu final, não era muito comprida. Lá tinha uma pedra bem estranha, percebi que tinha um tipo de fechadura, aparentemente era para colocar um cilindro, lembrei do que eu havia encontrado na chácara da minha família, então coloquei-o na pedra e girei. Assim que girei, abriu uma pequena fenda para colocar a lente que achei junto com o cilindro, retirei o cilindro, tirei a lente dele, inseri na fenda e devolvi o cilindro, mas nada aconteceu. Nervoso, girei novamente, só que com mais força, ouvi um grande estrondo, olhei para o fundo da caverna, uma escadaria apareceu. Resolvemos ir por aquele caminho, ao acabar os degraus nos deparamos com uma grande parede, com uma espécie de painel onde tinha alguns discos para rodar.

Parecia que era para colocar uma senha, acreditávamos que era para rodar os discos, pensávamos que o El Dourado estava atrás dessa porta. Lembrei da trilogia Inca que era o condor, a cobra e o lince, o problema é que ambos apareciam mais de uma vez por linha. Eu o Douglas ficamos sem saber o que fazer, então, simplesmente, alinhamos o lince, a cobra e o condor, mas nada aconteceu, não sabíamos o que fazer... resolvemos lanchar, tirei da mochila um sanduiche para mim e outro para o Douglas, e um potinho de manteiga cheio de ração para Tequila, é óbvio que ela ia querer a mortadela de nossos lanches, eu tentei dizer não, mas não consegui e acabei dando minha mortadela para ela, comi só pão queijo e maionese.

Depois de descansados e saciados, retornamos ao enigma da porta. Douglas teve uma ideia, lembrou que os Incas acreditavam que existiam três reinos: o mundo dos mortos representado pela cobra; o mundo dos homens representado pelo lince e o mundo dos céus representado pelo condor. Em mais uma tentativa, alinhei o condor no disco maior, o lince no disco médio e a cobra no disco pequeno, assim que terminei de alinhar foi como mágica, a porta se abriu nos revelando uma das mais belas cenas de toda minha vida, uma caverna descomunal, era tão grande que caberia uma cidade do tamanho de Sorriso dentro dela, tinha uma imensa floresta com ipês de todas as cores e inúmeras árvores de diversos tipos de frutas, bem no meio havia um templo e uma vila, entorno dele tudo feito de ouro, nas paredes das cavernas brotavam cachoeiras, seu teto era feito de cristais que brilhavam como o sol.

Descemos por outra escadaria, enquanto descíamos, parei o Douglas porque percebi que a Tequila estava com muito medo, estranhei, pois nunca vi algo que desse

medo nela, nem onça ou jacaré. Pedi para ele ir mais devagar, vi que já era quase meio dia. Lembrei que os meus pais iam chegar no dia seguinte à tarde, estávamos no meio das férias de julho, não tínhamos preocupações até então.

Chegamos lá embaixo, seguimos em direção do templo que estava no meio da caverna, mas na metade do caminho já estávamos com fome novamente, pedi para meu amigo para pegar algumas frutas enquanto eu tentava fazer uma fogueira, mandei a Tequila ir caçar, muitos diriam que estava louco, porém, pouco tempo depois, voltou com duas cotovias na boca, pois adora caçar. Enfim, o Douglas chegou com as frutas, para isso confio 100% nele, pois ano passado participou dos escoteiros e a primeira aula foi sobre frutas, é a única que não vou esquecer, ele se gaba por ter sido o melhor do grupo em encontrar frutas.

Nós comemos as frutas, enquanto os pássaros assavam na fogueira, já tinha depenado, tirado as vísceras, o resto, o fogo resolve. Terminamos de comer, enterramos os restos, não queríamos nenhum predador na nossa cola, andamos por um bom tempo até que chegamos bem perto do templo. No mesmo instante, começamos a escutar sons de pessoas, ao chegarmos lá, para nossa surpresa tudo era povoado, era um lugar autossustentável, com suas plantações, fontes de água, assim que fomos avistados ficou um silêncio absoluto, ninguém nem se mexia, até que dois guardas chegaram e nos conduziram ao templo. No caminho, estranhei que não só falavam nossa língua, mas vestiam roupas “normais” como o povo de cima.

Por onde passávamos as pessoas ficavam olhando, ao chegarmos ao templo, o imperador deles começou a nos fazer um monte de perguntas: de onde viemos? Como chegamos? Estávamos sozinhos? Assim que terminei de contar tudo que passamos, foi minha vez de perguntar para ele: como eles vieram parar naquele lugar. O imperador nos contou a história de sua civilização.

Os incas prosperavam antes das chegadas dos colonizadores espanhóis. Quando eles chegaram, começaram a levar todo ouro, seu povo acabou se dividindo em diversos conjuntos de cavernas, espalhados pela América do sul inteira, dentro dessas cavernas desenvolveram produções agrícolas e pecuárias, os cristais forneciam luz para eles, viviam felizes e se outras pessoas descobrissem sobre eles matariam todo o povo para roubar suas riquezas.

Nós entendemos, prometemos guardar seu segredo (nos matariam se não os guardasse), pedimos se podíamos ficar lá até o outro dia cedo, ele deixou. Então, nos apresentamos formalmente, disse que meu nome era Irineu e o do meu amigo era

Douglas, pedimos se poderíamos explorar o reino com a companhia de um guarda para não nos perdermos, o imperador consentiu e mandou um de seus guardas conosco. Saímos e nos impressionávamos ao passar nas ruas e ver as paredes de ouro, olhamos as plantações, rebanhos e as cachoeiras, sempre conversando com as pessoas que eram simpáticas com a gente.

De repente, os cristais começaram a escurecer, nós ficamos fascinados, tinha sido o melhor dia de nossas vidas, percebemos que já estava a noite, voltamos ao templo, e o imperador nos mostrou o quarto de hóspedes, o que é estranho, pois tenho certeza que ele recebe muitas visitas, vai saber né. Colocamos nossas coisas no quarto que tinha uma suave iluminação a vela e fomos jantar com o rei, sentamos a mesa, a Tequila do meu lado com os cachorros do imperador. Assim que terminamos de jantar, perguntei ao imperador o que faríamos com a chave depois de ir, ele disse que assim que saíssemos era para fechar todas as portas e destruir as chaves. Ainda enfatizou que mesmo que tenhamos gostado, tínhamos que destruir de qualquer jeito e nunca contar a ninguém. Mesmo com tristeza no coração, concordamos.

No dia seguinte, fomos embora depois de nos despedir de todos, subimos as escadas, mexemos nos discos e a porta se fechou. Ao chegarmos mais acima, retiramos o cilindro e a lente, o que fechou a outra porta. Voltamos para casa, deixamos as coisas e fomos para o rio, lá peguei uma pedra grande e destruí completamente o cilindro, concordamos que nunca falaríamos disso para ninguém. Douglas foi para casa dele e eu fui para a minha. Cheguei, tomei um banho e vi que tinha muita louça para lavar até meus pais chegarem.

Autores: Luis Felipe P. Ramos e Antony M. A. Bueno

A minha história

Minha história teve início quando eu tinha 17 anos. Era no ano 2000, morava em Sinop/Mato Grosso. Meu nome é Caitlyn, sempre amei aventuras, explorar cavernas e conhecer novos lugares. Até que um dia, quando estava voltando de uma floresta, ouvi boatos de dois moradores da região sobre uma floresta amaldiçoada, com muitos tesouros que um pirata havia escondido, como não acreditei de primeira, vi que era apenas um mito, fui caminhando para casa.

Após chegar, parei para pensar sobre esse mito, e se fosse real? E se alguém já tentou procurar? Decidi sair em busca dos dois moradores que tinha visto mais cedo. Encontrei-os na frente de uma casa, não resisti e perguntei:

– Desculpe incomodá-los nessa hora, como é o nome de vocês senhores?

– Eu me chamo Felipe e esse é meu irmão, Junior. O que você quer a essas horas senhorita?

– Eu ouvi os senhores falando sobre um tesouro perdido ao norte da cidade, gostaria de saber um pouco mais sobre esse assunto.

–Tudo bem senhorita, entre, está frio aqui fora, tenho muito o que falar para você.

– Muito obrigada por sua generosidade.

– Quando éramos crianças, eu e o Junior gostávamos de explorar lugares diferentes com nosso avô. Num certo dia, ele nos deixou um mapa e saiu para nunca mais retornar. Esperamos ele por muito tempo, acreditávamos que um dia voltaria. Agora já estamos velhos e só podemos lamentar.

– Muito triste saber isso dos senhores, meus pêsames.

–Tudo bem, a gente já se acostumou, mas vamos a história do tesouro. Meu avô dizia que o tesouro era bem protegido por armadilhas e insetos muitos contagiosos, se você quiser ir lá, é melhor tomar muito cuidado o local onde pode ser que esteja o tesouro escondido é passando pelo cemitério, seguindo o norte, você vai ver a floresta logo à frente. Já que você gosta muito de exploração, te darei o mapa do meu avô, quero que você cuide dele como se fosse sua vida.

– Cuidarei sim, disse eu. Muito obrigada por tudo, se eu voltar viva de lá, trarei um presente para vocês.

Assim me despedi deles, segui caminho de casa para arrumar minhas coisas e ir atrás desse misterioso tesouro. Peguei cordas, minha Katana, uma espada antiga Japonesa caso tivesse algo perigoso além de insetos. Peguei bastante água, comida, um mini fogão para fazer alguma coisa a mais, além da minha barraca e meu colchão de ar. Enfim, tudo que um explorador precisa, entretanto lembrei que mesmo sendo experiente em explorações, não conhecia muito espécies de insetos venenosos.

Então, recordei-me de um amigo que conhecia insetos melhor que qualquer um, seu nome era Thomas, nos conhecíamos desde nossa infância, ele já havia morado em frente da minha casa. Sem pensar duas vezes, fui chamá-lo para irmos juntos. Mesmo explicando tudo a ele, Thomas achou que eu estava louca, mas

concordou em ir comigo. Arrumou as coisas dele e partimos logo cedo, pois o “suposto lugar” onde estava o tesouro era localizado há uns 25 quilômetros dentro da floresta. Pegamos o meu jipe, seguimos caminho até o cemitério para entrar na floresta e seguir a pé.

– Pelos meus cálculos, vamos levar muito tempo, se a gente não morrer antes, né Thomas!?!

–Talvez, disse Thomas.

Eu estava bem assustada, nunca tinha feito esse tipo de exploração tão perigosa na minha vida e pelo o que soube, muitos exploradores, até de outros países, vieram a procura desse tesouro e nunca mais voltaram.

Entramos na floresta, eu estava sempre de olho no mapa, aquilo estava muito estranho porque tinha um sol e uma lua desenhados no mapa, uns bichos meio estranhos, metade peixe e humano, algo sem sentido. Após aquela floresta, no mapa havia um tipo de rio bem extenso. Passamos o dia caminhando, estávamos exaustos, fui montando minha barraca, pois estava quase anoitecendo. Peguei um lanche que havia feito para mim e o Thomas, comemos e fomos dormir.

Mesmo cansada, não estava conseguindo dormir. Acabei me levantando e fui caminhar um pouco, peguei meu mapa e uma lanterna porque estava um breu, não dava para ver nada, fui seguindo o mapa que dava direto no rio ou lago que tinha a imagem de um peixe e um humano, estava tão concentrada que nem olhava para o chão, acabei caindo num buraco e bati a cabeça. Devo ter ficado inconsciente por alguns minutos, quando acordei, vi que estava em uma espécie de caverna subterrânea, havia um lago com uma água bem clara e cristalina, fui iluminando e percebi um símbolo de um tridente no meio do lago, parecia ser feito de diamante.

Ainda estava meio tonta, de repente, senti que alguém tinha me empurrado para debaixo da água, pensei que era o meu fim, senti as últimas batidas do meu coração quando um bicho com cauda e corpo humano tocou em mim e eu consegui respirar novamente. Eu estava muito assustada, de começo pensei que tinha batido forte demais a cabeça, mas depois vi que era real.

Fiquei imaginando se era o Aquaman, aquele super-herói da liga da justiça, ou uma sereia, ou tritão, não como um humano com nadadeiras. Estava muito desesperada, o bicho me levou para fora e falou que o nome dele era Marlim e que era o guardião da caverna. Eu, achando que estava louca, mas não, aquilo era real demais, não parecia ser loucura minha. Ele disse que guardava o tesouro há séculos,

antes mesmo de terem construído aquela cidade. Também contou que um tal de pirata cujo nome era Lith, o infernal, deixou o tesouro lá e se matou, colocando uma maldição em quem o tocasse, pois estaria destinado a ficar preso naquela caverna para sempre. E estou aqui há mais de anos, me arrependo muito de ter vindo para esse lugar terrível, disse Marlim.

Parei para pensar, ele parecia ser o avô de Junior e Felipe, perguntei-lhe se era o avô deles. Infelizmente o que pensei estava certo, ele era mesmo o avô deles, mas estava mais jovem, parecia ter minha idade.

Ele me disse que a água era sagrada e fazia com que as pessoas não envelhecessem, disse também que foi um erro ter ido para aquele lugar onde estava o tesouro, só por ambição.

Antes de partir, Marlim me deu uma carta falando tudo o que ocorreu com ele e me pediu para que eu entregasse aos seus netos. Se despediu com um simples “Adeus” e “Obrigado”.

Eu acordei na barraca, toda suada, estava com uma carta na mão, porém o mapa tinha sumido. Chamei o Thomas, disse que devíamos sair dali urgente.

– Por que você quer ir assim do nada Caitlyn? Disse Thomas.

– Porque tenho uma tarefa a fazer, eu disse.

Então fomos à procura de Junior e Felipe, entreguei-lhes a carta, como se estivesse dando um presente muito valioso.

Fui caminhando para casa, pensando em tudo o que tinha acontecido, parecia que não passava de um sonho estranho. Aqui termina minha história, onde nós, seres humanos, temos muito o que descobrir.

Autora: Maysa Alves dos Santos

Pelos contos exemplificados, percebemos que os estudantes-autores têm leituras sobre outros textos/livros que abordam a temática, além de provavelmente assistirem a filmes, devido a representarem bem o ambiente proposto: uma floresta. Houve também cenas verossímeis e outras imagéticas ficcionais que levam o leitor a se inserir na história a partir das descrições fornecidas no texto. Certamente que os textos tiveram algumas refacções, mas se tratando de estudantes do 9º ano percebemos que os contos produzidos respeitaram a estrutura, os elementos da narrativa, a mistura entre realidade e fantasia, mistério e aventura, ótimos ingredientes para prender a atenção do leitor.

Foto dos livros de contos entregue aos estudantes.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nessa atividade de criação do segundo programa, os estudantes em grupos produziram sete contos que foram impressos em formato de livro⁶³, o qual foi entregue uma cópia para cada estudante como lembrança. Além da produção dos contos, tivemos um grupo de estudantes que optou por fazer um videoclipe com uma música homenageando o estado de Mato Grosso, entretanto, esse vídeo não foi disponibilizado em endereço eletrônico devido à objeção de uma das estudantes participantes, por respeitarmos o direito de autoria da estudante, não divulgamos no meio digital a produção. Enfatizamos que, por necessitar do uso de computadores para a utilização do programa de edição de texto (*Word*) e de edição de vídeo (*Movie Maker*), essa atividade necessitou de mais tempo e dedicação dos estudantes, conseqüentemente também da professora pesquisadora. Sabemos que no dia a dia de sala de aula não é muito fácil para o professor dispor de tempo para promover a digitalização de textos ou produção de vídeos, mas entendemos que é possível trabalhar a refacção de modo convencional, manuscrito, em que o estudante refaz o texto adequando-o às observações feitas pelo professor.

⁶³ Devido a contratempos na edição final do livro, fez-se um livro em formato A5 com espiral, pois estávamos em novembro e as gráficas não estavam aceitando mais pedidos para o final do ano.

Com a aplicação dos dois programas de leitura do texto literário analisamos que a leitura e a escrita literária estão interligadas, não sendo uma mais ou menos importante que a outra, reforçamos que a identificação do professor com o texto literário também é necessária para mediar a leitura. Rouxel (2013b, p. 29) enfatiza que o professor “é um sujeito leitor que tem sua própria leitura do texto. É também um profissional que precisa vislumbrar, em função de diferentes parâmetros (idade dos estudantes, expectativas institucionais), que a leitura poderá ser elaborada na aula”. Do mesmo modo, compreendemos que a escrita literária também necessita de muita leitura e conhecimento de mundo, pois “mesmo que a leitura não faça de nós escritores, ela pode, por um mecanismo parecido, nos tornar mais aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a sermos mais autores de nossas vidas” (PETIT, 2009, p. 36). Obviamente que a orientação do professor também é fundamental para o estudante ter êxito na escrita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início essas considerações retomando a epígrafe assinada por Luciene Carvalho: “Almas são flores que encontro no caminho que é a vida, cada flor com sua cor e aroma que me encanta os sentidos [...]”. Esta pesquisa-ação proporcionou um encontro de flores tão diferentes, tanto na cor quanto no aroma, mas que estavam juntas no mesmo jardim e puderam prestigiar um pouquinho da literatura produzida no nosso estado. Deste modo, com o propósito de iniciar uma construção literária de sentidos com textos de autores mato-grossenses, plantamos sementes que cresceram e deram frutos durante alguns meses no ano letivo de 2017. Somos cientes das dificuldades enfrentadas pelos professores no que diz respeito à leitura literária, ainda mais em se tratando de escritores regionais com suas obras desconhecidas para grande parte dos professores das escolas públicas do estado. No entanto, a escola não pode deixar de incentivá-la, pois a leitura literária é um meio de auxiliar nosso estudante a sentir o que o outro sente, a reconhecer fatos que parecem tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos do seu contexto sócio-cultural, mudando sua forma de ler e ver a realidade que o cerca.

Após concluída a etapa de elaboração dos dois programas, partimos para a aplicação em sala de aula. Nesse sentido, assimilamos que, em se tratando de uma pesquisa-ação e o produto final o material didático, foi necessário durante a aplicação coletarmos as dúvidas e/ou sugestões dos estudantes. Um exemplo disso foi o acréscimo da questão do “tempo do onça”, além de outras questões que sofreram mudanças ou acréscimos de informações solicitadas pelos estudantes durante a aplicação dos programas de leitura do texto literário.

Algumas constatações ficaram evidentes, principalmente no que tange à falta de um posicionamento mais crítico dos estudantes e dificuldade em expressar seus pensamentos. Somos cientes que no 9º ano os estudantes ainda estão formando sua personalidade e tudo é um processo, mas faz parte dos objetivos da apropriação literária de sentidos levá-los a perceber que são seres sociais e que a linguagem é fundamental para nossa existência, para isso precisamos exercitá-la. Cosson (2012, p 16) profere que “nosso corpo linguagem é feito das palavras com que o exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem, e, por extensão, maior

é o meu mundo”. Assim, exercitando nosso corpo linguagem podemos ampliar nossa visão de mundo e permitir que a literatura nos humanize.

Compreendemos que letramento literário é um processo que se constrói durante a vida escolar, muitas vezes pode iniciar no meio familiar e continua mesmo após o término dos estudos. A construção das duas propostas de leitura literário de textos mato-grossenses possibilitou uma iniciação a textos da literatura produzida no estado, bem como auxiliou o despertar do gosto pela escrita literária. Assim, o estudante, ao se sentir inserido nesse contexto como prática escolar, acabou percebendo a força dos textos regionais, dando importância à aprendizagem significativa.

Por fim, ressaltamos que a escolha por desenvolver o projeto com textos produzidos em Mato Grosso foi muito profícua, conforme constatamos nas respostas e produções dos estudantes. Obviamente que, reforçamos a importância do professor, como agente mediador/orientador, para a apropriação da literatura enquanto construção de sentidos. Com isso, damos a oportunidade aos estudantes para perceberem que “a boa literatura é sempre uma janela aberta para o mundo. Por meio dela, a vida pode ser observada, usufruída, compreendida, questionada e, em certa medida, vivida” (BRAIT, 2015, p. 133). Como uma boa literatura, a literatura produzida em Mato Grosso pode propiciar aos nossos estudantes o prazer dessa janela que vislumbra o seu mundo e o mundo dos outros.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. 1 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais / Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CARVALHO, Carlos Gomes de. **Panorama da Literatura e da cultura em Mato Grosso**. Cuiabá: Verdepantanal, 2004.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CEIA, Carlos. **O que é ser professor de literatura?** Lisboa: Colibri, 2002.

COCCO, Marta Helena. **O ensino da literatura produzida em Mato Grosso: regionalismo e identidades**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2006.

_____, Marta Helena. O lugar da literatura regional no ensino. *In: Revista Ecos*, Ed. 008, dezembro 2009, p. 55-60. Disponível em: <<http://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/953/959>>. Acesso em: 10 agosto de 2016.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CUSTÓDIO, Marinaldo. **Viagens inventadas: crônicas e quase contos**. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2010.

FIDELIS, Ana Claudia Silva. Da possibilidade de letramento literário: análise de práticas de leitura e de produção textual. *In: Revista Textura*, n.35, set./dez.2015. (p.108-120)

FILHO, Virgílio Corrêa. Influência de Mato Grosso na Literatura Brasileira. *In: CARVALHO, Carlos Gomes de. Panorama da Literatura e da Cultura em Mato Grosso*. Cuiabá: Verdepantanal, 2004.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização**. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2012.

GERVAIS, Bertrand. Três personagens em busca de leitores: uma fábula. *In: Leitura subjetiva e ensino da literatura*. Org. ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. São Paulo: Alameda, 2013. Tradução: Leonaldo Batista dos Santos.

HOUDART-MÉROT, Violaine. Da crítica de admiração à leitura "Scriptível". *In: Leitura subjetiva e ensino da literatura*. Org. ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. São Paulo: Alameda, 2013. Tradução: Leonaldo Batista dos Santos.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, 1 v.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. De Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, 2007. (p. 1-25)

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. *In: Leitura subjetiva e ensino da literatura*. Org. ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. São Paulo: Alameda, 2013. Tradução: Leonaldo Batista dos Santos. (p. 25-38)

LEBRUN, Marlène. A emergência e o choque das subjetividades de leitores do maternal ao ensino médio graças ao espaço interpretativo aberto pelos comitês de leitura. Trad. Gabriela Rodella de Oliveira. *In: Leitura subjetiva e ensino da literatura*. Org. ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. São Paulo: Alameda, 2013. Tradução: Leonaldo Batista dos Santos.

LEITE, Mário Cezar Silva. **Literatura, vanguardas e identidades**: nas brenhas do regionalismo. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, Cathedral Publicações, 2015.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da Literatura de Mato Grosso**: Século XX. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares**: Área de Linguagens: Educação Básica. Cuiabá: Gráfica Print, 2012.

MAZURIC, Catherine. *Les moi volatils des guerres perdues*, a leitura, construção ou desconstrução do sujeito? Trad. Marcello Bulgarelli. *In: Leitura subjetiva e ensino da literatura*. Org. ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. São Paulo: Alameda, 2013. Tradução: Leonaldo Batista dos Santos.

OSAKABE, Haquira. Poesia e indiferença. *In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANE, Z. (orgs). Leitura literária: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. (p. 37-54)

PAULINO, Graça. **Das leituras ao letramento literário 1979-1999**. Belo Horizonte: Fae/UfMG; Pelotas: UFPel, 2010.

_____, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T.M.K. (orgs). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. (p. 61-79)

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura. *In: Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (p. 345-351)

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2 ed. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia em sala de aula**. 3 ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

RANGEL, Egon de Oliveira. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: “Os Amores Difíceis”. *In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs). Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces — O jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (p. 127-145)

REZENDE, Neide Luzia de. Apresentação ao leitor brasileiro. *In: Leitura subjetiva e ensino da literatura*. Org. ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. São Paulo: Alameda, 2013. Tradução: Leonaldo Batista dos Santos.

ROJO, Roxane Helena R. Protótipos didáticos para os multiletramentos (Apresentação). *In: _____, Roxane Helena R.; MOURA, Eduardo. (orgs). Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. (p. 7-10)

_____, (org.). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013 (estratégias de ensino 40).

ROUXEL, Annie. Apropriação singular das obras e cultura literária. Trad. Amaury C. Moraes. *In: Leitura subjetiva e ensino da literatura*. Org. ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. São Paulo: Alameda, 2013a. Tradução: Leonaldo Batista dos Santos. (p. 165-189)

_____, Annie. O advento dos leitores reais. Trad. Rita Jover-Faleiros. *In: Leitura subjetiva e ensino da literatura*. Org. ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. São Paulo: Alameda, 2013a. Tradução: Leonaldo Batista dos Santos. (p. 191-208)

_____, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. *In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita; organizadoras. Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013b. (p. 18-33)

_____, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Trad. Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. *In: Cadernos de pesquisa*, v.42, n.145, p.272-283, jan./abr, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/15.pdf>>. Acesso em: 16 outubro 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. *In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T.M.K. (orgs). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. (p. 187-204)

SILVA, Danielle Amanda Raimundo; FRITZEN, Celdon. Ensino de literatura e livro didático: uma abordagem a partir das pesquisas na pós-graduação brasileira. *In: Revista Contrapontos*, V. 12, N. 3, 2012. p. 270-278. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2236/2377>>. Acesso em: 10 agosto 2016.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In: EVANGELISTA, A.A.M.; BRANDÃO, H.M. B.; MACHADO, M.Z.V. (orgs.). A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para sala de aula. *In: Acervo digital da Unesp*. 2011. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>. Acesso em: 14 abril 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. *In: _____, Regina; RÖSING, Tania M.K. (orgs). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. (p. 17-39)

_____, Regina; RÖSING, Tania M. K. Apresentação: Leitura na escola – Parte II: a missão. *In*: _____, Regina; RÖSING, Tania M.K. (orgs). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. (p. 9-15)

APÊNDICE

LITERATURA: PRAZER E CONHECIMENTO

Apêndice A: Programa 01

Tema: *Namoros: à moda antiga e atual*

Duração: 6 aulas (mínimo)

Público-alvo: estudantes do ensino fundamental II (8º e 9º anos)

Ao final deste programa, esperamos que os estudantes tenham produzido conhecimentos sobre o tema e desenvolvido estas habilidades/capacidades:

- Relacionar informações representadas de diferentes formas e advindas do repertório de leituras de cada um, para construir opiniões e conhecimentos.
- Reconhecer os procedimentos de construção do texto literário.
- Comparar variações de produção discursiva sobre um mesmo tema em diferentes momentos históricos.
- Utilizar os conhecimentos sobre a construção do texto literário para atribuir-lhe sentidos e identificar a relação semântica entre palavras de diferentes classes gramaticais e o tema de um texto.
- Identificar em um texto literário as relações entre tema, estilo e contexto histórico de produção.
- Comparar interpretações de um mesmo fato em diferentes textos.
- Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação de textos.
- Relacionar informações sobre os sistemas de comunicação e informação, considerando sua função social e a evolução tecnológica.

Atividade de motivação: (1 aula)

Apresentar um vídeo (sugestão: <<https://youtu.be/Vex88wcj9dk>>) no projetor de multimídia. Em seguida, fazer um bate-papo informal sobre o vídeo (sugerimos algumas questões): o que pensam, concordam com o autor, são conselhos bons? O que eles entendem por amor? Como podemos demonstrar nosso amor? Quem ama fica bobo? Existe amor pela internet? Como era a comunicação entre os pais e mães de vocês quando namoravam? Eles já contaram histórias sobre isso? E os avós, se comunicavam de outra forma? Com o auxílio da internet e celular, namorar ficou mais “fácil”?; Você conhece alguém que já namorou pela internet?; Os pais/mães ainda interferem nos relacionamentos? (Professor/a, na atividade de motivação não precisa ser obrigatoriamente a apresentação de um vídeo, pode ser uma música, um conto, uma crônica, um texto multimodal, enfim, algo que incentive o diálogo em sala de aula)

Atividade de produção de leitura dos textos literários: (1 aula)

TEXTO 01:

A namorada (Manoel de Barros)

Havia um muro alto entre nossas casas.

Difícil de mandar recado para ela.

Não havia e-mail.

O pai era uma onça.

A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por
um cordão

E pinchava a pedra no quintal da casa dela.

Se a namorada respondesse pela mesma pedra

Era uma glória!

Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da goiabeira

E então era agonia.

No tempo do onça era assim.

(Fonte: BARROS, Manoel. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2001)

Registro livre das primeiras impressões:

Assinale o(s) emoticon(s) correspondentes ao que você sentiu ao ler o texto. Depois tente traduzir essa sensação pela escrita.



Nesse item, buscamos privilegiar os pressupostos teóricos da Leitura Subjetiva ou ainda Cursiva (ROUXEL, 2013a) em que o leitor/estudante tem liberdade de expressar seus sentimentos. Esse registro faz parte da interpretação global do texto, considera-se sua leitura individual, particular, autônoma, pois cada leitor/estudante faz sua leitura subjetiva do texto.

Produção de leitura:

Nesse item privilegiamos a Leitura Analítica (ROUXEL, 2012), pois consideramos importante que haja questões que ajudem o/a estudante a compreender o texto, interpretá-lo e refletir sobre o tema.

1. O poema nos oferece informações sobre como o eu lírico se comunicava com a “suposta” namorada. E também informa que isso acontecia antigamente.

(Sugestão de resposta: pelo texto percebe-se que o eu lírico não tinha disponível celular e/ou *smartphones*, a comunicação era feita por meio de bilhetes, não havia se quer e-mail. A expressão “no tempo do onça” popularmente significa “há muito tempo atrás”).

2. Que expressões do texto confirmam se tratar de algo passado. De que modo as pessoas se comunicam para namorar atualmente?

(Sugestão de resposta: bilhete, não havia e-mail, amarrava o bilhete numa pedra e pinchava a pedra no quintal da casa dela, atualmente podem se comunicar via *WhatsApp*, internet, redes sociais, telefone fixo e celular)

3. “O pai era uma onça”, nessa afirmação, o que podemos entender por “era uma onça”? Quais eram as dificuldades de comunicação narradas pelo eu-lírico?

(Sugestão de resposta: era uma onça significava que ele era muito bravo, uma pessoa difícil de dialogar. Devido a isso, o eu lírico não conseguia conversar com a suposta namorada, pois não era permitido o diálogo entre eles)

4. O que a palavra “glória” representa para o eu lírico? E a palavra “agonia”?

(Sugestão de resposta: glória: satisfação por ter conseguido entregar sua mensagem, agonia: medo de ser repreendido pelo pai)

5. Você sabe o que significa a expressão “no tempo do onça”? Dizem que tem origem no séc. 18, no Rio de Janeiro. Pesquise na internet, descubra e depois escreva aqui:

(Sugestão de resposta: “no tempo do onça” significa *há muito tempo atrás*, vem do apelido dado pelo povo a Luís Vahia Monteiro, que foi governador e capitão-geral do Rio de Janeiro. Ranzinza e genioso, era dada à freqüentes acessos de fúria. Afinal, enlouqueceu no cargo, tornando-se até violento. Por essa razão foi apelidado “o Onça”. E a expressão se justifica no sentido de muito antigamente, pois ele governou de 1724 a 1732.

Disponível em: <<http://historiadoriso.com.br/category/ditados-gurias/page/9>>. Acesso em: 23 novembro 2017)

6. Pelas informações/pistas oferecidas pelo texto, é possível afirmar que os dois namoravam? Comprove:

(Sugestão de resposta: Sim, pois a expressão “Se a namorada respondesse pela mesma pedra Era uma glória!” evidencia isso.

7. Agora, imagine que você fosse o pai da menina, narre o texto colocando o ponto de vista do pai.

Resposta pessoal, a sugestão é que os estudantes façam o texto em formato de poema, entretanto fica a critério do professor/a.

8. Imagine que a suposta “namorada” seja você e descreva o acontecimento narrado no poema do seu ponto de vista. Você pode modificar livremente o texto.

Resposta pessoal, a sugestão é que os estudantes façam o texto em formato de poema, entretanto fica a critério do professor/a.

Sugestão de atividade extraclasse:

Faça uma pesquisa de opinião com seu pai ou mãe, avô ou avó, sobre como namoravam antigamente, e como eles veem a diferença entre os namoros antigos e atuais. Anote os dados e escreva um texto como se estivesse escrevendo uma matéria para um blog da internet. Use sua criatividade para abordar o tema da forma que achar melhor.

Resposta pessoal.

TEXTO 02 (2 aulas)

“**Amorchegando.com**” de Marinaldo Custódio⁶⁴

⁶⁴ Marinaldo Custódio é escritor e pratica muitas outras lides envolvendo as letras.

Ouço, num CD, música do Amado Batista falando de homem maduro que coloca página na internet à procura de uma gatinha, uma ninfeta para namorar.

E claro que para isso ele usa a internet, que é o modo de gente moderna e antenada procurar o amor. Foi-se o tempo das velhas cartinhas perfumadas com marcas de beijos e desenhos de flores, do pombo-correio, do recadinho pela prima ou pela colega de classe da escola. Não que essas formas de abordagem amorosa tenham deixado absolutamente de valer, pois como diz o compositor caipira, enquanto o mundo for mundo, e tiver perfume a flor, há de existir a viola e o cantador, e aqueles que fazem (e ouvem), embevecidos, as mais singelas declarações de amor! Mas que o *must* agora é a comunicação virtual, não há dúvida, e ainda mais para um cinquentão à procura de garotas!

“Carta já era! Não sou ultrapassado, ora essa!” – confabula ele consigo próprio encolhendo a barriga e fazendo pose diante do espelho, perfeitamente ridículo. Mas se Fernando Pessoa disse que todas as cartas de amor são ridículas, como são ridículos os que as escrevem, por que haveria de ser diferente com quem as manda pelo computador?

Dia desses, encontro num café do centro da capital, o Júlio lá de Quatro Marcos, o Julião velho de guerra, e, conversa vai conversa vem, ele me diz que está descasado, mas namorando alguém de longe e que, “amanhã ou depois”, vai seguir viagem para ver a amada, a sua nova esposa para breve, como me assegura.

— A cidade lá é bem pequena, sem interesse, pouco movimento e onde corre pouco dinheiro – disse ele.

— Mas se é assim, como é que você arrumou namorada nesse lugar? Tem parentes ou amigos por lá?

— Tenho nada, cara, arranjei pela internet.

— Pela internet?

— Desde que me separei, passei a procurar mulheres também na internet, conheci um monte de gente fui me encontrar pessoalmente com três que comecei a namorar quase ao mesmo tempo.

— E essa é uma das três?

— Sim, é a terceira e eu a escolhi por ser a mais simples. Ela é professora, mora com os pais. Uma das outras mora sozinha numa capital, é advogada, mas tava querendo me controlar, mandar em mim. Dei o fora nela e na outra também, que nem era tão bonita como eu pensava, e fiquei apenas com a professora. Hoje só uso a internet pra namorar com ela.



Quem também passou a usar a internet pra namorar foi a minha amiga Érica, mas, se passou a fazê-lo só de uns anos para cá, a exemplo do Júlio, não foi pelos mesmos motivos dele. O Júlio, como dissemos, era casado, além do mais, isto de rede mundial de computadores é coisa relativamente recente para ele. Para ela, não: universitária que se tornou assessora parlamentar em meados da década de 90. Érica esteve desde sempre entre os brasileiros virtuais.

— Então, por que você foi procurar namorado na internet, se é jovem, bonita, tem bom emprego, carro e tudo mais? – perguntei-lhe enquanto saboreávamos um suco de laranja com acerola que ela pagou, numa dessas lanchonetes avarandadas de Cuiabá, olhando o voo leve de um bando de andorinhas no céu infinitamente azul de maio.

— Bem, primeiro sou jovem, vírgula... Tenho 30 anos, e você acha que tá fácil para uma mulher como eu arranjar namorado, hoje em dia?

— Bem, bem, não fui mulher, não sei, mas tenho ouvido falar dessas dificuldades...

— Depois de muito resistir, e diante das evidências, resolvi tentar. Deu certo, tanto que já estou no terceiro que arrumei através da internet. Hoje até acho difícil ter de encontrar alguém no mundo “real”... Acho que me acostumei com a rede, é muito mais prático, a gente tem mil opções.

Repeti pra Érica o que sempre disse pela vida afora: não aposto em namoros virtuais e ponto. Mas, a bem da verdade, devo confessar uma coisa: também eu às vezes tenho lá as minhas fraquezas e por um momento quase chego a acreditar na força da net para entrar na intimidade de outras pessoas mais do que consigo ao vivo. Às vezes conheço alguém, o papo pessoal não decola mas pela internet a coisa flui

melhor. Igual a personagem de Machado que tivera aquela famosa conversa com uma certa Conceição em noite de Natal, tive agora há pouco uma conversação, digamos assim, que nunca poderei entender... Assim: instigante, sedutora, cheia de nuances e sugestões. Começando às dez da noite e entrando pela madrugada. Ao final, computador desligado, fiquei pensando no que a distância e o nosso mar de carências não é capaz de fazer: sim, um homem pode, de repente, se ver a rodar e a rodopiar em frente ao espelho confabulando consigo próprio, encolhendo a barriga e fazendo pose, perfeitamente ridículo!

Não permita Deus que eu morra tendo de passar por semelhantes vexames. Não me permita a carta desatinada, a confissão vergonhosa em público, o e-mail açucarado e outros males de amor assim perfeitamente ridículos.

(Fonte: CUSTÓDIO, Marinaldo. **Viagens inventadas**: crônicas e quase contos. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2010.)

Registro livre das primeiras impressões:

Assinale o(s) emoticon(s) correspondente(s) ao que você sentiu ao ler o texto. Depois tente traduzir essa sensação pela escrita.



Nesse item, buscamos privilegiar os pressupostos teóricos da *Leitura Subjetiva* ou ainda *Cursiva* (ROUXEL, 2013a) em que o leitor/estudante tem liberdade de expressar seus sentimentos. Esse registro faz parte da interpretação global do texto, considera-se sua leitura individual, particular, autônoma, pois cada leitor/estudante faz sua leitura subjetiva do texto.

Produção de leitura:

Nesse item privilegiamos a *Leitura Analítica* (ROUXEL, 2012), pois consideramos importante que haja questões que ajudem o/a estudante a compreender o texto, interpretá-lo e refletir sobre o tema.

1. Escreva as “semelhanças” e “diferenças” entre as formas de se relacionar entre o texto 1 e o texto 2:

(Sugestão de resposta: semelhanças: tanto nos namoros atuais quanto aos antigos o pai pode ser “uma onça”, o namoro “a distância”, antigamente a comunicação era por meio de cartas, atualmente pode ser via aplicativos, redes sociais, *internet*. Diferenças: a facilidade de comunicação, a possibilidade de namorar três pessoas ao mesmo tempo na *internet*, entre outros)

2. Atribua sentidos ao título *Amorchegando.com*. Comece perguntando-se: essa palavra existe em dicionário? Se foi criada pelo autor, quais prováveis ideias estão envolvidas nesse processo de formação?

(Professor, espera-se que o estudante perceba a justaposição das palavras amor + chegando, além de associar ao ambiente digital .com).

3. Você concorda que é possível namorar, pela internet, três pessoas ao mesmo tempo? Qual a sua opinião sobre esse tipo de comportamento?

Resposta pessoal.

4. Quando se participa em redes sociais, é necessário fazer um cadastro. Mas há pessoas que criam perfis falsos e interagem com outras, o que pode gerar conflitos, equívocos e consequências perigosas. Já aconteceu algo parecido com você ou com algum conhecido que seja importante compartilhar?

Resposta pessoal.

5. Existe diferença entre o que se sente por alguém que se conhece pela internet e o sentimento por alguém que se conhece no mundo real (escola, festas, passeios, etc.)?

Resposta pessoal

6. No texto de Custódio, há referência a outros dois textos famosos da Literatura. Um é o poema *Cartas de Amor*, de Fernando Pessoa, e outro é *A missa do Galo* de Machado de Assis. A esse procedimento chamamos intertextualidade. Você conhece esses textos? Se não, procure-os na internet, leia-os e comente sobre a relevância dessas referências no texto “Amorchegando.com”.

(Espera-se que os estudantes percebam que os dois textos citados abordam questões vivenciadas pelo eu lírico no texto *Amorchegando.com*).

Curiosidades sobre o tema (1 aula):

Como se apaixonar

O Dr. Arthur Aaron queria descobrir a mecânica de se apaixonar. Para isso, realizou uma experiência

em 1996, envolvendo 33 homens e mulheres que não se conheciam, emparelhados aleatoriamente. Cada par teve que responder a 36 questões que iam desde perguntas mundanas

até umas muito pessoais, divididas em três sessões de 45 minutos. Depois, foram instruídos a olhar o outro nos olhos por quatro minutos. Enquanto a maioria dos participantes disse que sentiu uma sensação de proximidade ou intimidade com esta nova pessoa que mal conheciam, houve uma feliz

surpresa: um dos pares se casou seis meses mais tarde e até convidou o pessoal do laboratório para o casamento.

(Disponível em: <<http://hypescience.com/8-pesquisas-que-descobriram-coisas-bizarras-sobre-o-amor/>>. Acesso em: 01 novembro 2016)

As mulheres evoluíram para achar homens engraçados atraentes

Você deve ter ouvido falar que as mulheres gostam de caras que as façam dar risada. E se você é engraçado, obviamente, já descobriu que isso é verdade. O que você não sabia, entretanto, é que isto é resultado de dezenas de milhares de anos de evolução. Pesquisadores da Escola de Medicina da Universidade de Stanford escanearam os cérebros de crianças entre os 6 e 13 anos de idade. Elas foram convidadas a assistir vídeos engraçados de pessoas levando tombos ou animais fazendo truques. O estudo descobriu que o humor tem um impacto bem maior no mesencéfalo e na amígdala cerebral das meninas do que dos meninos. Anos mais tarde, este aumento na atividade cerebral é o

As mulheres realmente adoram caras que tocam guitarra

Caras que tocam guitarra e têm banda atraem mulheres e ponto final. Isso não é mera percepção — é um fato científico. Uma pesquisa publicada na *Psychology of Music* usou um ator atraente para se aproximar, sorrir, cumprimentar e pedir o telefone. Um dia ele carregou uma mala de academia, no outro um case de guitarra e finalmente no terceiro dia apareceu de mãos vazias. O curioso é que carregar a mala de academia foi pior do que não carregar nada. Além disso, um estudo adicional descobriu que as mulheres estavam mais interessadas em homens que exibiam guitarras em suas fotos de perfil do Facebook. E por quê? Pesquisadores especulam que o instrumento confira um ar não apenas mais criativo, como também mais inteligente e divertido à seriedade

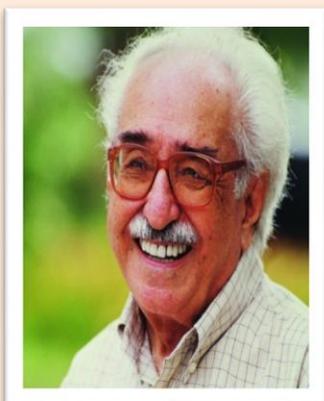
sinal verde para caras engraçados conquistarem as garotas.

(Disponível em: <https://www.areah.com.br/vibe/relacionamento/materia/73934/1/pagina_1/5-fatos-estranhos-sobre-o-namoro.aspx>. Acesso em: (06 fevereiro 2018).

masculina. É hora de aprender, pelo menos, a arranhar um violão galera!

(Disponível em: <https://www.areah.com.br/vibe/relacionamento/materia/73934/1/pagina_1/5-fatos-estranhos-sobre-o-namoro.aspx>. Acesso em: (06 fevereiro 2018).

Algumas informações sobre os autores dos textos literários contidos nesta aula:



⁶⁵ O poeta Manoel Wenceslau Leite de Barros, mais conhecido como **Manoel de Barros**, nasceu no Beco da Marinha, em Cuiabá, estado do Mato Grosso, no dia 19 de dezembro de 1916. Faleceu no dia 13 de novembro de 2014, aos 97 anos de idade. A criança, apelidada de Nequinho por sua família, passou sua infância sentindo a textura da terra nos pés, brincando e correndo entre personagens que definiriam sua obra, os currais e os objetos que chamavam a atenção do futuro escritor. Aos 19 anos, escreveu seu primeiro poema, e a partir de então sua veia poética não mais deixou de pulsar.

(Disponível em: <<http://www.infoescola.com/escritores/manoel-de-barros/>>. Acesso em: 31 outubro 2016)

⁶⁵Foto disponível em:<<http://i1.wp.com/www.jornalopcao.com.br/wp-content/uploads/2014/11/manoel-de-barros.jpg>>. Acesso em: 14 novembro 2016



⁶⁶**Marinaldo Custódio** nasceu em Santa Albertina/SP, fruto da vida no campo, com poucos livros em casa e lia tudo que lhe caía nas mãos, “até jornais manchados de sangue” (do açougue) que o pai trazia da vila embrulhando as compras. Seu conto **amorchegando.com** pertence ao livro **Viagens inventadas**, um registro entre o real e o imaginário, das estradas percorridas entre o Oeste paulista e Mato grosso. (Fonte: CUSTÓDIO, Marinaldo. **Viagens inventadas: crônicas e quase contos**. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2010)

Registro importante:

Neste espaço, registre o que você sentiu ao ler/conhecer os textos *A namorada* e *Amorchegando.com*: Tristeza, alegria, compaixão, raiva, indiferença. Os textos provocaram alguma surpresa? Você conseguiu estabelecer alguma relação entre os textos e sua vida?

Resposta pessoal.

Atividade de criação: (4 aulas)

O objetivo não é transformar os estudantes em poetas e/ou escritores, mas incentivá-los a criar, para que saibam que todos têm capacidades, embora haja variações entre as pessoas. Acreditamos que as atividades de criação podem originar elos mais afetivos com a literatura e desmistificar a noção antiga de que escritores são seres privilegiados, como bem reforçam Graça Paulino e Rildo Cosson “a escrita de textos literários é recusada sob o pretexto de que não é função da escola formar escritores, enquadrando-se a questão dentro de uma visão romântica de dom e talento natural (2009, p. 72).

Crie um perfil, usando um pseudônimo (nome fictício) e foto recortada de revistas para serem expostos num mural da própria sala. O perfil precisa apresentar características físicas e psicológicas, em forma de poema e deve haver rimas pelo menos entre 04 versos, não importando a posição. Para inspiração, use o clipe do grupo *Blitz: Mr. Gyn* “**Mais Uma de Amor**” (Disponível em: <<https://youtu.be/HHNkleVOms0>>) (Professor/a, como as outras atividades de motivação/inspiração fica a critério a opção ou não da sugestão).

⁶⁶ Foto disponível em: <<http://hipernoticias.com.br/storage/webdisco/2011/10/07/192x120/b743d2c2f91417fc4f13e86d40c581a1.jpg>>. Acesso em: 14 novembro 2016

Exemplo de poesia:

Eu sou um bom partido
e não falo da aparência
morena, olhos castanhos
acho o amor divertido
com suas perdas e ganhos
e o otimismo é minha essência.
se quiser me namorar
é bom que saiba dançar
goste de viajar
e de estudar.
Não quero compromisso
ainda é cedo pra casar.

PARA AMPLIAR SEU HORIZONTE DE LEITURAS ACERCA DESTE TEMA, LEIA (CONSIDERE LEITURA NO SENTIDO AMPLO, NÃO APENAS DE TEXTO ESCRITO), OUÇA E ASSISTA TAMBÉM:

(Professor/a: o objetivo é fornecer sugestões para outras leituras sobre o tema, abordando livros, poemas, filmes e/ou algo pertinente, com vistas à ampliação do repertório de leituras do estudante para não ficar só restrito ao texto, mas também serve de incentivo à leitura de livros literários).

O romance **A garota das Laranjas**, do autor Jostein Gaarder (mesmo autor que conquistou milhões de leitores de diversas idades com *O mundo de Sofia*), Tradução: Luis Antonio de Araújo. Editora: Companhia das Letras. Este livro é uma belíssima carta de amor contada em forma de romance, autor da carta é o pai de um menino, morto há onze anos - ele escreveu esta longa mensagem de despedida para que o garoto pudesse lê-la depois, quando estivesse mais maduro. A história que o pai conta é do tempo em que ainda era um jovem estudante de medicina: a sua busca por uma moça desconhecida, que ele vê por acaso nas ruas de Oslo, sempre carregando um saco cheio de laranjas. Apaixonado, o rapaz persegue os diversos mistérios que cercam os seus encontros fugidios com a garota das laranjas, numa aventura que culmina numa grande revelação.

O filme **A delicadeza do amor**, dos diretores David Foenkinos e Stéphanes Foenkinos, lançado em maio 2012. Narra a história de Nathalie (Audrey Tautou), jovem, bonita, tem um casamento perfeito e leva uma vida tranquila, com tudo no lugar. Contudo, quando seu marido vem a falecer após um acidente, seu mundo vira de cabeça para baixo. Para superar os momentos tristes, ela decide focar no trabalho e deixa de lado seus sentimentos. Até o dia em que ela conhece Markus (François Damiens), seu colega de trabalho e os dois acabam embarcando numa jornada emocional não programada.

(Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-61361/>>.

Acesso em: 03 novembro 2016)

O filme sobre o clássico **Romeu e Julieta**, direção de Carlo Carlei. Esse filme foi lançado em dezembro de 2014. É a versão mais moderna do clássico de William Shakespeare, no qual dois adolescentes de famílias rivais (Hailee Steinfeld e Douglas Booth) apaixonam-se perdidamente.

(Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-192442/>>. Acesso em: 03 novembro 2016)

Curiosidades: Na literatura brasileira, há pares amorosos famosos, nas seguintes obras:

Marília de Dirceu - poema - **Lira** de Tomás Antônio Gonzaga

Peri e Ceci - romance **O Guarani** de José de Alencar

Capitu e Bentinho - romance **Dom Casmurro** de Machado de Assis

Riobaldo e Diadorin - romance **Grande Sertão: Veredas** de Guimarães Rosa.

O poema **Fatal** de Antônio Carlos Lima, no livro Apocalipsiu! (poema que reflete sobre um ex-amor e suas recaídas).

LITERATURA: PRAZER E CONHECIMENTO

APÊNDICE B - PROGRAMA 02

Tema: *Mato Grosso, terra de ouro!*

Duração: 6 aulas (mínimo)

Público-alvo: estudantes do ensino fundamental II (8º e 9º anos)

Ao final deste programa, esperamos que os estudantes tenham produzido conhecimentos sobre o tema e desenvolvido estas habilidades/capacidades:

- Relacionar informações representadas de diferentes formas e advindas do repertório de leituras de cada um, para construir opiniões e conhecimentos.
- Reconhecer os procedimentos de construção do texto literário e sua relação com o contexto histórico.
- Utilizar os conhecimentos sobre a construção do texto literário para atribuir-lhe sentidos e identificar a relação semântica entre palavras de diferentes classes gramaticais e o tema de um texto.
- Identificar em um texto literário as relações entre tema, estilo e contexto histórico de produção.
- Comparar interpretações de um mesmo fato em diferentes textos.
- Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação de textos.
- Relacionar informações sobre a historicidade comparando-a com a atualidade.

Atividade de motivação (1 aula):

Assistir ao vídeo “Hino de Mato Grosso” produzido pelo Sebrae (<<https://www.youtube.com/watch?v=EndWQPsoV3>>). Fazer um bate-papo informal. Sugestão de questões: O que um hino representa a um país, estado ou

time de futebol? Professor, comentar que o hino é um dos símbolos fundamentais de qualquer cidade, estado ou país, nele se revela, geralmente, um louvor à fundação.

O Hino Oficial do Estado de Mato Grosso foi criado pelo decreto n.º 208, de 05 de setembro de 1983. A iniciativa foi do governador da época, Julio José de Campos, que oficializou letra do poema “Hino Mato-grossense”, de autoria de Dom Francisco de Aquino Corrêa (foi arcebispo de Cuiabá e governante de Mato Grosso no período de 1918 a 1922), e música do maestro e tenente da Polícia Militar Emilio Heine. Antes da oficialização do hino, a música que harmoniza a letra foi cantada em público pela primeira vez durante a cerimônia das comemorações do bicentenário de fundação de Cuiabá em 08 de abril de 1919.

HINO DE MATO GROSSO

Letra de Dom Francisco de Aquino Corrêa

Música de Emílio Heine

Limitando, qual novo colosso,
O Ocidente do imenso Brasil,
Eis aqui, sempre em flor, Mato Grosso,
Nosso berço glorioso e gentil!
Eis a terra das minas faiscantes,
Eldorado como outros não há,
Que o valor de imortais bandeirantes
Conquistou ao feroz Paiaguá!

(Refrão)

Salve, terra de amor,
Terra de ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!
Chova o Céu dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal!

Terra noiva do Sol! linda terra!

A quem lá, do teu céu todo azul,
 Beija, ardente, o astro louro na serra,
 E abençoa o Cruzeiro do Sul!
 No teu verde planalto escampado,
 E nos teus pantanais como o mar,
 Vive, solto, aos milhões, o teu gado,
 Em mimosas pastagens sem par!

Hévea fina, erva-mate preciosa,
 Palmas mil são teus ricos florões;
 E da fauna e da flora o índio goza
 A opulência em teus virgens sertões!
 O diamante sorri nas grupiaras
 Dos teus rios que jorram, a flux.
 A hulha branca das águas tão claras,
 Em cascatas de força e de luz!

Dos teus bravos a glória se expande
 De Dourados até Corumbá;
 O ouro deu-te renome tão grande,
 Porém mais nosso amor te dará!
 Ouve, pois, nossas juras solenes
 De fazermos, em paz e união,
 Teu progresso imortal como a fênix
 Que ainda timbra o teu nobre brasão!

(CORRÊA, Dom Francisco de Aquino em Poética, Terra Natal, Vol. I, Tomo II.
 Organização, preparo de textos e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva.
 Brasília, 1985)

Glossário

Colosso: coisa de dimensões enormes

Paiaguá: etnia indígena

Moreira Cabral: um dos bandeirantes colonizadores

Escampado: vasto, amplo

Hévea: seringueira

Grupiaras: Depósito sedimentar diamantífero na crista dos morros

A flux: em abundância, a jorros

Hulha: fonte

Registro livre das primeiras impressões:

Assinale o(s) emoticon(s) correspondentes ao que você sentiu ao ler o texto. Depois tente traduzir essa sensação pela escrita.



Nesse item, buscamos privilegiar os pressupostos teóricos da Leitura Subjetiva ou ainda Cursiva (ROUXEL, 2013a) em que o leitor/estudante tem liberdade de expressar seus sentimentos. Esse registro faz parte da interpretação global do texto, considera-se sua leitura individual, particular, autônoma, pois cada leitor/estudante faz sua leitura subjetiva do texto.

Produção de leitura:

Nesse item privilegiamos a Leitura Analítica (ROUXEL, 2012), pois consideramos importante que haja questões que ajudem o/a estudante a compreender o texto, interpretá-lo e refletir sobre o tema.

1. O autor diz que Mato Grosso é uma terra de ouro. O que essa denominação pode significar, levando-se em conta a época em que a letra foi escrita?

(Professor/a, espera-se que o estudante associe como o estado era antigamente, com suas riquezas minerais e diversidade da fauna/flora).

2. A letra do hino do Mato Grosso é um poema e foi escrita em 1918, nessa época ainda não havia a separação entre os estados de MT e MS (1977), verifique na letra algo que faça referência ao território antes da divisão. (Se for necessário, consulte um mapa político atual dos municípios de MT e MS para responder a essa questão).

(De Dourados até Corumbá).

3. Atribua um significado para a expressão, buscando na internet informações sobre o mito da fênix. “Teu progresso imortal como a fênix”:

(Espera-se que o estudante faça a relação entre o mito da fênix e sua imortalidade, assim como o progresso do estado que nunca acabará)

4. Você já ouviu falar no mito do eldorado? Faça uma consulta na internet e escreva algo sobre ele. Posteriormente, esse conhecimento o ajudará a ler alguns trechos escritos por viajantes na época da descoberta das primeiras minas.

Resposta pessoal.

5. De acordo com letra do hino, quais são os atributos, as caracterizações do estado de Mato Grosso?

Espera-se que o estudante encontre no poema algumas características como: ricos florões, fauna e flora o índio goza, o diamante sorri nas grupiaras, a hulha branca das águas tão claras

6. Você acha que Mato Grosso ainda pode ser chamado de Terra de ouro? Por quê?

Resposta pessoal.

Produção de leitura dos textos 02, 03 e 04 (2 aulas):

Os textos a seguir, são fragmentos de escritos acerca das impressões sobre o território mato-grossense, a partir de experiências vivenciadas por viajantes e primeiros colonizadores.

TEXTO 02

Fragmento escrito por Candido Xavier de Almeida e Souza (*Apud* GALETTI⁶⁷, 2012, p. 69) sobre a região da Bacia do Guaporé, onde foi fundada em 1851, a Vila Bela da Santíssima Trindade.

[...] nesta região, mais que em outra alguma é inflexível o rancor dos Irracionais contra o Homem, desse a desobediência de Adão: em terra

⁶⁷ A pesquisadora Lylia Galetti retirou este trecho da seguinte fonte: SOUZA, Candido Xavier de Almeida e. Descrição diária dos progressos da expedição destinada da Capitania de São Paulo para as Fronteiras do Paraguai em 1800. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1949, p.289.

as feras, as serpentes, as formigas, e as mesmas árvores pela maior parte armadas de espinhos denegam a sua comunicação: nos Rios, os Jacarés, os Sucuris, as Jiboias [...] conspiram contra a Humanidade. A precisa privação do Santíssimo nome do Senhor, o ardente calor próprio da zona tórrida, a transpiração dos suores, a vexação dos insetos; o hálito insofrível do almíscar dos Jacarés, seus horrorosos bramidos, e a horrível figura desses monstros, representam a vista e a imaginação uma verdadeira efígie do lado terrível do infernal Archeronte⁶⁸.

TEXTO 03

Fragmento em que o cronista Jozeph Barboza de Sá (*Apud* GALETTI, 2012, p. 67) aborda os exageros cometidos pelo padre André dos Santos Queiróz, que, segundo o cronista, serviram para atrair muita gente para as minas de ouro de Mato Grosso, nos idos de 1723:

[...] sabida a grande e quantiosa máquina de ouro que ia e que noticiou o dito padre, cuja voz tudo atroava, foi uma trombeta que chegou até o fim do orbe e soando a fama de Cuiabá por todo o brasílico hemisfério, até Portugal, e ainda pelos reinos estranhos, tanto que chegaram a dizer que no Cuiabá serviam os granetes de ouro de chumbo nas espingardas, para caçar veados, que de ouro eram as pedras, em que nos fogões se punham a cozer as panelas [...]

TEXTO 04

Fragmento em que o cronista Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida (*Apud* GALETTI, 2012, p. 70) descreve a paisagem:

⁶⁸ O logo após sua morte, a alma era levada de barco pelo Caronte, deixando no Rio Aqueronte (Archeronte) todos os seus sonhos, desejos e deveres que não foram realizados em vida. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Aqueronte>>. Acesso em: 18 maio 2017.

[...] Há nestes rios peixes de diferentes grandezas, e espécies mais ou menos saborosas... As matas igualmente abundam de animais de saboroso gosto como cutias, espécies de coelho, porcos, antas, veados... aves singulares, entre as quais merece destaque o Jaó maior, e, por mais tenra, melhor que a perdiz de Portugal[...]As terras dão com usura os legumes, o arroz, a cana, de que se faz ótimos açúcares, o milho [...] árvores todo ano têm flor, fruto verde e maduro.[...]

Registro livre das primeiras impressões:

Assinale o(s) emoticon(s) correspondente(s) ao que você sentiu ao ler esses fragmentos de textos. Depois tente traduzir essa sensação pela escrita.



Nesse item, buscamos privilegiar os pressupostos teóricos da *Leitura Subjetiva* ou ainda *Cursiva* (ROUXEL, 2013a) em que o leitor/estudante tem liberdade de expressar seus sentimentos. Esse registro faz parte da interpretação global do texto, considera-se sua leitura individual, particular, autônoma, pois cada leitor/estudante faz sua leitura subjetiva do texto.

Produção de leitura:

Nesse item privilegamos a *Leitura Analítica* (ROUXEL, 2012), pois consideramos importante que haja questões que ajudem o/a estudante a compreender o texto, interpretá-lo e refletir sobre o tema.

1. Os textos 02, 03 e 04 são fragmentos escritos por pessoas que vieram para Mato Grosso no período em que as primeiras minas auríferas foram descobertas. São relatos, impressões. Há no texto 02 uma descrição detalhada de animais presentes nesse espaço. Pelos detalhes apresentados, o que você acredita ter motivado o autor escrever “conspiram contra a Humanidade”?

(Espera-se que os estudantes percebam as diferenças de visões, advindas da própria situação. Naquela época, em função das condições impostas pelo meio no contexto de colonização, os humanos viam os animais como algo a ser vencido.)

2. Faça uma comparação entre o fragmento 02 e 04. Em que um difere do outro? Há alguma/s semelhança/s? Se há, comente sobre elas.

(Semelhanças: Ambos retratam a riqueza da fauna, com sua diversidade de espécies. Diferenças: no texto 02 os animais são vistos como inimigos do homem, já no texto 04 eles servem

ao homem de comida, além do texto 04 também abordar a riqueza da flora e a produção de alimentos).

3. No texto 03, o cronista Barbosa de Sá faz uma crítica aos exageros cometidos pelo padre André dos Santos Queiróz. Baseado nos textos lidos desta unidade, faça uma análise dos “supostos motivos, finalidades” que levaram o padre André dos Santos Queiróz a cometer tais exageros.

(Espera-se que os estudantes associem a questão do exagero sobre o ouro ao fator de propaganda para atrair futuros moradores, coisa que acontece até nos dias atuais em se tratando de propaganda).

4. A diversidade da fauna/flora apresentada nos textos pode ser vista/apreciada ainda hoje pelos cidadãos mato-grossenses? Justifique.

Resposta pessoal.

5. Pela descrição apresentada no texto 04, reflita como viviam os exploradores daquela época. Já havia algum tipo de plantio ou só sobreviviam com alimentos retirados da floresta? Responda usando exemplos retirados do texto.

(O texto demonstra que havia sim, produção de alimentos, nos fragmentos: as terras dão com usura os legumes, o arroz, a cana, de que se faz ótimos açúcares, o milho)

6. Com base nesses textos, e na pesquisa que você fez sobre o mito do eldorado, faça um comentário crítico dizendo de que modo as expectativas sobre o território influenciaram a vinda de desbravadores –mineradores para cá, e, se esses primeiros observadores do território, em seus escritos, confirmam o mito do eldorado:

Resposta pessoal, almeja-se que os estudantes percebam que apesar da riqueza existente no estado, não houve evidências do mito no estado.

Curiosidades sobre o tema (1 aula):

➤ Com 903 357 quilômetros quadrados, Mato Grosso é o terceiro maior estado brasileiro em extensão. Os dois primeiros são o Pará e o Amazonas.

➤ O nome Mato Grosso tem origem na grande extensão de mato espesso e alto localizado nas margens do rio Galera encontrada na região. As primeiras referências a ele datam do século XVII.

➤ Mato Grosso tinha uma população de 3,2 milhões de habitantes em 2014, o que equivalia a 1,6% da população brasileira.



➤ A capital e cidade mais populosa de Mato Grosso é Cuiabá.

➤ Mato Grosso possui 117 municípios. Os mais populosos são, pela ordem: Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis, Sinop e Tangará da Serra. O menos populoso é Araguainha.

➤ De acordo com o Tratado de Tordesilhas, Mato Grosso deveria ser território espanhol. Os espanhóis fundaram as primeiras povoações do estado. Acabaram, no entanto, sendo expulsos por bandeirantes paulistas, que fundaram cidades como Cuiabá.

➤ Até 1977, os livros de geografia registravam um único e extenso estado chamado Mato Grosso. Com o desmembramento da região sul, surgiu o atual estado de Mato Grosso do Sul, com capital em Campo Grande.

➤ Cuiabá é, ao lado de cidades como a tocaninense Palmas, a piauiense Teresina e a rondonense Porto Velho, uma das capitais mais quentes do Brasil. Os termômetros chegaram a registrar 42° Celsius na região durante a primavera de 2015.

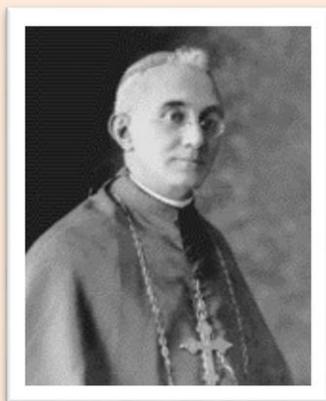
➤ O território mato-grossense é, na verdade, dominado por três biomas: o Pantanal (6,8%), o Cerrado (39,6%) e a Amazônia (56,6%). Quase metade das suas cidades estão no Cerrado, inclusive Cuiabá.

(Disponível em: <<http://www.maiscuriosidade.com.br/18-coisas-que-todos-deviam-saber-sobre-o-mato-grosso/>>. Acesso em: 22 março 2017).

➤ O presidente Ernesto Geisel assinou lei no dia 11 de outubro de 1977 para criar Mato Grosso do Sul. A decisão foi tomada por causa de disputa político-econômica na região. Enquanto alguns ainda condenam as forças divisionistas, outros argumentam que a divisão serviu para impulsionar o desenvolvimento em ambos os estados.

(Disponível em: <http://historiografiamatogrossense.blogspot.com.br/2009_11_01_archive.html>. Acesso em: 22 março 2017).

Algumas informações sobre o autor do texto literário contido nesta aula:



Quarto ocupante da Cadeira 34, eleito em 9 de dezembro de 1926, na sucessão de Lauro Müller e recebido pelo Acadêmico Ataulfo de Paiva em 30 de novembro de 1927. D. Aquino Correia (Francisco de Aquino Correia), sacerdote, prelado, arcebispo de Cuiabá, poeta e orador sacro, político, nasceu ⁶⁹em Cuiabá, MT, em 2 de abril de 1885, e faleceu em São Paulo, SP, em 22 de março de 1956.

Autor de inúmeras e notáveis “Cartas pastorais”, de discursos, trabalhos históricos e poesias, D. Aquino Correia publicou *Odes*, o seu primeiro livro de versos, em 1917, seguido de *Terra natal*, onde reuniu poemas de exaltação a Mato Grosso e ao Brasil, cheios de suave lirismo e fascínio pelo seu torrão. Foi poeta em quatro idiomas: o nosso, o latino, o italiano e o francês.

(Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/aquino-correia-dom/biografia>>. Acesso em: 22 Março 2017.

Registro importante:

Há aspectos históricos sobre o estado do Mato Grosso no hino que você não conhecia e passou a conhecer?

Resposta pessoal.

Atividades de criação: escolha uma (4 aulas)

Aqui sugerimos duas atividades, porém a forma como serão produzidas, se serão digitadas e impressas ou publicadas *on-line* fica a critério do professor/a, o importante é que essa atividade saia do ambiente sala de aula, podendo ser feita em forma de apresentação em evento da escola, no caso da música e o conto poderia ser exposto nos corredores para que outros colegas possam ler.

⁶⁹ Foto disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/aquino-correia-dom/biografia>>. Acesso em: 22 março 2017.

01) Tendo como objetivo principal a “eterna” procura ao mito do Eldorado, elabore em grupo ou individualmente uma história ilustrada baseada nesse mito. Você deve/poderá utilizar a descrição da paisagem local presente nos textos estudados, além da diversidade de animais.

Você sabia que a personagem do cinema Indiana Jones pode ter sido inspirado num coronel inglês que veio para o Brasil em busca do Eldorado, ou a cidade perdida de ouro, está relatado no livro “**O Enigma do Coronel Fawcett: O Verdadeiro Indiana Jones**”. Essa aventura teve início em Cuiabá.

02) Releia o hino de Mato Grosso e depois questione-se: se o hino fosse reescrito por você, na atualidade, os atributos da terra permaneceriam? Ou você o atualizaria para que ficasse de acordo com a realidade atual? Convide dois colegas e, em grupo de 03, criem um novo hino, ou reescrevam o oficial, fazendo as alterações que vocês julgarem pertinentes. Grave um vídeo para registrar a criação de vocês.

PARA AMPLIAR SEU HORIZONTE DE LEITURAS ACERCA DESTES TEMAS, LEIA (CONSIDERE LEITURA NO SENTIDO AMPLO, NÃO APENAS DE TEXTO ESCRITO) TAMBÉM:

O romance **Era um Poaeiro** de Alfredo Marien, publicado pela editora da Unemat. O romance aborda mitos da região, aborda o amor de dois jovens Tereza e Brasilino e aborda a atividade econômica da extração da Poaia, um vegetal que havia nas matas e que era exportado com fins medicamentosos.

O filme **Eldorado 2: Em Busca do Templo Perdido** do diretor Terry Cunningham (este filme contar a história do destemido trio de exploradores descobre mapa que pode mostrar o secreto caminho até um templo recheado de ouro, no Peru. O cobiçado local, diz a lenda, está recheado de ouro, mas parece esconder também segredos perigosos. Nesta busca, porém, o trio não está sozinho e inescrupulosos homens entram nesta disputa, que revelará muito mais do que já sonharam todos estes aventureiros).

ANEXOS

**CONTOS
REUNIDOS**

“A boa literatura é sempre uma janela escancarada para o mundo. Por meio dela, a vida pode ser observada, usufruída, compreendida, questionada e, em certa medida, vivida. Tudo isso graças à sensibilidade de um escritor, incessantemente atento à vida e à arte que a reinventa.” Beth Brait

Agradeço aos escritores do 9º A que contribuíram para a produção deste livro.

Deise Baggenstoss

Sinop/MT, tempo de chuva de 2017.

Contos Reunidos

O verde	158
A cidade perdida	164
O tesouro misterioso	168
O mistério do passado	173
Lenda do eldorado	176
A minha história	178
John e o amuleto sagrado	182

O verde

Autoras: Taynara G. B. Santos e Denise A. Alves

Sou Clara Argent, tenho 16 anos, sou alta, magra, cabelo preto liso, olhos azulados e pele clara. Vou herdar um território que meus pais nem colonizaram ainda, é um lugar lindo, bom de viver, possui muitas riquezas, é realmente magnífico. Revestido por uma vegetação em que predomina a floresta, possui muitos rios e uma grande variedade de espécies de animais. Um lugar perfeito e muito vivo.

Há dias venho tendo visões estranhas, sonhando com um mapa misterioso e coisas velhas, é como se algo ou alguém precisasse da minha ajuda, parece estranho, mas não posso negar que tenho um coração bom e estou disposta a fazer seja o que for.

Depois que comecei a ter essas visões, conheci Cassidy que se tornou meu melhor amigo, é um índio, muito bonito por sinal, forte, moreno claro, não muito alto, olhos bem escuros, cabelo preto e totalmente liso. Sua presença é muito importante para mim, conto tudo a ele e sei que posso confiar. Ele é da aldeia de Saá e nos vemos com frequência, agora que moro numa vila perto da aldeia. A forma como nos conhecemos foi muito engraçada, é uma história longa...

Eu estava andando tranquilamente na mata quando vejo um vulto passar a centímetros do meu rosto, parecia ser um pássaro mas percebi que era uma flecha quando acertou uma onça a passos de mim. Me assustei e corri até o animal, parei, ouvi uma voz masculina me repreendendo, era Cassidy, suas características entregaram que era um indígena e só então percebi que ele estava caçando. Nesse dia descobri meu fetiche por arco e flecha. Cassidy começou a me dar algumas aulas sempre que podia e eu não demorei muito a aprender. No começo papai não gostou da ideia mas logo mamãe o convenceu de que seria ótimo para a minha defesa já que eu passava muito tempo sozinha. Depois desse dia, ganhei uma nova família

pois ia sempre na aldeia de Saá com Cassidy, fiz amizade com todos da aldeia, entretanto confesso que Cacique me amedrontava às vezes.

Cassidy me falou há um tempo algo que vem me encucando muito, no começo pensei que estivesse brincando porque realmente é muito estranho, só que eu mesma venho percebendo isso também. A cor verde do arco-íris estava desaparecendo, sei que parece loucura, também não estou entendendo mais nada, só sei que de fato isso é real.

– Clarinhaaaaaaa, Clarinha!!! Cassidy corria e gritava igual a um louco.

Eu estava sentada numa cadeira, quase caí com o pulo que dei, peguei meu arco rapidamente e com uma flecha na mão, fui pronta para atirar em direção aos gritos, quando vi que não era nada recuei. Sem mais delongas, Cassidy disse de uma vez:

– Clarinha! - ele ofegava – o Cacique quer falar com você!

Gelei na hora, pois na última vez em que eu falei com Cacique, ele me deu uma bronca e um castigo severo por ter acabado com a caça dele e literalmente, ter colocado fogo em uma das ocas de sua aldeia.

– Agora? Mas o que ele quer? foi o que consegui dizer.

Sem rodeios, Cassidy respondeu:

– É urgente! Vamos, vamos!! – saiu correndo me puxando pelo braço.

Não demorou muito para que chegássemos à aldeia. O Cacique já estava me esperando dentro de sua oca. Aquilo estava me amedrontando. Entrei na oca com receio e me sentei no chão. Cacique veio em minha direção e começou a dizer:

– Preciso da sua ajuda Argent! Não entendi muito bem, porém quando fui perguntar, ele me interrompeu:

– Não sei mais a quem recorrer e algo me diz que posso contar com você. Você precisa me ajudar a dar um jeito de impedir o sumiço do arco-íris, isso está prejudicando a todos nós.

Respondi firme:

– Posso falar com meu pai... ele me interrompeu antes que terminasse:

– Não! Não vamos envolver seus pais nisso! Seu pai está obcecado em desmatar a floresta, é isso que está prejudicando nosso território e nos prejudicando. Se contarmos pra ele, só vamos piorar as coisas.

Pela primeira vez vi Cacique implorando por algo. Ele me convenceu a não envolver meus pais nisso. Eu precisava ajudá-lo e a seu povo. Estava disposta a isso.

– Você me convenceu! disse com um sorriso forçado. Não tenho nem ideia de por onde começar.

Ele respondeu, dessa vez mais calmo:

– Eu sei que existe um corante que podemos usar, mas não sei onde fica e não tenho nenhum mapa da região.

Espera! eu tinha ouvido mapa? Quando abri minha boca para falar entrou uma senhora estranha e nos interrompeu. Ela era branca feito neve, estava usando uma capa toda branca com capuz, parecia uma assombração, juro que teria saído correndo se ela demorasse mais um pouco para se explicar:

– Eu posso ajudar vocês – a velha disse, certamente aquilo soou assustador.

– Quem é você? – Cacique perguntou. Pude notar insegurança em seu tom.

– Fui enviada com o dever de vos ajudar a encontrar o corante e salvar sua morada e seu povo. Me chamo Nazaré.

– Enviada por quem? – interfeiri, notei o olhar da velha pesar sobre mim.

– Sentem-se e se acomodem, vou contar tudo para que vocês entendam, mas já vou avisando que a história é longa – disse ela.

Aquilo já era demais, onde fui me meter? Era muita loucura para um dia só. Então me levantei e fui rumo à saída, o Cacique repreendeu e me convenceu a ficar.

Ouvimos a história da tal Nazaré, ela realmente sabia muita coisa. Eu já estava entediada, fechei os olhos e soltei o ar que estava preso no meu

peito, fazia isso para me acalmar. No mesmo instante, tive uma visão clara do mapa que sempre via nos meus sonhos, abri os olhos rapidamente e vi que a Nazaré trazia consigo alguns mapas. Aquilo estava me agoniando e não pude evitar:

– Posso ver os mapas? – perguntei interrompendo a conversa dela com o Cacique, apontando para o sacolão que carregava.

Antes que Cacique me repreendesse, Nazaré balançou a cabeça positivamente, entregando-me os mapas. Olhei minunciosamente, até que um me chamou a atenção.

– É esse!!! – gritei, todos olharam para mim. Cacique me fuzilou com o olhar.

– É esse mapa que aparece em meus sonhos. Tenho certeza que ele nos levará onde está escondido o que precisamos.

Nazaré observou o mapa com cautela e disse:

– Eu sei onde o corante está. Como não pensei nisso antes? Esse mapa é da vila de Cuiabazinho e o corante só pode estar na igreja.

Nazaré e Cacique se encaravam sorrindo, eu os puxei para um abraço comemorativo, mas os soltei assim que percebi um clima de desconforto. A igreja que Nazaré se referia era a igreja de sua história de amor com o padre, que ela acabara de contar. Essa igreja ficava em um morro alto e embaixo dela havia inúmeras riquezas, inclusive ouro.

Com a ajuda do mapa, fizemos a rota, armamos um plano para chegar até a igreja e pegar o corante. Dessa vez até Cassidy estava conosco. Contei-lhe sobre a conversa e ele quis nos ajudar.

Eu estava muito feliz com o pedido de namoro que ele me fez. Confesso que já esperava por esse pedido há tempos. Estava realmente envolvida por ele.

Depois de um certo tempo nos preparando, enfim chegou o dia de partimos. Nossa jornada seria longa e nosso tempo estava acabando, pois o arco-íris se desfazia cada vez mais fazendo o verde sumir.

A viagem não parecia ter fim. Quando finalmente chegamos ao destino, avistei a igreja de longe e aquele tal de Cuiabazinho era literalmente um buraco, parecia que algo pesado havia despencado ali. O sol já estava se pondo, resolvemos descansar na casa de um conhecido do Cacique.

Ao amanhecer, fomos até a igreja. Estranhei ter homens armados a rodeando, mas Nazaré disse que é normal por conter muitas riquezas ali. Tentamos entrar com o maior cuidado possível para que eles não desconfiassem, mas foi em vão.

– SE ESCONDAM!!! – ouvi Cacique gritar, logo em seguida vi um guarda render ele e Nazaré.

Consegui correr e me esconder num matagal que tinha atrás de uma casa abandonada. Senti alguém me tocar, levei um susto, mas relaxei quando vi que era Cassidy, o abracei forte e em seguida fomos buscar ajuda na esperança de reencontrá-los.

Semanas depois...

Cassidy havia enviado um mensageiro para avisar os outros índios que estávamos precisando de mais ajuda. Quando a ajuda finalmente chegou, conseguimos resgatar Cacique e Nazaré, eles estavam em um abrigo que mais parecia uma cela e enquanto alguns índios distraiam os guardas do local derrubamos a parede. Então, fomos novamente em busca do que queríamos, não íamos desistir tão fácil assim.

Com muita dificuldade, finalmente entramos na igreja e pegamos o corante, estava em uma passagem secreta, enterrado dentro de um baú com muitas joias.

Saímos contentes de lá por ter conseguido o que queríamos. Entretanto, fomos surpreendidos, uma arma foi apontada em minha direção, só vi o vulto de Cassidy pulando em minha frente e caindo no chão. A bala tinha o acertado, não pensei duas vezes, peguei-o em meus braços, tentava reanimá-lo, enquanto começava uma batalha em nossa volta entre os seguranças da igreja e os índios que vieram nos ajudar, mas pra mim já era tarde, eu não conseguia acreditar no que estava vendo.

– Clarinha, Clarinha olha pra mim! Cassidy me chamou com dificuldade, me tirando do transe. Segurei sua cabeça com as duas mãos, eu já estava desabando.

– Calma! eu estou aqui meu amor, vai ficar tudo bem...

– Tudo bem! Me escuta ok? Está doendo muito...

– Eu sei meu amor. SOCORRO!!! eu gritava, mas parecia que ninguém me ouvia daquele canto.

– Não, está doendo muito ter que te deixar agora, eu tinha planos com você... parece que o destino gosta de nos surpreender...

Eu não acreditava no que estava ouvindo, era um pesadelo. Não conseguia falar nada, estava desnorreada.

– Clarinha! Me escuta. Eu quero que saiba que você foi meu primeiro amor, a pessoa que eu sempre vou amar. Eu te amo Clara Argent! – Cassidy sussurrou e logo caiu completamente em meus braços.

Era o fim pra ele e pra mim também, perdi meu chão. Cassidy se foi, levando consigo um pedaço de mim. Era uma dor cruel, parecia eterna. Eu havia perdido uma pessoa importante, porém não a esperança de recomeçar...

Meses depois...

Enfim, os problemas foram se resolvendo pouco a pouco, havíamos conseguido o corante e o arco-íris estava a salvo, assim como todo aquele povo que agora eu também fazia parte.

A cidade perdida

Autoras: Michely G. dos Santos, Sara L. R. de Barros e Eduarda C. M. dos Santos

Quando eu era criança, vivia passeando na casa dos meus avós, onde sempre escutava muitas histórias que me deixavam curioso. Acabei me interessando por uma: “A cidade perdida”. Era a história de uma cidade com muita riqueza e ouro, mas que nunca havia sido descoberta. Ouvi tantas vezes a mesma história que acabei acreditando que poderia encontrar essa tal cidade.

Passados alguns anos, numa das idas à casa dos meus avós, me lembrei daquelas histórias e comecei a procurar “pistas” que levassem a tal cidade. Encontrei um porão no fundo do quintal da casa, fiquei surpreso, pois não sabia da existência dele.

Entrei, claro que estava abandonado, com teias de aranha enormes pela parede, ratos que passeavam livremente pelo chão, além de ser muito úmido, algo que proporcionava um encontro nada agradável com sapos. Olhei por todos os lugares, também tinha algumas “peças de museu” como uma máquina de costura, um ferro de passar roupa à brasa, um tipo de esfregão para alisar o chão, mas algo em cima de uma prateleira me chamou a atenção, era uma caixa. Peguei-a e ao abrir, percebi que haviam algumas coisas diferentes, como um mapa, uma bússola e o diário do meu querido avô.

Fui correndo perguntar para minha avó sobre o diário, ela contou que meu avô já tinha tentado ir à cidade perdida, mapeou os lugares que deveriam passar para chegar até lá, mas por conta de um acidente que o deixou paraplégico, não conseguiu seguir adiante com a procura, por isso me contava aquelas histórias, pois acreditava que eu terminaria sua busca.

Entusiasmado, liguei para meu amigo Henzo, contei tudo que encontrei, falei que sairia em busca do tesouro. Ele ficou preocupado e disse que iria comigo, combinamos de sair no dia seguinte, bem cedinho.

Mal o dia clareou, Henzo já estava batendo na porta da minha casa, pedi que entrasse, afim de conferimos todos os equipamentos. Depois passamos no mercado para comprar comida. Olhamos o mapa, verificamos o caminho a seguir, logo percebemos que não seria uma busca fácil, já que não tínhamos ideia do que iríamos encontrar pelo caminho...

Seguindo o mapa, entramos na mata fechada. Após algumas horas de caminhada por uma espécie de trilha, encontramos uma aldeia. Porém a recepção não foi amigável, alguns índios nos viram e atacaram. Corremos pela mata, tentando nos esconder, depois de algum tempo, finalmente nos afastamos do perigo. Então, fui ver como meu amigo estava, e para minha surpresa, ele foi ferido por uma flecha. Fiquei com muito medo, pois a flecha poderia estar envenenada, mas não tínhamos como voltar pelo mesmo caminho, o jeito foi improvisar um curativo e orar para que não houvesse mais complicações. O dia estava chegando ao fim, decidimos ficar por ali mesmo para dormir.

Ao amanhecer do outro dia, quando acordamos, havia uma onça pintada parada, olhando como se quisesse nos devorar, parecia estar com mais fome que nós, acuados e sem saber o que fazer, ficamos os dois em pé, um ao lado do outro, como que nos protegendo. Não adiantou, quando percebemos, já estávamos novamente correndo desesperados na mata, tentando escapar da onça. Ninguém se atrevia a olhar para trás para ver onde o bicho estava. De repente, demos de cara com uma grande cratera, não tínhamos como seguir em frente. Paramos e olhamos para trás e vimos que a onça não estava mais nos perseguindo, foi um alívio mútuo. Meu amigo nem lembrou do ferimento da flecha, mas não podíamos descuidar, fiz novamente um curativo, ainda bem que lembrei de levar meu kit de primeiros socorros.

Descansamos um pouco, precisávamos pensar num meio de atravessar a cratera. Caminhamos mais um pouco e vimos uma árvore caída que servia como uma espécie de “ponte” para atravessar a cratera. Mas a fome estava grande, afinal, perdemos muita energia correndo da onça e o pior, na pressa, não conseguimos pegar nossa mochila que estava com a comida. Pensamos em voltar e ver se conseguíamos encontrá-la, contudo o medo de ficar frente a frente novamente com a onça foi maior, resolvemos

procurar alimentos na própria mata. Depois de algum tempo, encontramos uma espécie de maracujá silvestre que era bem azedinho, ingá de metro, e o que realmente encheu nossa barriga, castanha do pará. Ainda bem que conseguimos salvar a mochila dos equipamentos, então tínhamos o facão para conseguir abri-la, a água estava meio difícil, mas conseguimos encontrar um riacho e enchemos nossas garrafas.

Conferimos novamente o mapa, havíamos desviado um pouco do caminho, mas conseguimos encontrar novamente a rota traçada no mapa. Após uma longa caminhada em mata cada vez mais fechada, avistamos uma caverna, olhei para o mapa e vi que estávamos no lugar que deveríamos procurar mais pistas. Entramos, o ambiente era assustador, escuro, cheio de morcego, teia de aranha, tinha várias goteiras que brotavam na parede. Encontramos alguns enigmas que nos ajudariam na busca. De repente, escutamos barulhos um pouco estranhos na saída da caverna, vimos que ela estava desmoronando, corremos o mais rápido possível em direção à saída. Ufa! Foi um alívio quando saímos e vimos que a entrada da caverna foi fechada pelas pedras.

Passamos o final dia na floresta, sem imaginar que havia uma cortina feita de cipós e plantas que nos levaria direto para uma vila no meio do nada. Sem querer, meu amigo tropeçou e passou para o outro lado, fiquei assustado, achei que nunca mais iria vê-lo, mas ao me aproximar, encostei nas folhas e também passei para o outro lado. Então vimos uma pequena vila ainda distante. Seguimos meio receosos, quando nos aproximamos, duas crianças gritaram sobre nossa presença. *Pronto! Agora é nosso fim...* pensei, mas para nossa surpresa a recepção foi calorosa, conversamos com algumas pessoas, recebemos comida, água e abrigo. Passamos ali a noite, estávamos exaustos, o ferimento do Henzo já estava melhorando.

Ao amanhecer, pegamos emprestados dois cavalos e seguimos nossa procura. Não conseguia parar de pensar no que iríamos encontrar. Não demorou muito para chegarmos ao local indicado pelo mapa. No entanto, para a nossa surpresa, só encontramos alguns desenhos no chão que pareciam estar ali há muitos anos, rochas quebradas caídas demonstravam que houve

algum tipo de construção antiga, mas que a natureza já estava se apropriando do local.

Então, entendemos que a cidade perdida era a ruína de uma antiga civilização indígena. Tentamos ver se encontrávamos algum tesouro de verdade, tipo ouro, porém só haviam as rochas. Meu amigo finalmente conseguiu decifrar os enigmas e viu que o tesouro citado no mapa não era ouro e sim a cidade. Talvez haja alguma coisa valiosa por baixo dessas ruínas, mas isso fica para a próxima história.

O tesouro misterioso

Autores: Luis Felipe P. Ramos e Antony M. A. Bueno

Certo dia, quando eu morava na chácara da minha família no interior de Mato Grosso, meus pais precisaram fazer uma viagem de última hora e não puderam me levar. Sozinho (claro que tinha o casal que ajudava na lida da roça) me sentia meio que abandonado, por isso resolvi explorar mais cuidadosamente o ambiente em que vivia. Assim, resolvi olhar o rio que existia no fundo da chácara, lembro que minha mãe nunca deixava chegar perto do rio, tinha medo que acontecesse algo ruim, quando, de repente, me deparei com dois estranhos objetos, uma espécie de lente e um tipo de cilindro.

Curioso, rapidamente voltei correndo para a casa, logo comecei a mexer nos estranhos objetos, localizei uma pequena fissura onde dava para colocar a lente, como já havia assistido vários filmes sobre tesouros perdidos, imaginei que deveria iluminar aquilo com uma lanterna em uma das pontas. Assim fiz, no entanto, nada aconteceu, fiquei curioso e comecei a futricar no objeto, mirei com todos os tipos de lanterna.

Eu estava quase desistindo, quando lembrei de uma pequena lanterna de luz UV no meu chaveiro, ao iluminar o interior do misterioso objeto, imediatamente em seu outro lado saiu um mapa projetado pela luz.

Por ser curioso, organizei minhas coisas para ir explorar no dia seguinte, mas sabia que não poderia ir sozinho seria muito perigoso. Então convidei o meu melhor amigo, Douglas que tinha a mesma idade minha. Também levei minha cachorra Tequila (tinha esse nome devido aos nomes dos pais Caipirinha e Cachaça, é da raça Blue Heeler cinza).

No dia seguinte, acordei empolgado para expedição, meu amigo estava mais ainda, já estava me esperando no rio (mal sabia ele que só estava indo comigo para caso ocorresse um ataque de onça, ele ser comido primeiro... rsrs). Assim a Tequila, eu e o Douglas partimos para nossa exploração que imaginávamos encontrar o “El Dourado”, pois baseado em meus estudos, os símbolos eram claramente Incas, um dos povos que os colonizadores espanhóis mais conseguiram tirar ouro e prata.

Estávamos andando na mata há mais de três horas, a trilha íngreme e o calor insuportável fizeram bebermos toda água disponível, até que chegamos no X onde ficava apenas uma cachoeira. Ficamos olhando em volta e não vimos nada, quase desistimos. Entretanto ao encher o cantil, avistei uma fenda atrás da cachoeira, fui correndo chamar Douglas e Tequila que estavam sempre dispostos.

Quando entramos na caverna fomos andando até o seu final, não era muito comprida. Lá tinha uma pedra bem estranha, percebi que tinha um tipo de fechadura, aparentemente era para colocar um cilindro, lembrei do que eu havia encontrado na chácara da minha família, então coloquei-o na pedra e girei. Assim que girei, abriu uma pequena fenda para colocar a lente que achei junto com o cilindro, retirei o cilindro, tirei a lente dele, inseri na fenda e devolvi o cilindro, mas nada aconteceu. Nervoso, girei novamente, só que com mais força, ouvi um grande estrondo, olhei para o fundo da caverna, uma escadaria apareceu. Resolvemos ir por aquele caminho, ao acabar os degraus nos deparamos com uma grande parede, com uma espécie de painel onde tinha alguns discos para rodar.

Parecia que era para colocar uma senha, acreditávamos que era para rodar os discos, pensávamos que o El Dourado estava atrás dessa porta. Lembrei da trilogia Inca que era o condor, a cobra e o lince, o problema é que ambos apareciam mais de uma vez por linha. Eu o Douglas ficamos sem saber o que fazer, então, simplesmente, alinhamos o lince, a cobra e o condor, mas nada aconteceu, não sabíamos o que fazer... resolvemos lanchar, tirei da mochila um sanduiche para mim e outro para o Douglas, e um potinho de manteiga cheio de ração para Tequila, é óbvio que ela ia querer a mortadela de nossos lanches, eu tentei dizer não, mas não consegui e acabei dando minha mortadela para ela, comi só pão queijo e maionese.

Depois de descansados e saciados, retornamos ao enigma da porta. Douglas teve uma ideia, lembrou que os Incas acreditavam que existiam três reinos: o mundo dos mortos representado pela cobra; o mundo dos homens representado pelo lince e o mundo dos céus representado pelo condor. Em mais uma tentativa, alinhei o condor no disco maior, o lince no disco médio e a cobra no disco pequeno, assim que terminei de alinhar foi como mágica, a

porta se abriu nos revelando uma das mais belas cenas de toda minha vida, uma caverna descomunal, era tão grande que caberia uma cidade do tamanho de Sorriso dentro dela, tinha uma imensa floresta com ipês de todas as cores e inúmeras árvores de diversos tipos de frutas, bem no meio havia um templo e uma vila, entorno dele tudo feito de ouro, nas paredes das cavernas brotavam cachoeiras, seu teto era feito de cristais que brilhavam como o sol.

Descemos por outra escadaria, enquanto descíamos, parei o Douglas porque percebi que a Tequila estava com muito medo, estranhei, pois nunca vi algo que desse medo nela, nem onça ou jacaré. Pedi para ele ir mais devagar, vi que já era quase meio dia. Lembrei que os meus pais iam chegar no dia seguinte à tarde, estávamos no meio das férias de julho, não tínhamos preocupações até então.

Chegamos lá embaixo, seguimos em direção do templo que estava no meio da caverna, mas na metade do caminho já estávamos com fome novamente, pedi para meu amigo para pegar algumas frutas enquanto eu tentava fazer uma fogueira, mandei a Tequila ir caçar, muitos diriam que estava louco, porém, pouco tempo depois, voltou com duas cotovias na boca, pois adora caçar. Enfim, o Douglas chegou com as frutas, para isso confio 100% nele, pois ano passado participou dos escoteiros e a primeira aula foi sobre frutas, é a única que não vou esquecer, ele se gaba por ter sido o melhor do grupo em encontrar frutas.

Nós comemos as frutas, enquanto os pássaros assavam na fogueira, já tinha depenado, tirado as vísceras, o resto, o fogo resolve. Terminamos de comer, enterramos os restos, não queríamos nenhum predador na nossa cola, andamos por um bom tempo até que chegamos bem perto do templo. No mesmo instante, começamos a escutar sons de pessoas, ao chegarmos lá, para nossa surpresa tudo era povoado, era um lugar autossustentável, com suas plantações, fontes de água, assim que fomos avistados ficou um silêncio absoluto, ninguém nem se mexia, até que dois guardas chegaram e nos conduziram ao templo. No caminho, estranhei que não só falavam nossa língua, mas vestiam roupas “normais” como o povo de cima.

Por onde passávamos as pessoas ficavam olhando, ao chegarmos ao templo, o imperador deles começou a nos fazer um monte de perguntas: de onde viemos? Como chegamos? Estávamos sozinhos? Assim que terminei de contar tudo que passamos, foi minha vez de perguntar para ele: como eles vieram parar naquele lugar. O imperador nos contou a história de sua civilização.

Os incas prosperavam antes das chegadas dos colonizadores espanhóis. Quando eles chegaram, começaram a levar todo ouro, seu povo acabou se dividindo em diversos conjuntos de cavernas, espalhados pela América do sul inteira, dentro dessas cavernas desenvolveram produções agrícolas e pecuárias, os cristais forneciam luz para eles, viviam felizes e se outras pessoas descobrissem sobre eles matariam todo o povo para roubar suas riquezas.

Nós entendemos, prometemos guardar seu segredo (nos matariam se não os guardasse), pedimos se podíamos ficar lá até o outro dia cedo, ele deixou. Então, nos apresentamos formalmente, disse que meu nome era Irineu e o do meu amigo era Douglas, pedimos se poderíamos explorar o reino com a companhia de um guarda para não nos perdermos, o imperador consentiu e mandou um de seus guardas conosco. Saímos e nos impressionávamos ao passar nas ruas e ver as paredes de ouro, olhamos as plantações, rebanhos e as cachoeiras, sempre conversando com as pessoas que eram simpáticas com a gente.

De repente, os cristais começaram a escurecer, nós ficamos fascinados, tinha sido o melhor dia de nossas vidas, percebemos que já estava a noite, voltamos ao templo, e o imperador nos mostrou o quarto de hóspedes, o que é estranho, pois tenho certeza que ele recebe muitas visitas, vai saber né. Colocamos nossas coisas no quarto que tinha uma suave iluminação a vela e fomos jantar com o rei, sentamos a mesa, a Tequila do meu lado com os cachorros do imperador. Assim que terminamos de jantar, perguntei ao imperador o que faríamos com a chave depois de ir, ele disse que assim que saíssemos era para fechar todas as portas e destruir as chaves. Ainda enfatizou que mesmo que tenhamos gostado, tínhamos que

destruir de qualquer jeito e nunca contar a ninguém. Mesmo com tristeza no coração, concordamos.

No dia seguinte, fomos embora depois de nos despedir de todos, subimos as escadas, mexemos nos discos e a porta se fechou. Ao chegarmos mais acima, retiramos o cilindro e a lente, o que fechou a outra porta. Voltamos para casa, deixamos as coisas e fomos para o rio, lá peguei uma pedra grande e destruí completamente o cilindro, concordamos que nunca falaríamos disso para ninguém. Douglas foi para casa dele e eu fui para a minha. Cheguei, tomei um banho e vi que tinha muita louça pra lavar até meus pais chegarem.

O mistério do passado

Autoras: Gabryella M. Novaes e Maryane A. Bossa

Num certo dia de chuva, Letícia estava indo de bicicleta para escola, pois tinha que apresentar um trabalho e não podia faltar. Chegou lá toda molhada, foi ao banheiro para se enxugar. Ao entrar deu de cara com uma menina que nunca tinha visto na escola, ela com pressa nem dá bola, logo em seguida vai para a sala de aula, entra e segue ao encontro de seus colegas de trabalho. De repente, ao olhar para o lado, vê a menina do banheiro entrando na sala, a menina se senta numa cadeira em frente à de Letícia.

Como de costume, a professora pediu para a aluna nova se apresentar, a menina disse que seu nome é Gabryella, que veio de Cascavel no Paraná, com sua mãe e seu pai. Depois disso, a professora pediu para eles apresentarem o trabalho, algumas equipes começaram a apresentar e Letícia viu que ela estava perdida, decidiu chamá-la para ajudar no trabalho. Gabryella ajudou na apresentação. Ao terminar a aula, veio o recreio, todos saíram da sala, Gaby estava sozinha no recreio, pois não tinha amigos, Letícia vendo-a sozinha, procurou-a para fazer companhia.

Dias se passam e a amizade só vai aumentando, no final da aula Letícia chama Gaby para passar a tarde em sua casa. Quando chega à casa de Letícia, Gaby vê que ela está triste, então pergunta o que aconteceu, chorando Letícia diz que sua bisavó estava muito doente. Gabryella muito comovida, consola sua amiga.

Letícia pergunta se ela quer conhecer sua bisavó, muito empolgada faz que sim com a cabeça. Assim, vão ao quarto dela para conversarem. Joana (bisavó de Letícia) contou a vida dela praticamente inteira, neste passar de tempo já tinha escurecido, e mãe de Gabryella estava para buscá-la. No dia seguinte, Letícia não foi à escola, Gaby fica preocupada. Quando chegou em casa, logo ligou para saber o motivo. Muito triste, Letícia fala que sua bisavó foi internada no hospital muito mal. Gabryella então resolveu ir até ao hospital. Chegando lá, observou que Letícia estava muito triste, então Gaby senta ao lado dela, dá-lhe um abraço e diz que vai ficar tudo bem.

De repente, a mãe de Letícia chegou e disse que sua bisavó estava chamando as duas. Quando Joana as viu, chamou elas para chegarem mais perto e falou que queria contar um segredo. Depois entregou-lhes uma chave que dava acesso ao maior segredo dela, “um tesouro” que ganhou de um namorado antigamente. As meninas assustadas pegaram a chave, mas o médico entrou no quarto interrompendo a conversa e pediu para que elas saíssem. Sem falar nada, não tendo noção do que estava acontecendo, elas se despedem.

No dia seguinte, Gabryella acordou com sua mãe informando-lhe que a bisavó de Letícia faleceu. Chorando, pediu para que sua mãe a levasse para casa de Letícia. Chegando lá, consolou-a mais uma vez, só que desta vez não teve jeito, até Gaby chorou.

Dias se passam e a dor de uma perda vai se diminuindo aos poucos. As amigas se viam com frequência, gostavam de ficar no quarto que era da bisavó de Letícia, recordando suas histórias. Até que num momento, Gaby viu a chave e lembrou do ocorrido no hospital. Decidiram procurar pelo quarto algo que pudesse dar alguma pista sobre chave. Procuraram... procuraram... até ao anoitecer. De repente, Letícia cansada, desabafa que não ia dar em nada aquela procura.

Gabryella brava, vai embora.

No dia seguinte, elas se cruzaram na escola e não falaram nada. Isso foi acontecendo durante dias, semanas, meses... Nas férias, Gaby passou uns dias na sua cidade natal para rever seus parentes. Num almoço de domingo, sentou-se ao lado de seu bisavô e começaram a conversar sobre o passado. A conversa foi ficando interessante, ele disse que antigamente teve uma namorada muito importante pra ele, mas no dia que iam se casar, o pai da namorada levou-a embora para o Mato Grosso. Gaby perguntou como era o nome dessa namorada, João respondeu que ela se chamava Joana e que um dia antes do casamento, deu uma joia muito rara e valiosa para ela. Gabryella ficou intrigada com a história, logo depois seu pai chamou-a para voltarem.

No caminho para casa, Gaby continuou muito pensativa, será mesmo que a bisavó de Letícia foi essa tal namorada de seu bisavô João. Chegando em sua casa não se conteve de curiosidade e correu para casa de Letícia. Encontrou Letícia sentada na varanda que se assustou com a vinda dela. Ansiosa, Gaby contou tudo de uma vez. Depois disso, elas ficaram caladas, então Gaby concluiu que precisam encontrar essa joia tão importante para seu João. Letícia animada diz que sim. Elas começam a procurar por toda a casa de Letícia.

Alguns dias se passam e nada de encontrar o anel, elas entram novamente no quarto de Joana, Gaby pisou numa parte oca, chamou Letícia para ver, curiosas procuraram a mãe da Letícia para saber o que era. Ela lembrou que quando tinha construído a casa, fizeram um porão, mas só a Joana tinha entrado lá porque guardava suas coisas antigas. Letícia perguntou se ela tinha a chave e sua mãe disse que sim. Ansiosas, as amigas pegaram a chave e abriram a porta, quando chegaram, encontraram muita sujeira. Decidiram limpar e organizar o ambiente, aproveitando para começar à procura pelo anel. Após algum tempo, encontraram o anel de ouro, no centro havia uma pedra de rubi e ao seu redor diamantes, com um texto enorme com lindas palavras de amor.

Gaby ligou para seus parentes de Cascavel e pediu que viessem visitá-la. Passados alguns meses eles foram. João não tinha ideia da surpresa que as meninas estavam preparando... Então, elas reuniram as duas famílias para um almoço, contaram a história e entregaram o anel para seu João. Ele ficou muito emocionado e feliz, pois amava muito a Joana. Entretanto se recusou a ficar com o anel, doou para Gabryella e Letícia que tiveram tanto trabalho para encontrá-lo. As meninas nem sabiam o que dizer de felicidade, aceitaram o presente que acabou sendo o símbolo da amizade delas.

Lenda do eldorado

Autores: Ramiro Z. Santana, Eder F. C. Queiroz e Johnata F. D. Zeferino

Contam uma história antiga, da lenda da tribo Shakishai que no bosque dos pinheiros ao sul da vila Paiacó há um grande tesouro. Ninguém sabia o que havia lá, todos queriam ir, porém não conseguiram voltar mais e isso despertou a curiosidade de um jovem Pitter.

Pitter nasceu na aldeia Paiacó, cresceu ouvindo histórias de aventuras que vinham de diferentes lugares do mundo, contadas pelo seu pai que aprendeu a língua dos brancos e conseguia ler os livros recebidos da cidade. Pitter – que teve seu nome tirado de um livro lido pelo seu pai – foi crescendo com uma louca vontade de desvendar o mistério da lenda dos Shakishai, lenda que não foi tirada de um livro e sim contada pelo pajé da tribo. Então, Pitter ao atingir 17 anos, sente-se preparado para desvendar os mistérios da lenda, para isso reuniu-se com os anciões da tribo e elaboraram um plano ambicioso.

Ele resolveu chamar seu melhor amigo, o Piatã (o nome já correspondia a personalidade dele, significa “homem forte”). Pensou em chamar outros, mas preferiu Piatã por ser fiel e companheiro. Piatã tinha a mesma idade de Pitter, eram amigos desde infância, ele tinha espírito aventureiro, adorava novas experiências, aceitou entusiasmado o convite do amigo.

Na oca de Pitter, organizaram suas mochilas com os materiais para sua aventura. Iniciam a jornada com uma caminhada longa, até o primeiro ponto de acampamento, como o sol já estava se pondo, estenderam os sacos de dormir e repousaram.

Na manhã seguinte, continuaram a caminhada de boa, horas depois eles se depararam com precipício, não tiveram outra alternativa a não ser descer o paredão escorregadio com ajuda de cordas que haviam levado em suas mochilas.

Depois de prepararem suas cordas, os amigos começaram a descer. Até aí estava tudo bem, quando, de repente, Piatã olhou para baixo no precipício, se apavorou e começou a escorregar até cair. Durante sua queda, bateu a cabeça contra a rocha, desmaiou e ficou suspenso do paredão. Pitter, assustado com a queda, desceu rapidamente para socorrer o amigo, cuidadosamente pegou-o bem devagar e o conduziu até o chão em segurança.

Passado algum tempo, Piatã acorda um pouco tonto, Pitter sem saber o que fazer, dá um pouco de água. Após Piatã melhorar, continuaram a caminhada, depois de algumas horas, deparam-se com uma velha cabana que parecia ser da tribo Shakishai.

Chegando lá, procuraram pelo tesouro, mas só encontraram duas correntes de ouro. Sem saber o que fazer com aquilo, resolveram deixá-las no mesmo lugar, pois para eles não interessava o ouro e sim a aventura vivida.

A minha história

Autora: Maysa Alves dos Santos

Minha história teve início quando eu tinha 17 anos. Era no ano 2000, morava em Sinop/Mato Grosso. Meu nome é Caitlyn, sempre amei aventuras, explorar cavernas e conhecer novos lugares. Até que um dia, quando estava voltando de uma floresta, ouvi boatos de dois moradores da região sobre uma floresta amaldiçoada, com muitos tesouros que um pirata havia escondido, como não acreditei de primeira, vi que era apenas um mito, fui caminhando para casa.

Após chegar, parei para pensar sobre esse mito, e se fosse real? E se alguém já tentou procurar? Decidi sair em busca dos dois moradores que tinha visto mais cedo. Encontrei-os na frente de uma casa, não resisti e perguntei:

– Desculpe incomodá-los nessa hora, como é o nome de vocês senhores?

– Eu me chamo Felipe e esse é meu irmão, Junior. O que você quer a essas horas senhorita?

– Eu ouvi os senhores falando sobre um tesouro perdido ao norte da cidade, gostaria de saber um pouco mais sobre esse assunto.

–Tudo bem senhorita, entre, está frio aqui fora, tenho muito o que falar para você.

–Muito obrigada por sua generosidade.

–Quando éramos crianças, eu e o Junior gostávamos de explorar lugares diferentes com nosso avô. Num certo dia, ele nos deixou um mapa e saiu para nunca mais retornar. Esperamos ele por muito tempo, acreditávamos que um dia voltaria. Agora já estamos velhos e só podemos lamentar.

–Muito triste saber isso dos senhores, meus pêsames.

–Tudo bem, a gente já se acostumou, mas vamos a história do tesouro. Meu avô dizia que o tesouro era bem protegido por armadilhas e insetos muitos contagiosos, se você quiser ir lá, é melhor tomar muito cuidado o local onde pode ser que esteja o tesouro escondido é passando pelo cemitério, seguindo

o norte, você vai ver a floresta logo à frente. Já que você gosta muito de exploração, te darei o mapa do meu avô, quero que você cuide dele como se fosse sua vida.

–Cuidarei sim, disse eu. Muito obrigada por tudo, se eu voltar viva de lá, trarei um presente para vocês.

Assim me despedi deles, segui caminho de casa para arrumar minhas coisas e ir atrás desse misterioso tesouro. Peguei cordas, minha Katana, uma espada antiga Japonesa caso tivesse algo perigoso além de insetos. Peguei bastante água, comida, um mini fogão para fazer alguma coisa a mais, além da minha barraca e meu colchão de ar. Enfim, tudo que um explorador precisa, entretanto lembrei que mesmo sendo experiente em explorações, não conhecia muito espécies de insetos venenosos.

Então, recordei-me de um amigo que conhecia insetos melhor que qualquer um, seu nome era Thomas, nos conhecíamos desde nossa infância, ele já havia morado em frente da minha casa. Sem pensar duas vezes, fui chamá-lo para irmos juntos. Mesmo explicando tudo a ele, Thomas achou que eu estava louca, mas concordou em ir comigo. Arrumou as coisas dele e partimos logo cedo, pois o “suposto lugar” onde estava o tesouro era localizado há uns 25 quilômetros dentro da floresta. Pegamos o meu jipe, seguimos caminho até o cemitério para entrar na floresta e seguir a pé.

– Pelos meus cálculos, vamos levar muito tempo, se a gente não morrer antes, né Thomas!?!

–Talvez, disse Thomas.

Eu estava bem assustada, nunca tinha feito esse tipo de exploração tão perigosa na minha vida e pelo o que soube, muitos exploradores, até de outros países, vieram a procura desse tesouro e nunca mais voltaram.

Entramos na floresta, eu estava sempre de olho no mapa, aquilo estava muito estranho porque tinha um sol e uma lua desenhados no mapa, uns bichos meio estranhos, metade peixe e humano, algo sem sentido. Após aquela floresta, no mapa havia um tipo de rio bem extenso. Passamos o dia caminhando, estávamos exaustos, fui montando minha barraca, pois estava

quase anoitecendo. Peguei um lanche que havia feito para mim e o Thomas, comemos e fomos dormir.

Mesmo cansada, não estava conseguindo dormir. Acabei me levantando e fui caminhar um pouco, peguei meu mapa e uma lanterna porque estava um breu, não dava para ver nada, fui seguindo o mapa que dava direto no rio ou lago que tinha a imagem de um peixe e um humano, estava tão concentrada que nem olhava para o chão, acabei caindo num buraco e bati a cabeça. Devo ter ficado inconsciente por alguns minutos, quando acordei, vi que estava em uma espécie de caverna subterrânea, havia um lago com uma água bem clara e cristalina, fui iluminando e percebi um símbolo de um tridente no meio do lago, parecia ser feito de diamante.

Ainda estava meio tonta, de repente, senti que alguém tinha me empurrado para debaixo da água, pensei que era o meu fim, senti as últimas batidas do meu coração quando um bicho com cauda e corpo humano tocou em mim e eu consegui respirar novamente. Eu estava muito assustada, de começo pensei que tinha batido forte demais a cabeça, mas depois vi que era real.

Fiquei imaginando se era o Aquaman, aquele super-herói da liga da justiça, ou uma sereia, ou tritão, não como um humano com nadadeiras. Estava muito desesperada, o bicho me levou para fora e falou que o nome dele era Marlim e que era o guardião da caverna. Eu, achando que estava louca, mas não, aquilo era real demais, não parecia ser loucura minha. Ele disse que guardava o tesouro há séculos, antes mesmo de terem construído aquela cidade. Também contou que um tal de pirata cujo nome era Lith, o infernal, deixou o tesouro lá e se matou, colocando uma maldição em quem o tocasse, pois estaria destinado a ficar preso naquela caverna para sempre. E estou aqui há mais de anos, me arrependo muito de ter vindo para esse lugar terrível, disse Marlim.

Parei para pensar, ele parecia ser o avô de Junior e Felipe, perguntei-lhe se era o avô deles. Infelizmente o que pensei estava certo, ele era mesmo o avô deles, mas estava mais jovem, parecia ter minha idade.

Ele me disse que a água era sagrada e fazia com que as pessoas não envelhecessem, disse também que foi um erro ter ido para aquele lugar onde estava o tesouro, só por ambição.

Antes de partir, Marlim me deu uma carta falando tudo o que ocorreu com ele e me pediu para que eu entregasse aos seus netos. Se despediu com um simples "Adeus" e "Obrigado".

Eu acordei na barraca, toda suada, estava com uma carta na mão, porém o mapa tinha sumido. Chamei o Thomas, disse que devíamos sair dali urgente.

– Por que você quer ir assim do nada Caitlyn? Disse Thomas.

– Porque tenho uma tarefa a fazer, eu disse.

Então fomos à procura de Junior e Felipe, entreguei-lhes a carta, como se estivesse dando um presente muito valioso.

Fui caminhando para casa, pensando em tudo o que tinha acontecido, parecia que não passava de um sonho estranho. Aqui termina minha história, onde nós, seres humanos, temos muito o que descobrir.

John e o amuleto sagrado

Autoras: Kimberly V. E. Ribeiro, Rafaela M. Moraes e Luana P. Mariano

Na cidade de Sinop, em uma época não muito fácil de se criar filhos, nasceu um garoto, cujo os pais deram o nome de John. Os anos foram passando e a cada ano, aquele garoto mais curioso ficava, adorava se aventurar em busca de tesouros perdidos, seu avô Kayapó costumava contar histórias ao menino, as quais pareciam reais que atiçavam a mente do garoto.

Porém, após vários tratamentos, seu avô acabou morrendo de câncer, o que deixou toda família abalada, principalmente John, que era muito apegado a ele. Alguns dias depois do enterro, John desceu até o porão, ali conseguia sentir a presença de seu avô que costumava passar longo tempo naquele lugar.

Começou a mexer nas coisas e pisou numa madeira meio solta, puxou-a, encontrou um diário escondido e decidiu lê-lo. Na primeira página contava a história do amuleto sagrado, o qual havia pertencido a tribo Kaxinawá, que era conhecida pela sua prosperidade e força de seus guerreiros, tornando a mesma muito cobiçada, pois os brancos acreditavam que o amuleto tinha o poder de tornar prósperos os que o tivessem.

Diante disso, o Cacique da tribo decidiu escondê-lo para a proteção de seu povo, antes fez um desenho e um mapa do local. Como previsto, a tribo foi atacada e quase todos morreram, restou apenas uma família, a Katybaya, que havia saído para caçar e quando voltou encontrou o restante de sua tribo mortos. Kayapó também sobreviveu, pois se escondeu na mata. Então foi acolhido pela família Katybaya que resolveu mudar e morar com outra tribo, levando as poucas coisas que sobraram num baú.

Alguns anos se passaram, Kayapó cresceu brincando com Morimã, uma linda índia da família Katybaya, mas a amizade estava se transformando em amor, até que um dia ele tomou coragem e a pediu em namoro, depois para o casamento foi um pulo.

O tempo passou e o casal teve um filho que foi recebido com muito amor pela família. Num certo dia, Kayapó encontrou o baú que estava esquecido numa oca que servia como depósito, abriu-o e viu o desenho e o mapa do amuleto. Kayapó conversou com sua esposa, então resolveram sair da tribo à procura do amuleto. Para isso, precisaram se distanciar do local onde ficava a tribo e foram morar na cidade, numa casinha simples construída por Kayapó que tinha esperança de encontrar o tal amuleto sagrado. No entanto, devido a uma doença grave, Kayapó desistiu da sua busca. Essa foi a última página do diário.

Sabendo disso, John pegou o desenho e o mapa, colocou-os em uma mochila com uma coberta e alimentos, e foi para a floresta. Horas se passaram dentro da mata, John olhou o mapa e viu o X a sua frente onde havia dois caminhos, o qual tinha que escolher um.

Ele entrou em um dos caminhos, mas pensou em desistir pois havia muitas dificuldades ali, tropeçou em uma pedra, a qual fez cair sobre ele uma rede, por sorte havia levado um canivete, conseguiu cortá-la. Continuou seguindo caminho, percebeu que a mata estava ficando cada vez mais fechada, quando se aproximou para procurar um lugar para atravessar, viu que as plantas formavam o desenho do amuleto, tocou-o, então as plantas foram abrindo uma passagem secreta.

Neste lugar haviam flores lindas, plantações e muitas árvores, tinha um tapete e embaixo dele existia uma entrada, abriu-a, desceu as escadas, lá encontrou muitas joias raras e uma caixinha linda. Como John era curioso, abriu e viu um amuleto. Porém, no mesmo instante, chegou um grupo de indígenas. John ficou com muito medo. Então, um dos indígenas, chamado Kaisá, falou:

___ Somos da tribo Kaxinawá, esse tesouro pertence a nós, há anos estamos à procura dele. John respondeu:

___ Sou o neto de Kayapó, encontrei diário dele e resolvi continuar suas buscas pelo amuleto.

_ Conhecíamos ele, pois era membro da nossa tribo, mas o tesouro é nosso e vamos ficar com ele. Você terá duas escolhas, ficar na nossa tribo ou

vamos ter que te sacrificar, pois você encontrou o caminho que leva ao amuleto. John parou e pensou... e disse queria fazer parte da tribo, mas teria que buscar sua família. Então ele segue para cidade para convencer seus pais a se mudarem.

Ao vê-lo, sua mãe e seu pai correm e o abraçam, perguntando o que havia acontecido. John conta o que aconteceu, e fala sobre o convite ou melhor, intimação de Kaisá. Seu pai diz que seria interessante voltar a terra de seus antepassados, sua mãe também concorda, depois de alguns dias eles partem para a tribo. Após se instalarem na tribo, John conhece Aíxa, filha de Kaisá, por quem se apaixona e se casa. Algum tempo depois tiveram um filho, chamado Levi que cresceu ouvindo a história de seu pai. Diz o garoto que ainda vai viver uma grande aventura como seu pai viveu.

Anos se passam, Levi já rapaz estava andando pela floresta quando encontrou um amuleto em formato de estrela, assim começa uma nova aventura...